

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA**

SILVIA BARBOSA RIBEIRO

**MERCADO DE TRABALHO CRIATIVO NO BRASIL: PERSISTÊNCIA NAS
OCUPAÇÕES E ANÁLISE DOS SALÁRIOS DOS INDIVÍDUOS OCUPADOS**

Porto Alegre

2024

SILVIA BARBOSA RIBEIRO

**MERCADO DE TRABALHO CRIATIVO NO BRASIL: PERSISTÊNCIA NAS
OCUPAÇÕES E ANÁLISE DOS SALÁRIOS DOS INDIVÍDUOS OCUPADOS**

Dissertação de submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Economia, área de concentração: Economia Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Sabino da Silva Porto Júnior

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Ribeiro, Silvia Barbosa

 Mercado de trabalho criativo no Brasil:
Persistência nas ocupações e análise salarial dos
indivíduos ocupados. / Silvia Barbosa Ribeiro. --
2024.

 86 f.

 Orientador: Sabino da Silva Porto Júnior.

 Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Economia, Porto Alegre,
BR-RS, 2024.

 1. Mercado de Trabalho. 2. Economia Criativa . 3.
Indústrias Culturais e Criativas . 4. Ocupação
Criativa . I. Porto Júnior, Sabino da Silva, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SILVIA BARBOSA RIBEIRO

**MERCADO DE TRABALHO CRIATIVO NO BRASIL: PERSISTÊNCIA NAS
OCUPAÇÕES E ANÁLISE DOS SALÁRIOS DOS INDIVÍDUOS OCUPADOS**

Dissertação de submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Economia, área de concentração: Economia Aplicada.

Aprovada em: Porto Alegre, 20 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sabino da Silva Porto Júnior – Orientador
UFRGS

Prof. Dra. Angélica Massuquetti
UNISINOS

Prof. Dr. João Plínio Juchem Neto
UFRGS

Prof. Dr. Stéfano Florissi
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Se fosse possível voltar ao passado e se eu contasse para a Sílvia criança ou adolescente que seguiríamos a carreira acadêmica como economista um choque total e completo era capaz de me desviar do caminho. As vezes eu ainda me pasmo com o rumo que minha vida tomou.

Quando criança não tinha muito interesse no mundo real. Harry Potter era meu melhor amigo (continua sendo), queria ser artista, designer, desenhista ou qualquer outra ocupação que envolvesse criatividade e me levasse para outra realidade. Dentre elas a moda se destacou, por ter duas avós costureiras, desde criança vivia em meio de moldes, tecidos e a minha maior certeza era que faria faculdade de moda. Meus pais sempre incentivaram até porque sou muito decidida e quando tinha um papel Canson e uma máquina de costura nada me parava.

Na época de escolher a profissão eu tinha dois sonhos: estudar moda e belo horizontina que sou, estudar na UFMG. Porém, queria fazer moda em uma faculdade que já era reconhecida e optei por escolher outro curso na UFMG. O choque no rosto de todos que conhecem quando falei que iria cursar economia refletia o meu próprio. Entrei nos dois cursos, por muito tempo fui a menina que faz moda na FACE e nunca esquecerei meu primeiro dia de aula na economia que me perguntaram o porquê escolhi esta faculdade e respondi que na escola minhas melhores notas eram em matemática geografia e história, matérias da segunda etapa do vestibular.

O caminho foi tortuoso e por 3 anos sentia que não estava lá nem cá, até que entendi que precisava focar em uma coisa só e mais uma surpresa quando resolvi que ia deixar moda de lado faltando pouco tempo para formar. Não sei explicar muito bem a razão acho que parei de ver a moda como uma possibilidade de trabalho e gostava muito de ir até a UFMG. O problema é que não estava indo bem na faculdade de economia e não sabia minhas possibilidades na área. Tratei de me envolver com o que a universidade poderia me oferecer, estágios, empresa júnior, eventos, iniciação científica, que foi meu primeiro contato com a pesquisa. Me apaixonei de cara com as infinitas possibilidades que a pesquisa me ofereceria, mas ainda achava as matérias de economia, no geral, muito chatas.

Até que, de uma forma que não consigo colocar em palavras, em um momento difícil da minha vida pessoal, reencontrei minha professora de Economia 1, a professora Ana Flávia. A Ana me estendeu a mão, me colocou nos trilhos e ensinou a caminhar nesse processo da vida acadêmica. Me apresentou a Economia da Cultura, que foi a minha porta de entrada para

me encantar com a Economia com um todo. Me deu um tema de pesquisa, me orientou na graduação e até hoje sempre se mostrou disponível para auxiliar. Ana, agradecerei sempre pois foi através dos seus ensinamentos que entendi que seria capaz de unir uma carreira profissional que eu gosto com meu apreço à cultura e a criatividade. E a partir de então tudo mudou, meu foco mudou, minha vontade mudou e resolvi que iria seguir da graduação ao mestrado acadêmico (o terceiro grande choque a mim mesma e meus conhecidos).

A partir de então se inicia de fato o meu processo na Economia, passar na ANPEC e entrar no mestrado. A ANPEC não é uma prova fácil e por muitas vezes acredito ser controversa. Pessoalmente foi um momento de muito crescimento, foi quando de fato aprendi a estudar com qualidade, me dedicar e entender que na vida acadêmica o que você conhece depende do quanto você estuda e estudar é o principal meio para não viver na ignorância. Parece obvio, mas quando mais jovem, era muito imediatista então foi um momento de perceber que algumas conquistas vêm com o tempo.

Escolhi a UFRGS e acredito que não haveria escolha melhor. Aqui, entrei com outra mentalidade e total foco e determinação. Senti que na graduação fui muito difusa e queria aproveitar a qualidade do centro em métodos quantitativos para cursar todas as disciplinas possíveis. Agradeço a todos os professores do PPGE que sempre mostraram muita técnica e paciência, não davam o peixe, mas ensinaram a pescar. Com certeza um dos pontos mais altos da minha formação aqui foi o relacionamento com os professores que se mostraram muito disponíveis em todos os momentos. Na UFRGS, eu aprendi que gosto de estudar e amo ir às aulas.

Em especial, agradeço a disponibilidade do meu querido professor orientador Sabino. O professor ministrava as disciplinas em que tinha mais interesse no PPGE e topou me orientar. Mantivemos um contato próximo ao longo deste processo, me passou dicas muito valiosas sobre o rigor acadêmico nas pesquisas e a importância da pesquisa empírica. O prof. Sabino sempre soube apontar com delicadeza as fragilidades da minha pesquisa e da minha escrita incentivando sempre a busca do conhecimento. Juntos, conseguimos transformar uma ideia em uma pesquisa. Professor, sou muito grata pela sua orientação em todo este processo, seu acompanhamento me fez crescer como aluna e pesquisadora e tenho você como exemplo para o tipo de professora que desejo ser.

Durante o mestrado o incentivo dos meus colegas também foi essencial. Agradeço aos meus amigos Reinaldo, Rochelle, Ramon, Brida, Gustavo, Larah e Marcos que dividiram os sofrimentos, compartilhavam as alegrias e me ajudaram a transformar Porto Alegre em uma casa.

Agradeço ainda às minhas amigas e colegas e profissão Carol e Mariângela que nunca mediram esforços para me ajudar e são ótimas parceiras de trabalho. Além de me ensinarem programar no STATA, me passaram referências imprescindíveis para o meu processo de entrada e conclusão do mestrado. Me incentivam a escrever, a produzir e acima de tudo são ótimas companheiras de vida, seja para tomar um bom vinho ou uma cervejinha do trabalhador. Meninas, além de ter vocês como exemplo tenho uma satisfação enorme de poder chamar vocês de amiga.

Agradeço aos meus amigos e familiares de BH, que mesmo com a distância se fazem presentes e me dão todo suporte emocional para conquistar meus objetivos. Agradeço ao Pedro, por dividir o mesmo neurônio comigo.

Agradeço ao Walef, por ser meu parceiro mesmo nos momentos de desespero e ainda me fazer rir. Ainda bem que atrasei a finalização do mestrado.

Agradeço a meus pais que me apoiaram em todas as minhas escolhas, por mais loucas que elas pareciam na época. Agradeço todo o apoio emocional e ao auxílio financeiro que me permitiu focar totalmente em meus estudos. Agradeço não apenas esta etapa, mas por toda a educação que me deram. Agradeço por serem meus amigos, mas agradeço ainda mais por serem Pai e Mãe.

Por fim, mas talvez o mais importante, agradeço à minha irmã Raquel, por existir. Você sempre será a minha número 1. Te amo

RESUMO

Esta dissertação explora a dinâmica do mercado de trabalho na economia criativa brasileira, com um enfoque particular nas características ocupacionais e seus impactos no desenvolvimento setorial. A análise utiliza dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (PNADC) de 2012 a 2022, aplicando modelos logit e multinomial para examinar os determinantes da permanência em ocupações criativas e as transições para atividades não criativas. Os resultados encontrados em todos os modelos revelam uma convergência entre os fatores mais significativos que influenciam as avaliações no mercado de trabalho criativo. Esses fatores incluem: permanecer na mesma ocupação no período anterior, alcançar níveis de escolaridade de ensino médio completo ou ensino superior, manter um vínculo trabalhista informal, residir em áreas metropolitanas e pertencer à região sudeste. Essas conclusões reforçam a importância desses elementos como impulsionadores das dinâmicas do mercado de trabalho e destacam a importância de considerar aspectos demográficos na formulação de políticas públicas para o setor. Em termos de remuneração, os resultados indicam que os rendimentos são significativamente maiores para homens e para indivíduos residentes em áreas metropolitanas, com uma vantagem salarial acentuada nos setores criativos comparados aos não criativos. A experiência de trabalho eleva os rendimentos mais substancialmente na economia criativa do que no restante da economia brasileira, sugerindo que a acumulação de capital humano é particularmente valorizada nestes setores. Além disso, a análise setorial detalha como diferentes regiões do Brasil influenciam os salários, com os centros urbanos oferecendo melhores condições salariais devido à sua capacidade de promover e reconhecer a inovação. O modelo Kaplan-Meier foi aplicado para avaliar a probabilidade de permanência no emprego ao longo do tempo, indicando que a escolaridade e o tipo de vínculo trabalhista são fatores críticos. Trabalhadores com vínculos formais e aqueles com um nível de escolaridade mais elevado tendem a ter uma maior probabilidade de permanência no emprego. As curvas de sobrevivência mostram que, enquanto os trabalhadores com vínculos informais enfrentam maior instabilidade, aqueles em posição de empregador demonstram a menor probabilidade de transição para a desocupação. Por fim, esta dissertação contribui para uma compreensão mais profunda das complexidades do mercado de trabalho na economia criativa, sublinhando a necessidade de abordagens políticas que considerem as nuances educacionais, demográficas e regionais. Estes insights podem orientar decisões políticas que visem fortalecer e sustentar o

crescimento da economia criativa no Brasil, reconhecendo seu potencial como motor de desenvolvimento econômico e social.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Economia criativa. Indústrias culturais e criativas.

ABSTRACT

This dissertation explores the dynamics of the labor market in the Brazilian creative economy, with a particular focus on occupational characteristics and their impacts on sectoral development. The analysis utilizes data from the National Continuous Household Sample Survey (PNADC) from 2012 to 2022, applying logit and multinomial models to examine the determinants of staying in creative occupations and transitioning to non-creative activities. The research revealed that factors such as educational level, type of employment contract, and geographic location are essential for understanding employment dynamics in the sector. Black workers and women are more likely to remain in creative occupations, especially in sectors such as IT, Architecture, Advertising, and Performing Arts. This result highlights the importance of considering demographic aspects in public policy formulation for the sector. In terms of remuneration, the results indicate that earnings are significantly higher for men and individuals residing in metropolitan areas, with a marked salary advantage in creative sectors compared to non-creative ones. Work experience increases earnings more substantially in the creative economy than in the rest of the Brazilian economy, suggesting that the accumulation of human capital is particularly valued in these sectors. Additionally, the sectoral analysis details how different regions of Brazil influence wages, with urban centers offering better salary conditions due to their ability to promote and recognize innovation. The Kaplan-Meier model was applied to assess the probability of employment permanence over time, indicating that education and type of employment contract are critical factors. Workers with formal contracts and those with a higher level of education tend to have a higher probability of job permanence. Survival curves show that while workers with informal contracts face greater instability, those in an employer position demonstrate the lowest probability of transitioning to unemployment. In conclusion, this dissertation contributes to a deeper understanding of the complexities of the labor market in the creative economy, underlining the need for policy approaches that consider educational, demographic, and regional nuances. These insights can guide policy decisions aimed at strengthening and sustaining the growth of the creative economy in Brazil, recognizing its potential as an engine of economic and social development.

Keywords: Labor market. Creative economy. Cultural and creative industries.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	13
2.1	REVISÃO TEÓRICA.....	13
2.2	REVISÃO EMPÍRICA.....	18
3	BASE DE DADOS E CARACTERÍSTICAS DESCRITIVAS.....	24
3.1	BASE DE DADOS.....	24
3.2	ALGUMAS CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DA ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL.....	27
4	METODOLOGIA.....	34
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	38
5.1	LOGIT BINÁRIO.....	38
5.2	LOGIT MULTINOMIAL.....	46
5.3	EQUAÇÃO MINCERIANA.....	53
5.4	MODELO DE SOBREVIVÊNCIA KAPLAN-MEIER.....	62
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS.....	69
	APÊNDICE A – TABELAS CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DESCRITIVAS DA ECONOMIA CRIATIVA.....	72
	APÊNDICE B – CURVAS KAPLAN-MEIER PARA OS SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA.....	76
	ANEXO A – QUADRO 1: VARIÁVEIS EXPLICATIVAS DA PNADC/T.....	78
	ANEXO B – SETORES CRIATIVOS SEPARADOS POR CÓDIGO CNAE 2.0.....	79
	ANEXO C – OCUPAÇÕES CRIATIVAS SEPARADAS PELA CBO.....	80
	ANEXO D – RESULTADOS LOGIT MUNTINOMIAL MODELO 3 E MODELO 4.....	81
	ANEXO E – RESULTADOS LOGIT BINÁRIO PARA TODOS OS SETORES.....	82

1 INTRODUÇÃO

As Indústrias Culturais e Criativas e seus componentes são comumente representadas como um fator propulsor do desenvolvimento econômico nos diferentes níveis regionais (Petrova, 2016; Throsby, 2008). Os trabalhadores da economia criativa, em geral, são intensivos em capital humano exibindo altos níveis de escolaridade (Lazzaretti *et al.* 2013; Menger, 2006; Ribeiro; Borges; Antigo, 2022). As indústrias criativas também utilizam do capital criativo dos trabalhadores para promover inovação nas próprias indústrias e em outros setores da economia (Potts, 2009; Potts; Cunningham, 2008). Porém, qual a taxa de permanência ou de persistência do emprego nas ocupações criativa? Quais fatores influenciam a dinâmica dos salários praticados nos diversos subsetores que compõem a economia criativa brasileira?

Assim, para responder essas e outras questões, o principal objetivo desta pesquisa é avaliar as características dos ocupados na Economia Criativa para entender como o tipo de atividade desempenhada pode agregar aos setores criativos, bem como a sua participação em outros setores, se as ocupações criativas são mais bem remuneradas e se estes trabalhadores têm maior probabilidade de permanecer no emprego.

A categorização das atividades produtivas da economia criativa é fundamental para compreender seu alcance e impacto. Inicialmente as atividades criativas foram definidas no relatório do Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido – DCMS - de 1998 (United Kingdom, 1998), posteriormente outras organizações como a UNESCO (2022), UNCTAD (2010, 2022) e a atualização do relatório DCMS (United Kingdom, 2016) também contribuíram com listas atualizadas de categorias setoriais.

Recentemente, o relatório da UNCTAD (2022) destaca a evolução do conceito de criatividade, sublinhando a interação entre capital humano, propriedade intelectual e tecnologia. Esse conceito está em constante expansão, abrangendo desde as atividades tradicionais, como artes e design, até setores emergentes, como software e publicação eletrônica. A economia criativa tem se mostrado capaz de gerar crescimento econômico e criar empregos, tanto globalmente quanto no contexto brasileiro, onde o Observatório do Itaú Cultural (2023) utiliza uma metodologia que combina a lista do DCMS (United Kingdom, 2016) e as classificações nacionais, permitindo a categorização das atividades produtivas para o caso brasileiro.

Segundo o relatório do Observatório do Itaú Cultural (2023) que segue a tabela da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)¹ e a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)², a força de trabalho criativa no Brasil pode ser classificada dentro das atividades produtivas que se enquadram e se subdividem em categorias que incluem: publicidade e marketing, arquitetura, artesanato, design, filmes, TV, vídeo, rádio e fotografia, jogos digitais e softwares, outros serviços de informática, editorial, museus, galerias e bibliotecas, música, artes cênicas, artes visuais, gastronomia, dentre outros (Itaú Cultural, 2023)

Desta maneira, sugere-se dois tipos de agrupamentos para organizar esta análise. O primeiro são os trabalhadores que executam atividades criativas ou atividades não criativas em setores pertencentes à economia criativa. Para o segundo agrupamento, cria-se 3 categorias que combinam as ocupações e setores da economia criativa com ocupações e setores fora deste núcleo, cria-se também um quarto grupo de comparação que aglutina os trabalhadores e setores que não pertencem a economia criativa, para comparação.

Para além, é fundamental compreender o investimento em anos de escolaridade sobre a permanência do emprego criativo é importante, visto que aproximadamente 67% dos ocupados no setor criativo possuem ensino superior completo e 95,5% dos ocupados no setor criativo possuem ensino médio completo ou superior incompleto (Ribeiro; Borges; Antigo, 2022). Para além, o emprego criativo parece permanecer ao longo dos anos com vínculos empregatícios frágeis como empregados autônomos e sem carteira de trabalho (Menger, 2006).

Para alcançar o objetivo proposto, inicialmente constrói-se um painel de acompanhamento do indivíduo entre a primeira e a segunda entrevista de domicílio realizadas pela Pesquisa Nacional Amostral Domiciliar Contínua -Trimestral (PNADC-T), no período de 2012 a 2022, baseado em Borges (2022). A partir do painel de acompanhamento dos indivíduos, é possível estimar a taxa de permanência dos ocupados na economia criativa. Deseja-se também, analisar os fatores que influenciam as remunerações dos indivíduos ocupados nos agrupamentos da economia criativa e por fim, compreender a estabilidade de longo prazo da taxa de permanência no emprego criativo para os indivíduos da amostra.

Assim, a estratégia empírica utilizada neste processo é a aplicação de modelos logit, binário e multinomial, a estimação de uma equação de salários a lá Mincer (1974) e a análise

¹ Disponível no Anexo B

² Disponível no Anexo C.

das estimativas da curva de sobrevivência Kaplan-Meier (1959), sob uma perspectiva do mesmo ocupado entre a primeira e a segunda entrevista da PNADC-T.

Este trabalho contempla cinco seções incluindo esta introdução. A segunda seção é um panorama geral acerca da bibliografia existente para as Indústrias Culturais e Criativas e o mercado de trabalho criativo e suas idiosincrasias. A terceira sessão inclui os dados, o passo-a-passo para criar o painel de acompanhamento dos indivíduos via PNADC-T e as características descritivas dos agrupamentos utilizados. Na seção quatro estão presentes as metodologias necessárias para aplicar as estimações. Na quinta seção, os resultados obtidos das aplicações feitas e por fim considerações finais com os aprendizados do exercício.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresentaremos o arcabouço teórico e empírico que sustenta o desenvolvimento desta pesquisa. Começaremos explorando definições e características associadas às Indústrias Culturais e Criativas, estabelecendo um fundamento para a investigação. Abordaremos brevemente os conceitos relacionados à criatividade e à economia criativa, visto que a definição que é adotada para a economia criativa neste trabalho emerge da compreensão e contextualização das Indústrias Culturais e Criativas. Assim, essa abordagem sequencial se justifica como a melhor estratégia para uma compreensão aprofundada.

Por fim, examinaremos referências empíricas essenciais relacionadas ao trabalho e às ocupações criativas, um passo crucial para compreender o cenário brasileiro, pois a aplicação dos modelos propostos nesta pesquisa é intrinsecamente ligada às ocupações e aos profissionais que as preenchem.

2.1 REVISÃO TEÓRICA

A Economia Criativa é constituída no Brasil pelas Indústrias Culturais e Criativas, ICCs, que a partir de 1980, integram as políticas econômicas e culturais. Ainda segundo Machado e Michel (2017), a economia criativa integra os meios de produção, de distribuição e de consumo que utilizam aspectos estéticos, simbólicos e intelectuais como insumo. As indústrias criativas implicam em atividades que possuem potencial para impulsionar o desenvolvimento regional e urbano por meio do seu potencial criativo e de inovação (Paglioto, 2016).

A criatividade é um fenômeno transversal inerente ao capital humano que se propaga e se desenvolve em qualquer setor, ao trazer consigo além da possibilidade de inovação um rejuvenescimento dos produtos, cadeias produtivas, setores e indústrias (Lazzeretti; Boix; Capone, 2013). A capacidade criativa modifica tanto os produtos e serviços, como seu consumo, oferta e demanda. Com o favorecimento do ambiente criativo são adicionadas às tradicionais Indústrias Culturais novas categorias que incorporam tecnologia na composição da Economia Criativa na formação das ICCs, o que produz impacto no ambiente cultural, criativo e social, através da modificação da oferta de bens e uma transformação nas preferências dos consumidores.

O desenvolvimento teórico acerca das ICCs levanta questões sobre os limiares entre a cultura e a economia ao considerar a relação entre artes, patrimônios e comércio, que é central na discussão que envolvem as políticas culturais (Hesmondhalgh; Pratt, 2005). Paglioto (2016) sugere que a emergência do termo economia criativa e suas indústrias deve-se a necessidade de mercantilizar a cultura, ampliando sua área de abrangência no comércio. A discussão epistemológica que envolve a natureza do valor cultural não parece pretender ser objetiva no sentido mercantil. Ao ampliar os setores culturais tradicionais com a inclusão de setores que englobam a criatividade, a inovação como meio de produção aumenta o leque de produtos e principalmente de serviços, resultando em um aumento da relevância econômica desses setores e de seu mercado.

A evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) a partir dos anos 1990 é um fator impulsionador de transformação nas Indústrias Culturais, que resultou em um reposicionamento dessas indústrias em setores diversos da economia, em função de sua capacidade em gerar efeitos de transbordamentos. Conforme mencionado por Petrova (2016), esse desenvolvimento indica que indústrias da economia criativa não se limitam a ser apenas setores de crescimento rápido e intensivos em inovação, mas também têm o potencial de promover a inovação em outras partes da economia e da sociedade por meio da disseminação e realização desses efeitos de transbordamento.

Contudo, os relatórios da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2010) e do Observatório do Itaú Cultural (2022) enfatizam a falta de consenso para o conceito de economia criativa por ser um campo emergente, no entanto, existe um grupo de indústrias que operam seguindo alguns princípios em comum. Dessa forma, as Indústrias Culturais e Criativas são aquelas que utilizam da criatividade como matéria prima e retornam para a economia propriedade intelectual (Potts; Cunningham, 2008).

A categorização das atividades produtivas que são típicas da economia criativa começou a ser definida a partir do relatório do Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido (United Kingdom, 1998) que separa os setores pertencentes à estas indústrias nas seguintes categorias: publicidade e marketing, arquitetura, artesanato, design, cinema, rádio, TV, tecnologia da informação, editorial, patrimônio, música, artes cênicas e artes visuais. Outras instituições também classificam as atividades criativas pertencentes a esta porção da economia, um exemplo é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Dentre atividades criativas mais citadas pela UNESCO

(2022) estão: música, literatura, artesanato e artes folclóricas, cinema, artes midiáticas, design e gastronomia.

O relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2022) mais recente traz um panorama do avanço da Economia Criativa e das Indústrias Culturais e Criativas, a evolução do conceito “criatividade” e seu papel nas dinâmicas de desenvolvimento dos países. Segundo o relatório (UNCTAD,2022) a noção da criatividade deve ser entendida pela relação de interação entre o capital humano, a propriedade intelectual e as tecnologias. Entende-se ainda que essa percepção sobre o conceito não é fixa e vem se expandindo para novas ocupações e setores ao longo dos últimos anos.

Hoje as atividades que abrangem as ICCs vão das mais tradicionais como artes e artesanato, artes cênicas, design, moda, cinema, vídeo, fotografia, música, arquitetura, TV/rádio às mais recentes como publicidade, publicação, pesquisa e desenvolvimento, software, jogos de computador e publicação eletrônica (UNCTAD, 2022). Neste cenário amplo, as indústrias criativas são capazes de gerar crescimento econômico através da criação de postos de trabalho e melhor desempenho na economia global (UNCTAD, 2008).

Para uma perspectiva brasileira, a metodologia adotada pelo Observatório do Itaú Cultural (2022) incorpora tanto a lista de atividades conforme apresentada na atualização do relatório do Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido (United Kingdom, 2016), quanto a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0), que é uma estrutura de classificação hierarquizada em cinco níveis para empresas brasileiras, além da Classificação Brasileira de Ocupações, que reflete a dinâmica do mercado de trabalho no Brasil. Isso permite a categorização setorial da força de trabalho criativa. As atividades produtivas abrangem áreas como Arquitetura, Artes Cênicas e Artes Visuais, Atividades Artesanais, Cinema, Música, Rádio e TV, Tecnologia da Informação (TI), Design, Editorial, Moda, Museus, Patrimônio e Publicidade.

Vale destacar que a metodologia do Itaú Cultural para o ano de 2023 sofreu atualizações, incluindo o setor de Gastronomia, desagregando o setor Música de seu grupo anterior e subdividindo os setores de Tecnologia da Informação e Artes em categorias distintas, a saber: Jogos digitais e outros serviços de TI; Artes Cênicas e Artes Visuais, respectivamente. Para esta pesquisa, optamos por seguir a metodologia de 2022, considerando o tamanho da amostra da base a ser utilizada.

Além de separar os setores criativos, é interessante desagregar as ocupações que incluem o uso da criatividade nas suas atividades. Uma estratégia atrativa neste caso é a separação utilizada na metodologia do Painel de Dados do Observatório do Itaú Cultural (2023). O painel separa os trabalhadores e setores da seguinte forma: trabalhadores não criativos empregados no setor criativo (Trabalhadores de Apoio), trabalhadores criativos empregados no setor criativo (Trabalhadores Especializados), trabalhadores criativos empregados em outros setores da economia (Trabalhadores Incorporados). Essa classificação desagrega as ocupações de acordo com a intensidade criativa das atividades seguindo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) para assim categorizar os trabalhadores deste mercado. Seguindo essa separação ou alguma similar é possível captar e quantificar o impacto das atividades criativas, sob diversos aspectos, nos diferentes setores e começar a considerar os efeitos de transbordamento destas atividades.

Segundo Petrova (2016), os transbordamentos das Indústrias Culturais e Criativas utilizam de variáveis econômicas e não econômicas, por este motivo, os efeitos estudados podem ser classificados em três grupos que incluem perspectivas diferentes fundamentadas no poder de transformação das ICCs e na transferência de conhecimento, dispostos a seguir. O primeiro grupo (1) de transbordamentos atua através da difusão de habilidades criativas, considera o capital humano como variável importante para a inovação e reconhece uma contribuição direta dos trabalhadores criativos na produção de propriedade intelectual.

O segundo grupo (2), nomeado por Petrova (2016) como transbordamentos através da transferência de aplicações diretas, sugere que o conhecimento adquirido nos setores criativos pode ser diretamente transferido para outros setores na economia. Dessa forma, as Indústrias Culturais e Criativas são consideradas fontes de transformação no fluxo de produção ao gerar novas ideias, conceitos e métodos produtivos que estimulam a inovação em outras partes da economia. Por fim, a última classificação (3) determinada por Petrova (2016), são os transbordamentos através da “cross-fertilization”. Neste caso, a mobilidade do conhecimento entre indústrias que compõem os setores criativos permite a dispersão de competências e do potencial criativo para outros ambientes econômicos e sociais. Sendo assim, através da formação de redes ou agrupamentos, as indústrias criativas propiciam o crescimento econômico endógeno o que conecta as redes às inovações.

Um aspecto importante a se destacar ao estender o assunto é exatamente a absorção de inovações. Throsby (2008) sugere vantagens ocasionadas por estes transbordamentos pelo processo de incorporar novas ideias, tecnologias ou práticas e evidencia as principais

características dos produtos criativos que estimulam a economia. Em geral, os produtos são esteticamente atraentes, com alta capacidade de absorção e difusão de conhecimento e de propriedade intelectual ou tecnológicos.

Apesar da capacidade das Indústrias Culturais e Criativas de estimular inovações entre diferentes indústrias e setores, as políticas públicas voltadas para as indústrias criativas ainda têm muito espaço para evoluir. Em especial no Brasil, onde as políticas públicas são poucas e incipientes. A maioria das políticas públicas do setor são realizadas através de incentivo fiscal e não existe um sistema de dados eficiente para auferir ou avaliar sua eficácia, tampouco existe um sistema de informações estruturado sobre as características das empresas e dos trabalhadores dos setores relacionados às ICCs e à Economia Criativa Brasileira, o que dificulta sua evolução e a compreensão de suas idiossincrasias.

Potts e Cunningham (2008) propuseram quatro modelos hipotéticos para avaliar a relevância econômica das Indústrias Culturais e Criativas e assim orientar políticas públicas relacionadas. Esses modelos são baseados na capacidade dinâmica das ICCs em moldar o ambiente econômico. Os modelos são os seguintes:

- a) Bem-Estar,
- b) Concorrência,
- c) Crescimento e
- d) Inovação.

Cada modelo sugere a formulação de políticas públicas específicas:

- a) subsídios de bem-estar;
- b) políticas padrão da indústria;
- c) políticas de investimento e crescimento; e
- d) políticas de inovação.

O Modelo de Bem-Estar (a) de Potts e Cunningham (2008) indica que as ICCs podem ter um impacto negativo na economia, consumindo mais recursos do que geram em termos de produto e apresentando menor produtividade dos fatores. A transferência de capital humano ocorre em sentido oposto ao esperado e as políticas públicas neste caso devem proteger os preços dos ativos culturais e realocar recursos. Isso pode resultar em baixa taxa de investimento, renda, oferta e demanda de trabalho, bem como baixo potencial de crescimento.

No modelo de competição (b) proposto por Potts e Cunningham (2008), as ICCs não se diferenciam de outras indústrias e devem ser tratadas de forma neutra, como ocorre em uma estrutura de mercado competitiva. Os produtos criados são considerados normais e

substituíveis, o que conduz à conclusão de que não é necessário desenvolver políticas específicas para o setor cultural e criativo.

Em contraste com os modelos anteriores (a e b), os Modelos (c) e (d) de Potts e Cunningham (2008) sugerem que as ICCs podem impulsionar o crescimento econômico e promover inovação. O Modelo de Crescimento (c) destaca a capacidade das ICCs de difundir ideias, inovar e absorver novas tecnologias, justificando assim a necessidade de políticas públicas que direcionem recursos para o setor criativo. Por fim, o Modelo de Inovação (d) considera as ICCs como parte integrante do sistema nacional de inovação, com a capacidade de remodelar a base de conhecimento da economia. Isso enfatiza a importância das políticas públicas voltadas especificamente para a indústria criativa

Já no artigo de 2009, Potts discute dois tipos de efeitos evolutivos originados pelas Indústrias Culturais e Criativas. O primeiro está relacionado ao crescimento estrutural da população e ao aumento da produtividade em todas as atividades econômicas. O segundo destaca o papel das destas indústrias em facilitar o crescimento por meio da inovação.

Antes da divulgação do primeiro relatório Departamento de Cultura Mídia e Esporte do Reino Unido (United Kingdom, 1998), as atividades criativas eram frequentemente categorizadas como entretenimento, subestimando sua importância estratégica na economia. Potts (2009) argumenta que um sistema econômico em crescimento pode subsidiar a produção de bens culturais para consumo. Seu modelo sugere que as ICCs não se limitam à produção de bens culturais, mas também funcionam como indústrias de serviços essenciais para a inovação, a adoção de novas tecnologias e a conexão entre trabalhadores de diferentes setores, além de desempenhar um papel fundamental na mudança das regras sociais. Em resumo, as Indústrias da Economia Criativa desempenham um papel crucial na geração e facilitação da mudança no contexto social, impulsionando assim a evolução econômica (Potts, 2009).

2.2 REVISÃO EMPÍRICA

As Indústrias Culturais e Criativas estão concentradas em vez de se distribuírem de maneira uniforme, o que gera clusters, redes criativas e cidades culturais (Lazzeretti; Boix; Capone, 2013). A partir dos anos 1980, surgiram novas formas de aglomeração, possibilitando a conexão entre regiões metropolitanas separadas fisicamente, mas funcionalmente integradas aos seus mercados (Castells, 2010). As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) facilitaram essa integração, enquanto a capacidade das ICCs de

absorver e reter conhecimento atraiu trabalhadores criativos. Além disso, em relação ao agrupamento de trabalhadores criativos, o encurtamento das distâncias pela evolução das TICs levou à formação de redes e à uma nova composição espacial.

Existe uma convergência nos estudos (Itaú Cultural, 2023; Markusen; Schrock; Cameron, 2004; Menger, 2006; Murphy, 2014) que evidenciam que os bens e serviços criativos promovem a criação de renda e postos de trabalho capazes de fomentar o desenvolvimento através de melhorias na formação de capital humano. Assim, a aglomeração dos indivíduos nas capitais e regiões metropolitanas é uma resposta à proximidade dos recursos, levando à redução dos custos de transportes e ampliando o desenvolvimento econômico local ou regional através do agrupamento de trabalhadores criativos. Conseqüentemente, este agrupamento atrai empresas cuja força motora da produção é o capital humano e o capital criativo (Florida, 2005; Florida; Rodríguez-Pose; Storper, 2021; Jacobs, 1970).

Markusen, Schrock e Cameron (2004) ilustram a dinâmica das ocupações artísticas nas economias regionais dos Estados Unidos nas décadas de 1990 e 2000. Essa abordagem contrasta com a perspectiva predominante, que enquadrava a produção artística como uma parcela de um mercado local, negligenciando, assim, o seu papel na economia regional. A visão tradicional, que direciona seu foco para a composição dos setores industriais em detrimento das ocupações criativas, subestima a contribuição econômica das atividades criativas (especialmente as artísticas) e desconsidera os rendimentos e o capital humano gerados pelos ocupados, principalmente aqueles que desempenhavam funções educacionais.

No estudo de Markusen, Schrock e Cameron (2004) sobre as principais metrópoles dos EUA durante os anos 1990, os artistas se concentravam em grandes centros criativos, como Los Angeles, Nova Iorque e São Francisco, antes de se espalharem para 'cidades de segunda ordem', como Washington, Seattle, Boston e Miami. Em cidades com menor concentração de capital criativo, as atividades artísticas muitas vezes desempenham um papel econômico local, enquanto as cidades com grande concentração de capital criativo influenciavam a economia regional. Essa tendência se manteve nos anos 2000, com os trabalhadores artísticos contribuindo para a economia regional, gerando aumento de empregos e taxas de crescimento, embora de forma desigual entre as cidades estudadas.

Artistas prosperam em metrópoles de rápido crescimento devido à demanda por atividades artísticas e criativas por outras indústrias, como publicidade, editorial e mídia, refletindo a natureza multidisciplinar desses centros urbanos. Por outro lado, a irregularidade

na disponibilidade de empregos e o alto custo de vida nas metrópoles levam muitos artistas a se estabelecerem em cidades menores de segunda ordem, contribuindo de forma heterogênea para essas regiões (Markusen; Schrock; Cameron, 2004). É importante notar que escritores e artistas visuais em grande parte das regiões estudadas por Markusen, Schrock e Cameron (2004) tendem a adotar o trabalho autônomo, enquanto artistas musicais frequentemente têm atividades secundárias.

Babour e Markusen (2007) promovem uma análise teórica da interação entre a estrutura das indústrias e a composição ocupacional nas economias regionais, explorando a hipótese de que a configuração de estudo industrial pode não capturar integralmente a distribuição real das ocupações, mesmo no âmbito das indústrias criativas. Duas abordagens são comparadas: a categorização por setor industrial, baseada nas similaridades de produtos e serviços, e a categorização por ocupação, centrada nas semelhanças das atividades realizadas e nas habilidades dos trabalhadores. Esse estudo ressalta a complexa relação entre a estrutura industrial e a composição ocupacional através da análise conduzida em regiões metropolitanas da Califórnia nos Estados Unidos, com foco nas ocupações de alta tecnologia, como profissionais de tecnologia da informação/computação, engenheiros e cientistas naturais.

Os achados de Babour e Markusen (2007) evidenciam que, embora a abordagem de categorização com base em setores industriais possa proporcionar uma estimativa razoável para categorias ocupacionais, sua aplicabilidade se torna menos precisa quando se debruça sobre categorias mais específicas, com ênfase nas ocupações de alta tecnologia, especialmente nas esferas de pesquisa e desenvolvimento e atividades relacionadas à tecnologia da informação. Observa-se, ainda, que as ocupações vinculadas às indústrias criativas e inovadoras divergem em algumas áreas metropolitanas. Esta discrepância sugere uma divisão ocupacional do trabalho entre áreas centrais e periféricas, onde funções altamente especializadas tendem a se concentrar nas zonas urbanas, enquanto atividades menos intensivas em criatividade se dispersam nas regiões suburbanas. O estudo em questão (Babour; Markusen, 2007) enfatiza a relevância de considerar a interrelação entre a estrutura industrial e a composição ocupacional ao conceber estratégias de crescimento econômico e desenvolvimento da força de trabalho, especialmente nos setores de inovação e alta tecnologia, a fim de otimizar o desenvolvimento regional e local.

Menger (2006) propõe uma análise do tamanho do setor artístico para os Estados Unidos e França, com o crescimento impulsionado pela elevação da renda e subsídios governamentais a instituições de treinamento artístico e verifica uma expansão deste nas

últimas décadas ainda que as desigualdades de gênero e raça persistam. Além disso identifica uma mudança nos vínculos empregatícios que transitam para vínculos mais fracos e de curto prazo com mais trabalhadores autônomos, considerando também a transição da atividade para desocupação e complementação de renda.

Ainda sobre o mercado de trabalho artístico, Heian, Løyland e Mangset (2012) aborda a persistente dificuldade enfrentada por artistas em equiparar sua renda a outras ocupações, mesmo quando se estabelecem como profissionais no mercado. A demanda insuficiente por trabalhos artísticos gera um excesso de oferta de artistas. A análise se concentra na Noruega e na Suécia, explorando a relação entre condições de trabalho, renda e subsídios governamentais para artistas. O aumento no número de artistas, especialmente mulheres, é destacado, com ênfase nas ocupações artísticas de baixa renda. A estabilidade das condições, a desigualdade de renda e a relevância das políticas públicas em compensar a baixa renda artística são ressaltadas.

O exercício proposto pelos autores (Heian; Løyland; Mangset, 2012) envolve dois tipos de subsídios governamentais e 2400 artistas, com a comparação de dados de 2006 com uma pesquisa similar de 1994. Identificou-se um aumento de 31% no número de artistas ativos na Noruega, com aumento nas categorias de cinema, atores e designers/ilustradores. A renda artística foi menor para artistas visuais, artesãos e outros, especialmente para mulheres, com muitos artistas complementando sua renda por meio de trabalho não artístico. Entre os períodos estudados houve aumento de 3% na renda artística, com uma mudança na composição da renda de trabalho artisticamente relacionado evidenciando que a renda média dos artistas é menor quando comparado com a população empregada em geral e que a política pública desempenha um papel complementar, porém, menos significativo do que fatores sociais e características do mercado.

No estudo de Murphy (2014), que investiga a adaptação do mercado de trabalho e a composição ocupacional frente às mudanças, três tendências se destacam: a redução das ocupações de produção de salários médios e tarefas rotineiras, juntamente com o aumento de carreiras interrompidas devido à internacionalização além das reformas do Estado de bem-estar. A análise concentra-se na mobilidade ocupacional entre trabalhadores de escritório e de produção, avaliando a transição de ocupações em declínio para aquelas em crescimento. A pesquisa abrange a Grã-Bretanha, Alemanha e Suíça, examinando os contextos institucionais e a influência de fatores de gênero e classe na mobilidade dos trabalhadores. Através de dados longitudinais, regressões de risco concorrente são aplicadas para estimar a probabilidade de

transições entre ocupações em declínio, ocupações em crescimento e inatividade, considerando os contextos institucionais de cada país. Considera que a Alemanha possui regimes de emprego coletivizados, a Grã-Bretanha mais individualizados e a Suíça têm um regime intermediário entre a Alemanha e a Grã-Bretanha.

O modelo de sobrevivência (Kaplan-Meier) utilizado por Murphy (2014), considera cada destino concorrente e controla a duração do período em que os indivíduos foram observados. Os resultados indicam que mulheres têm menor probabilidade de permanecer em ocupações em declínio em relação aos homens nos três países, sendo mais provável que migrem de ocupações em declínio do que de ocupações em crescimento. Na Grã-Bretanha e na Alemanha, mais mulheres realizaram essa transição e o risco de desemprego é maior na Alemanha, enquanto na Suíça o risco de desemprego é negligenciável. A mobilidade é influenciada pelo regime institucional, com mercados de trabalho "coordenados" favorecendo o desenvolvimento de habilidades específicas e mercados "liberais" enfatizando habilidades mais gerais. Os trabalhadores administrativos têm maior probabilidade de migrar para ocupações em crescimento, com salários mais altos, em comparação com trabalhadores de produção. Conclui-se que a mobilidade ocupacional é viável para trabalhadores de ocupações em declínio, embora fatores de gênero e classe influenciem as trajetórias de saída.

As ocupações categorizadas como criativas estão associadas à um alto nível de escolaridade, o que destaca o papel do investimento individual em anos de escolaridade. Tendo em vista que aproximadamente 67% da força de trabalho criativa presente no setor criativo brasileiro possui ensino superior completo (Ribeiro; Borges; Antigo, 2022) é importante avaliar o investimento em capital humano, medido em anos de escolaridade, para a permanência no emprego, bem como os efeitos deste investimento nos salários dos setores, ocupações e a aglomeração da massa salarial. Os trabalhadores criativos são caracterizados pela literatura como predominantemente jovens, com níveis educacionais superiores, comparados com a força de trabalho total (Lazzeretti; Boix; Capone, 2013; Menger, 2006). Como discutido, verifica-se por Menger (2006) e Markusen, Schrock e Cameron (2004) uma concentração geográfica em áreas metropolitanas e urbanas com uma presença maior de trabalhadores com vínculos trabalhistas frágeis que tendem a transitar pelos mercados e status de atividade.

A abordagem convencional de Mincer (1974), que explora o impacto do investimento em capital humano nos rendimentos dos trabalhadores, revela implicações que viabilizam a ampliação do modelo educacional para abranger investimentos pós-escolares, em uma análise

econométrica da distribuição de rendimentos. A importância da distribuição dos investimentos pós-escolares ao longo do ciclo de vida, na criação de disparidades nos ganhos, é notável e observável. O autor indica que os rendimentos anuais quase dobram após duas a três décadas de experiência em cada grupo educacional, e reconhece que a inclusão da variável idade na regressão aumenta a capacidade explicativa da análise. Desta forma, a interação entre idade e escolaridade frequentemente afeta as remunerações. Como frequentemente os ocupados criativos na economia criativa tendem a receber salários inferiores em relação a trabalhadores não criativos nas mesmas indústrias a análise dos rendimentos faz-se necessária.

A hipótese apresentada neste estudo postula que uma abordagem de análise das indústrias culturais criativas e seus respectivos segmentos, que se baseia na subdivisão das ocupações em categorias criativas e não criativas, oferece uma métrica para a investigação das principais características do mercado de trabalho criativo, em comparação com a segmentação dos trabalhadores totais nos setores criativos. Considera-se então a probabilidade de permanência no emprego desse tipo de trabalhadores, a transição destes para a desocupação, o investimento em capital humano, medido em anos de escolaridade e sua relação com a remuneração das ocupações. Isso permite uma compreensão mais aprofundada das idiosincrasias inerentes ao mercado de trabalho nas Indústrias Culturais e Criativas.

3 BASE DE DADOS E CARACTERÍSTICAS DESCRITIVAS

Neste capítulo descrevemos a base de dados e as variáveis utilizadas na análise empírica, bem como as principais características descritivas encontradas em uma análise prévia da base que ilustram a composição do mercado de trabalho nos setores e nas ocupações da Economia Criativa brasileira.

3.1 BASE DE DADOS

Analizamos se as ocupações nos diferentes setores das Indústrias Criativas e Culturais brasileiras são ou não criativas. Foi então realizada a subdivisão dos setores da Economia Criativa a partir dos códigos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)³, os mais convencionados da literatura (UNESCO, 2022; UNCTAD, 2022; UNCTAD, 2008; Observatório do Itaú Cultural, 2022) até o momento. Encontramos 10 grupos de setores que compõe a Economia Criativa brasileira, são eles: Moda; Atividades Artesanais; Editorial; Cinema Música Rádio e TV; Tecnologia da Informação; Arquitetura; Publicidade; Design; Artes Cênicas e Artes Visuais; Museus e Patrimônios.

Para aplicar os modelos propostos, considera-se um painel de acompanhamento dos indivíduos ao longo das entrevistas domiciliares da PNADC-T. Formado pela primeira e segunda entrevista com o banco de dados da PNADC-T entre 2012 e 2022, para assim analisar a probabilidade de estes transitarem de ocupações criativas na primeira entrevista para ocupações não criativas segunda entrevista e vice-versa dado a ocupação na primeira entrevista, explorando também o papel da educação e de outros cofatores⁴, nesta probabilidade. A partir do painel, é possível também observar a probabilidade destes tipos de trabalhadores transitarem para o desemprego.

A Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar Contínua Trimestral (PNADC-T), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dispõe dos dados necessários para analisar a composição da força de trabalho criativa e suas principais características durante o período de 2012 a 2022.

A PNADC é uma pesquisa amostral do tipo domiciliar do IBGE com periodicidade trimestral e anual e que abrange todo território brasileiro ao considerar separadamente as

³ Disponível no Anexo B.

⁴ Disponível no Anexo A.

macrorregiões, as unidades da federação, as regiões metropolitanas e capitais dos estados brasileiros. Dentre as variáveis da PNADC-T temos: Sexo; Cor; Condição do Domicílio; Idade; Escolaridade; Posição na ocupação; Faixa de horas trabalhadas; Contribuição com a previdência social, Região, UF, Cidade, Área Urbana, Área metropolitana; Renda do trabalho principal; variáveis de atividade ou desocupação laboral, dentre outras. Esse conjunto de variáveis permite-nos analisar o mercado de trabalho brasileiro⁵.

Tendo em vista que aproximadamente 55% dos trabalhadores em ocupações criativas não possuem carteira de trabalho assinada ou são autônomos (Ribeiro; Borges; Antigo, 2022) o uso da PNADC-T para estudar o mercado de trabalho brasileiro do setor criativo e as suas atividades básicas é uma opção que oferece mais informações do que a própria Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Além disso, a PNADC-T possibilita a construção de um painel de dados longitudinais que permite acompanhar os indivíduos ao longo do tempo, a partir das informações concedidas pelos domicílios na primeira e segunda entrevista.

Para identificar quais são as ocupações e setores pertencentes a Economia Criativa Brasileira, agrupou-se as ocupações criativas e os setores criativos baseados da metodologia do Itaú Cultural (2022). Dessa forma, cria-se uma variável geral de presença em ocupações e/ou setores criativos bem como variáveis específicas para os diferentes subconjuntos de setores (moda, editorial, publicidade etc.).

A amostra contém dados transversais repetidos coletados através de um instrumento aplicado em diferentes entrevistas entre 2012 e 2022. A pesquisa é composta por cinco entrevistas que seguem um esquema de rodízio, onde cada domicílio responde a mesma pesquisa cinco vezes ao longo de cinco trimestres. Sendo que o domicílio entrevistado em um mês, sai da amostra nos dois meses seguintes antes de ser entrevistado novamente, como mostra a Tabela 1. Visto que os dados da pesquisa PNADC-T não são identificados, através desta estrutura de painel entre as entrevistas, é possível para acompanhar o indivíduo ao longo do tempo.

Para rastrear os indivíduos ao longo das entrevistas e comparar os dados de corte transversal pode-se usar da data de nascimento destes considerando o dia, mês, o ano e o sexo pois estas são características invariantes ao longo do tempo seguindo a proposta de Borges (2022). Uma limitação desta metodologia é a representatividade da amostra ao longo das entrevistas. Esta estrutura de painel para o acompanhamento dos indivíduos considera

⁵ Descritas no Anexo A.

observações repetidas e os respondentes da pesquisa podem optar por não responder uma entrevista e voltar a responder nas entrevistas subsequentes, como ilustra a Tabela 1.

Tabela 1 - Esquema de Rotação das Entrevistas da PNADC/T
PAINEL DE ENTREVISTAS PNADC - T

Mês/Ano	A1	B1	C1	D1	E1	F1	G1	H1	I1	J1	K1	L1	M1	N1	O1	A2	B2	C2	D2	E2	F2	G2	H2	I2	J2	K2	L2	M2
jan/21	5			4			3			2			1															
fev/21		5			4			3			2			1														
mar/21			5			4			3			2			1													
abr/21				5			4			3			2			1												
mai/21					5			4			3			2			1											
jun/21						5			4			3			2			1										
jul/21							5			4			3			2			1									
ago/21								5			4			3			2			1								
set/21									5			4			3			2			1							
out/21										5			4			3			2			1						
nov/21											5			4			3			2			1					
dez/21												5			4			3			2			1				
jan/22													5			4			3			2			1			
fev/22														5			4			3			2			1		
mar/22															5			4			3			2			1	
abr/22																5			4			3			2			1

Fonte: Elaboração própria seguindo Borges (2022) baseado nos dados disponíveis pelo IBGE.

Como resultado, com a sequência de entrevistas (de 1 a 5), temos um aumento em dados ausentes e o número de observações decresce. Essa situação pode tornar a amostra não representativa para alguns casos, quando comparamos, por exemplo, à uma análise *cross-section*. Em termos da significância dos parâmetros e a tendência dos efeitos das variáveis parecem ser melhores pois separa aqueles indivíduos que permanecem na amostra por mais tempo (Borges, 2022). Apesar das limitações, é interessante acompanhar estes indivíduos entre a primeira e a segunda entrevista mesmo que a amostra das entrevistas seguintes se torne pequena, pois a força de trabalho criativa representa aproximadamente 4% do mercado de trabalho brasileiro.

O processo realizado para a construção do painel de acompanhamento dos indivíduos da primeira para a segunda entrevista da PNAD Contínua Trimestral consiste em criar separadamente uma base empilhada, ano a ano e trimestre a trimestre, para primeira entrevista e uma para a segunda entrevista. Assim, mescla-se estas duas bases a partir das seguintes variáveis, que são constantes ao longo do tempo e das entrevistas: UPA, Estrato, V1008, V1014, V2007, V2008, V20081, V20082, que estão descritas na Tabela 2. Este processo pode ser realizado para as cinco entrevistas contidas na PNADC – T, sendo que no o caso dos setores criativos o tamanho da amostra deixa de ser representativo para as entrevistas 3, 4 e 5.

Tabela 2 - Variáveis Utilizadas na Construção do Painel de Acompanhamento dos Indivíduos (primeira e segunda entrevista da PNADC-T)

Variáveis PNADC/T	Descrição das Variáveis
UPA	Unidade Primária de Amostragem (UPA)
Estrato	As 2 primeiras posições representam o código da UF
V1008	Número de seleção do domicílio
V1014	Painel
V2007	Sexo
V2008	Dia de nascimento
V20081	Mês de nascimento
V20082	Ano de nascimento

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Ao mesclar as bases da primeira e da segunda entrevista, a partir das variáveis dispostas acima, restringimos a amostra para 65,04% (Tabela 3) da amostra original. Além disso, como este trabalho apresenta exercícios aplicados ao mercado de trabalho, restringe-se a amostra por idade entre 18 e 64 anos, para assim trabalhar com a população economicamente ativa.

Tabela 3 - Tamanho do Painel de Acompanhamento dos Indivíduos

Entrevistas	Observações
2012 - 2022: Primeira Entrevista	4.551.065
2012 - 2022: Segunda Entrevista	4.638.523
2012 - 2022: Painel 1 e 2	3.478.958
Resultado da mescla:	65,04%

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Com o painel construído é possível acompanhar os indivíduos ao longo das entrevistas, mesmo sem identificadores disponíveis para a base, e assim aplicar a estratégia empírica definida.

3.2 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DA ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL

Nesta seção apresenta-se algumas características socioeconômicas da economia criativa brasileira encontradas por meio do banco de dados construído. Todas as informações disponíveis aqui podem ser visualizadas nas tabelas inclusas no Apêndice A. O painel de acompanhamento dos indivíduos utilizado na análise compreende 65,04% das observações da PNADC-T empilhada de 2012 a 2022, o que pode resultar em pequenas discrepâncias populacionais ao reproduzir o exercício.

A distribuição da população brasileira nas macrorregiões é liderada pelo Sudeste (44,76%), seguido pelo Nordeste (24,62%), Sul (15,27%), e o Norte e Centro-Oeste como as regiões menos populosas, com 7,7% e 7,66%, respectivamente. A População Economicamente Ativa brasileira é composta, em média, por 66,8% de ocupados, 6,93% de Desocupados e 26,28% de Inativos, estes últimos referindo-se a indivíduos fora da força de trabalho entre 18 e 64 anos.

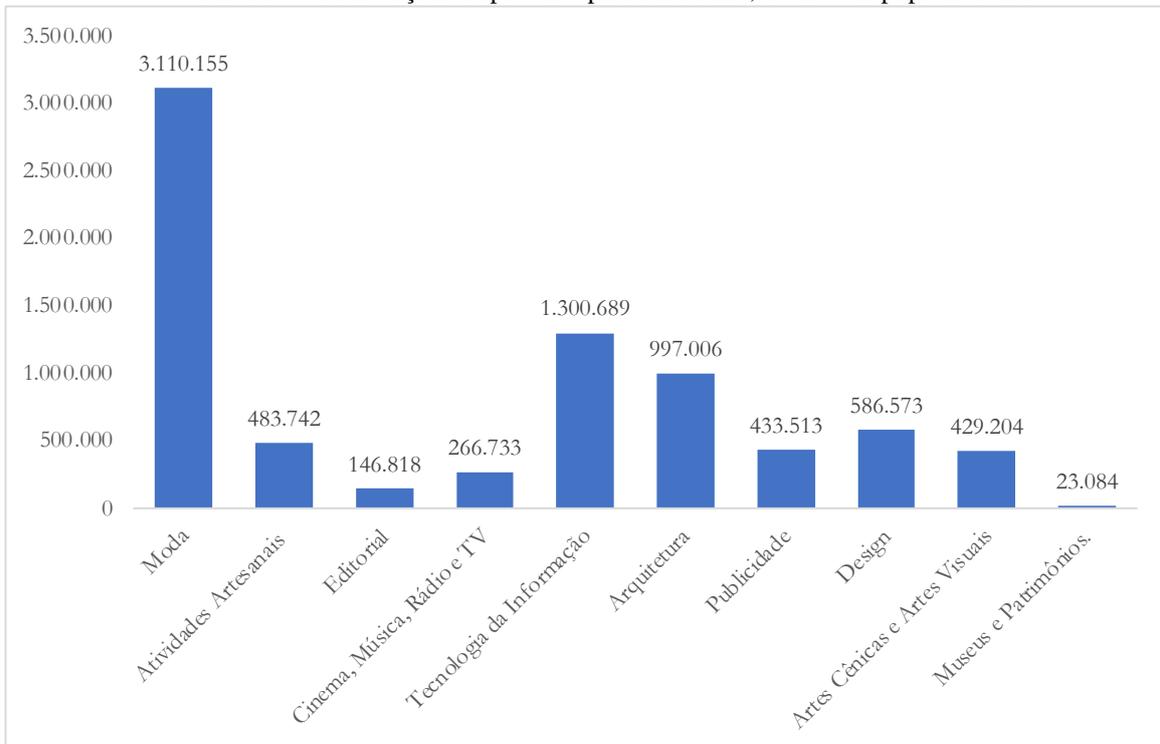
Com base nas classificações de atividades culturais e criativas, os ocupados nos setores intensivos em criatividade totalizam 7.777.517 trabalhadores na economia brasileira, na média dos anos analisados com dados do quarto trimestre. O setor da Moda é o maior em termos de ocupação (3.110.155 trabalhadores em média), seguido por Tecnologia da Informação (TI) (1.300.689 trabalhadores em média), o que é coerente com sua representatividade na economia brasileira e global.

No entanto, os setores menores em termos de ocupação incluem Museus e Patrimônios, seguido pelo setor Editorial, conforme apresentado no Gráfico 1. É importante notar que as diferenças na população entre esses setores podem resultar em amostras pouco representativas, devido à natureza da pesquisa PNADC-T. Os setores de menor amostragem, como Museus e Patrimônios, pode gerar maiores divergências em termos populacionais reais, e algumas variáveis podem não apresentar resultados. Estes pontos serão discutidos na aplicação dos exercícios subsequentes.

A intensidade criativa, em termos da quantidade de ocupados criativos, nos setores, destaca-se o setor Cinema, Música, Rádio e TV com 73,95% dos ocupados sendo criativos. Os setores de Publicidade e Artes Cênicas e Visuais também chamam a atenção. O setor Moda apresenta um percentual menor de ocupados criativos (58,81% não criativos contra

41,19% criativos) e apresenta uma menor expressão de ocupados com ensino superior, o que reflete também na renda média dos trabalhadores do setor, sendo a menor dentre todos.

Gráfico 1 - Observações disponíveis para cada setor, em termos populacionais



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

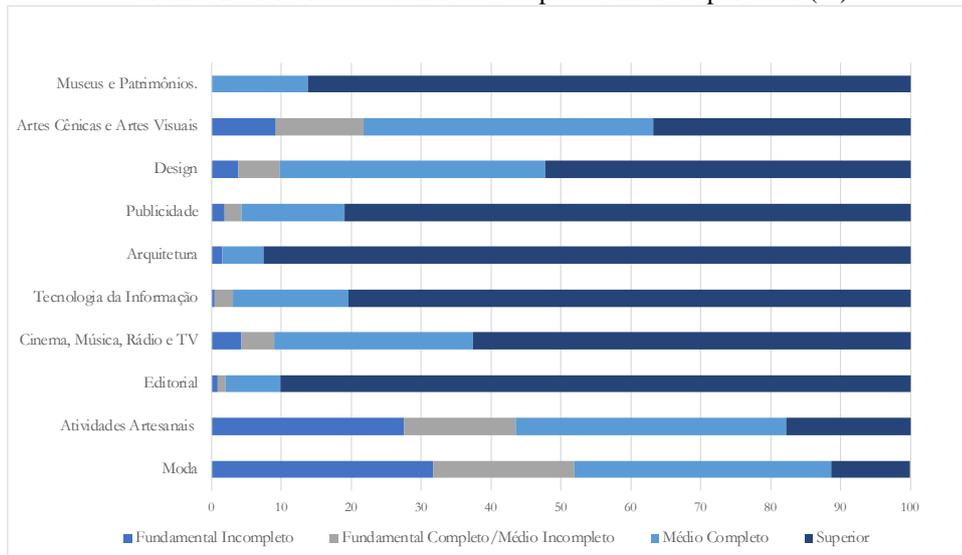
O setor Cinema, Música, Rádio e Tv apresenta uma renda média dos ocupados criativos de R\$4327,27, bem maior que a renda média de seus ocupados não criativos (R\$2814,70), o que também aponta para a valorização deste tipo de trabalhador neste setor. Destaca-se também que este setor apresenta uma média de 62% dos seus ocupados criativos com educação superior enquanto para seus ocupados não criativos, 48% possuem este nível de escolaridade.

Nos setores com uma porcentagem alta de ocupados criativos Editorial, TI, Publicidade, Museus e Patrimônios, Artes Cênicas e Artes Visuais, estes recebem remunerações mais elevadas que os ocupados não criativos. Enquanto setores com uma porcentagem menor de ocupados criativos geralmente têm rendimentos médios mais baixos para estes, com exceção de Moda, Atividades Artesanais, Design e Arquitetura, onde as ocupações criativas também possuem remunerações superiores.

Em relação à educação, a maioria dos ocupados criativos (61,1%) possui educação superior, um percentual significativamente acima da média da população economicamente

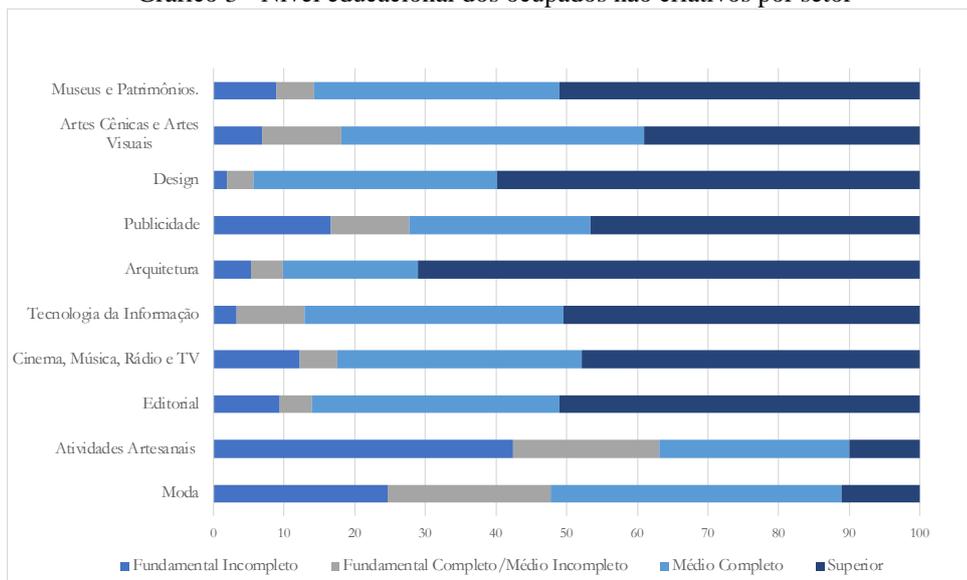
ativa no Brasil (24,57%), como pode ser observado nos Gráficos 2 e 3. Em termos de vínculo trabalhista, a maioria dos ocupados criativos são autônomos, exceto nos setores de TI, Editorial e Cinema, Música, Rádio e TV, onde o emprego formal com carteira assinada é mais comum.

Gráfico 2 - Nível educacional dos ocupados criativos por setor (%)



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

Gráfico 3 - Nível educacional dos ocupados não criativos por setor



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

Na distribuição regional, o Sudeste lidera em todos os setores, tanto para ocupados criativos quanto para não criativos, e as áreas urbanas e metropolitanas concentram a maioria

dos ocupados nos setores criativos, está de acordo com os achados de Markusen, Schrock e Cameron (2004). Observa-se que dentre os ocupados criativos em Moda destaca-se a presença de mulheres, sendo estas 88,16%. Já para o setor Tecnologia da Informação apenas 18,34% dos ocupados criativos são mulheres. Em relação a presença de Pretos/Pardos/Outros nas ocupações criativas dos setores Moda, Atividades Artesanais e Artes Cênicas e Visuais, ela representa mais de 50% dos ocupados enquanto para as ocupações não criativas a presença destes se destaca em como maioria em Atividades Artesanais e Museus e Patrimônios.

Ao analisar as características dos trabalhadores presentes nesta nova divisão, o Sudeste continua como a região dominante em todos os grupos, abrigando cerca de metade dos ocupados, seguido pelo Nordeste no grupo 1 e pelo Sul nos grupos 2 e 3. Essa distribuição regional reflete a demografia nacional.

A maioria desses trabalhadores reside em áreas metropolitanas e urbanas, alinhando-se com padrões observados em estudos anteriores (Markusen; Schrock; Cameron, 2004; Menger, 2006). A representação feminina nos grupos de ocupações criativas (1 e 2) mantém-se em cerca de 50%, enquanto no grupo 3, composto por setores não criativos, a presença feminina é menor. A raça predominante é branca nos grupos, com a presença de negros/pardos/outros ligeiramente maior no grupo 2, quando comparado aos outros grupos

Em relação ao vínculo empregatício na Economia Criativa, no grupo 1, composto por ocupados criativos em setores criativos, a proporção de empregados com carteira formal atingiu seu pico em 2013 (38,49%) e declinou para 27,96% em 2019, mantendo uma média de 31,17% ao longo do período. No grupo 3, formado por ocupados criativos em setores não criativos, houve maior estabilidade no vínculo formal, com uma média de 62,83%. No Grupo 2, que inclui trabalhadores não criativos em setores criativos, também se observa uma taxa relativamente alta de empregados com carteira formal, mantendo uma média de 54,25%.

O trabalho autônomo se destaca nas ocupações criativas dos setores criativos (grupo 1), com um aumento sistemático a partir de 2015, atingindo 58,43% em 2018. Isso pode refletir a informalidade crescente, possivelmente devido à crise de 2014/2015. Em 2020, a porcentagem de trabalhadores autônomos caiu ligeiramente, antes de subir novamente em 2021 e 2022. A informalidade se destaca com taxas médias de trabalho autônomo de 25,61% e 18,08% nos grupos 2 e 3, respectivamente. A presença de empregados sem carteira de trabalho assinada também é notável nos três grupos, com uma média de 10,03% no grupo 1, 13,83% no grupo 2 e 12,19% no grupo 3.

Além disso, a proporção de empregadores é relativamente baixa nos três grupos, com uma média de 4,76% no grupo 1, 6,31% no grupo 2 e 6,9% no grupo 3. Esses dados ilustram a predominância da informalidade e a escassez de empregadores nos setores da Economia Criativa.

O nível elevado de escolaridade é alto entre os trabalhadores criativos, como observado na tabela 4 e anteriormente para diferentes setores. No grupo de ocupados criativos em setores criativos (grupo 1), a média de trabalhadores com diploma universitário é de 48,78%, quase o dobro da média nacional de escolaridade (24,57%).

Quando combinamos os valores para o Grupo 1, que inclui trabalhadores com ensino médio completo e ensino superior, a média totaliza 76,62% de trabalhadores com alto nível educacional, superando a média nacional de 59,63%. No Grupo 3, composto por ocupados criativos em setores não criativos, a média de trabalhadores com ensino superior é de 59,51% ao longo dos anos.

Tabela 4 - Educação Média dos Ocupados na PEA e na Economia Criativa (%)

Educação/Ocupados	Ocupados	Ocupados Não	Ocupados	Ocupados PEA
	Criativos no Setor Criativo	Criativos no Setor Criativo	Criativos no Setor Não Criativo	
Fundamental Incompleto	13,19%	17,83%	6,42%	25,21%
Fundamental Completo/Médio Incompleto	10,20%	15,19%	6,70%	15,16%
Médio Completo	27,84%	35,89%	27,38%	35,06%
Superior	48,78%	31,10%	59,51%	24,57%

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

Analisando as características de remuneração dos grupos da Economia Criativa disponíveis na Tabela 5, observa-se que todos os grupos apresentam uma renda média superior à dos empregados na População Economicamente Ativa (PEA), que é de R\$2.060,97. O destaque vai para o grupo (3) de ocupados criativos em setores não criativos, com uma renda média de R\$4.088,55, enquanto os ocupados criativos em setores criativos (grupo 1) têm uma média de R\$2.922,31 e os ocupados não criativos em setores criativos (grupo 2) ganham em média R\$2.623,86 no período analisado.

Tabela 5 - Renda Média de 2012 a 2022 dos Ocupados na Economia Criativa e Ocupados PEA em Reais

Ocupados/Renda Média	Média Renda do Trabalho	Intervalo de Confiança (95%)		Observações
Ocupados Criativos no Setor Criativo	2922,319	2918,178	2926,46	3.994.135
Ocupados Não Criativos no Setor Criativo	2623,866	2619,266	2628,466	4.177.456
Ocupados Criativos no Setor Não Criativo	4088,555	4082,482	4094,628	2.833.818
Ocupados PEA	2060,973	2060,422	2061,525	121.358.622

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

Essa configuração de grupos é interessante para avaliar as características da Economia Criativa em termos ocupacionais, assim como a segmentação por ocupações criativas e não criativas entre diferentes setores. Assim, este trabalho optou por aplicar os modelos nessas diferentes configurações para compreender se alguma delas produz resultados mais confiáveis e significativos.

4 METODOLOGIA

O objetivo da pesquisa é compreender as características do mercado de trabalho criativo e suas peculiaridades. Após a criação do painel de acompanhamento dos indivíduos, é possível acompanhar o indivíduo ao longo das entrevistas e assim determinar a probabilidade de permanência de cada tipo de ocupação na segunda entrevista da PNADC-T uma vez este indivíduo estava nesta mesma categoria na primeira entrevista. Para alcançar este propósito, aplicaremos o logit binário para cada um dos setores apresentados e logit multinomial para quatro grupos: os três grupos apresentados nas características descritivas e o quarto a categoria de referência como o resto dos ocupados brasileiros.

Foram aplicadas regressões logit binárias em cada grupo setorial analisado para ocupações criativas ou não, com a categoria de referência estar em ocupação não criativa. Os logits binários são modelos para categorias binárias mutualmente exclusivas onde é possível encontrar a probabilidade de ocorrência de um resultado em detrimento de sua alternativa (Cameron; Trivedi, 2005).

Inicialmente estimamos a probabilidade (p) do indivíduo que está numa dada ocupação criativa na primeira entrevista permanecer na ocupação criativa na segunda entrevista e $(1 - p)$ é a probabilidade de transitar para uma ocupação não criativa na segunda entrevista dado que estava numa atividade criativa na primeira entrevista. O modelo logit proposto é ajustado através do método de Máxima verossimilhança e a distribuição é uma binomial. O interesse então é modelar a probabilidade (p) como uma função das variáveis explicativas “ x ” onde o resultado se situará entre 1 ou 0. A função de probabilidade do resultado do resultado y será $p^y (1 - p)^{1-y}$, com $E(y) = p$ e $Var(y) = p(1 - p)$ (TIVEDI, 2009). O modelo de regressão será dado pela seguinte equação sendo $F(.)$ uma função paramétrica $x'\beta$.

$$p_i = Pr(y_i = 1|x) = F(x'_i \beta) \text{ if } i = 0,1,2,3,\dots,n. \quad (1)$$

Para diminuir o efeito de um modelo não representativo devido a um tamanho pequeno da amostra, o modelo Logit Multinomial permite a categorização de y em mais de dois grupos (Woodridge, 2006; Heij *et al.*, 2004).

Assim, seguindo a metodologia proposta inicialmente por Ribeiro, Borges e Antigo (2022) podemos dividir as ocupações e setores criativos em 4 categorias mutuamente exclusivas, representadas aqui pela variável categórica “ j ”: (1) Ocupações criativas em setores

criativas; (2) Ocupações não criativas em setores criativos; (3) Ocupações criativas em setores não criativos e (4) Setores e ocupações criativas. O grupo (4) é usado como categoria de referência.

Assume-se que a partir do tipo de ocupação e setor a utilidade (u) é maximizada pelo agente “ i ” ao escolher “ j ”, considerando que usamos variáveis de controle, $x_i = u$ são as variáveis explicativas obtidas pela PNADC/T. Os termos erro (e) são independentes e identicamente distribuídos e tem média nula e variância constante – ruído branco. Assim, o modelo Logit Multinomial é representado pela seguinte equação:

$$Pr(x_i = j | x_i) = \frac{e^{\beta_k x_i}}{1 + \sum_{k=1}^J e^{\beta_k x_i}} \text{ If } j = 0, 1, 2, 3, \dots, J. \quad (2)$$

Ao estimar os coeficientes pelo método da máxima verossimilhança, os parâmetros determinam o efeito marginal de $x(i)$ na probabilidade de escolher a j -ésima alternativa (Heij *et al.*, 2004). Cada alternativa é uma função linear das n características de um indivíduo, com uma série distinta de parâmetros para cada opção. São estimados n coeficientes para cada alternativa, exceto uma que serve como base. Com base nas características de um indivíduo, é viável calcular as probabilidades de escolha para cada alternativa.

O resultado do logit multinomial também é expresso pela Razão de Risco Relativa (RRR), que descreve como a probabilidade de escolher a alternativa j em relação à alternativa 0 se modifica quando x é incrementado em uma unidade.

Os modelos acima ajudam a compreender a probabilidade de permanência nas ocupações e nos diferentes setores e a influência das variáveis explicativas⁶ neste processo. Como citado na literatura (Lazzeretti; Boix; Capone, 2013; Menger, 2006) a educação é componente essencial no mercado de trabalho criativo, assim, para entender a medida desta influência e das principais variáveis dependentes, faz-se necessário a análise de uma equação de salários.

A Abordagem Minceriana (Mincer, 1974) permite analisar a relação entre variáveis independentes e a variação salarial observada e assim avaliar as externalidades do investimento em capital humano. Fornece o arcabouço essencial para estimar os benefícios da educação, a qualidade da educação, a experiência no mercado de trabalho, e outros fatores, viabilizando o cálculo da taxa interna de retorno da educação. O método econométrico que

⁶ Disponíveis no Anexo A.

caracteriza a abordagem é uma regressão de MQO (Mínimos Quadrados Ordinários) cuja variável dependente é o salário em logaritmo.

O modelo log linear simples é descrito abaixo onde “w(i)” denota o salário, “s(i)” a escolaridade, “x’ (2, i)” denota variáveis de controle à serem determinadas e “e(i)” representa o erro. O índice “i” indica o j-ésimo indivíduo amostrado (Mincer,1974).

$$\ln w_i = \beta_0 + \beta_1 s_i + x'_{2i} \beta + e_i, \quad i = 1, \dots, N. \quad (3)$$

Neste trabalho aplica-se o modelo completo (Mincer, 1974) com a representação da variável experiência, visto que a inclusão da interação entre a idade e os anos de escolaridade aumentam a significância estatística do modelo. No entanto, o uso da variável idade isolada pode resultar em omissão de variáveis. Assim, além das variáveis de controle⁷, adiciona-se a variável experiência (exp) que é a idade do indivíduo subtraída dos anos de escolaridade do mesmo menos 6. A subtração de 6 é aplicada porque é aos seis anos de idade que os indivíduos geralmente iniciam a sua educação formal, de acordo com a legislação brasileira.

$$\ln w_i = \beta_0 + \beta_1 s_i + \beta_2 \exp_i + \beta_3 \exp_i^2 + \beta_4 x'_{2i} + e_i, \quad i = 1, \dots, N. \quad (4)$$

O termo de erro e(i) contém fatores que não são observáveis, como habilidade, qualidade da educação, contexto familiar e outros elementos que influenciam o salário de um indivíduo.

É conveniente usar do estimador de sobrevivência Kaplan-Meier (Kaplan; Meier, 2012) para obter informações relativas à permanência no emprego e a transição dos ocupados para a desocupação. A função principal do estimador é analisar os momentos distintos em que eventos foram registrados, em cada ponto do tempo, reduzem a função de sobrevivência multiplicando-a pela fração dos sujeitos ainda em observação (em risco – *hazard function*) naquele momento, mas que não haviam experimentado o evento (transitar para a desocupação, conforme Cameron; Trivedi, 2005).

Segundo Cameron e Trivedi (2005), os estados considerados para os indivíduos são ocupados, em risco e inativos, a duração de um estado é variável aleatória discreta e não

⁷ Disponível no Anexo A.

negativa T . A função de risco (λ_j) representa a probabilidade de transitar no tempo discreto t_j , $j = 1, 2, \dots$, dado a sobrevivência para este mesmo ponto no tempo.

$$\lambda_j = \Pr[T = t_j | T > t_j]. \quad (5)$$

$$\lambda_j = \frac{f(t_j)}{S(t_j)}. \quad (6)$$

Obtemos a partir da função de risco a função de sobrevivência em tempo discreto - S_t :

$$S_t = \Pr[T \geq t]. \quad (7)$$

$$S_t = \prod_{j|t_j \leq t} (1 - \lambda_j). \quad (8)$$

A função de risco acumulada no tempo discreto é:

$$\Lambda(t) = \sum_{j|t_j \leq t} \lambda_j. \quad (9)$$

Finalmente obtemos então a medida de probabilidade discreta de que um período termine em t_j é igual $\lambda_j S(t_j)$.

É importante destacar que devido a configuração do painel de acompanhamento e uma vez que a amostra adere a um esquema rotativo, o indivíduo mantém o estado de atividade declarado na última entrevista durante os dois meses fora da amostra. Isso sugere a existência de censura em intervalos e pode ser corrigido com uma censura aleatória na construção do estimador (Cameron; Trivedi, 2005).

O estimador Kaplan e Meier assume independência dos eventos e da probabilidade condicional $\lambda_j S(t_j)$ entre estar no estado de atividade declarado durante o tempo $t-1$. Faz sentido se valer deste estimador para uma análise entre a segunda e a primeira entrevista da PNADC-T, que são dois períodos (Cameron; Trivedi, 2005). Para além, este exercício é descritivo e complementar na análise das características do mercado de trabalho criativo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção apresenta-se os principais resultados da estratégia empírica da pesquisa. Utiliza-se do banco de dados da PNADC entre 2012 e 2022 para analisar os setores de atividade e as ocupações relacionadas à economia criativa no Brasil a partir de um modelo Logit Multinomial, de Logits Binários, da equação de determinação dos rendimentos e a estimativa de sobrevivência Kaplan-Meier.

5.1 LOGIT BINÁRIO

Um modelo de regressão Logit Binário é uma ferramenta para prever a probabilidade de ocorrência de eventos que se enquadram em duas categorias mutuamente exclusivas, fazendo uso de variáveis independentes como preditores. Aqui, tentamos prever se um indivíduo que trabalha em um setor criativo, permanece ou transita da sua ocupação na primeira entrevista para a outra ocupação na segunda entrevista da PNADC, com base em seu tipo de ocupação classificada de forma binária dentro de uma variável categórica (mtb = mercado de trabalho brasileiro):

- a) Ocupação Não Criativa: mtb = 0;
- b) Ocupação Criativa: mtb = 1

O objetivo é estabelecer uma relação entre a categoria de ocupação e a probabilidade de permanecer no mercado de trabalho no setor criativo, que foi analisado na segunda entrevista da PNADC. Os resultados desta análise podem ser obtidos através da interpretação direta dos coeficientes, expressos em termos de probabilidades logarítmicas que informam a relação entre as variáveis independentes com a variável dependente. Quando os coeficientes não têm significância estatística no modelo são considerados zero ou são omitidos pelo software STATA, são as células vazias na Tabela 6 que mostra os resultados das estimações. Para facilitar a interpretação, os coeficientes frequentemente são transformados em *Odds Ratio*. É importante observar que os resultados são apresentados nas duas formas de interpretação⁸ para todos os setores como parte deste exercício analítico. Quando os resultados de uma regressão logit binária são expressos em termos de *Odds Ratio* ou Razão de Chance (OR na Tabela 6), observa-se a razão das probabilidades de sucesso entre as duas categorias

⁸ Coeficientes disponíveis no Anexo E.

da variável dependente (mercado de trabalho no setor i na segunda entrevista) com base em uma unidade de mudança na variável independente.

A razão de chance (OR) é usada para avaliar o impacto da variável independente nas chances de um resultado positivo, que no caso do exercício é estar em uma ocupação criativa na segunda entrevista dado a ocupação na primeira entrevista. Assim, se o $OR = 1$, significa que a variável independente não tem efeito sobre as chances de sucesso. Se o $OR > 1$, sugere que a variável independente está associada a maiores chances de sucesso (permanecer em ocupação criativa), enquanto um $OR < 1$ sugere que a variável independente está associada a menores chances de sucesso. É importante notar que a categoria de comparação, no caso deste modelo, é estar em uma ocupação não criativa.

Aplica-se então seguinte modelo para com a amostra inicial restrita para cada um dos 10 setores criativos construídos e expostos anteriormente da Economia Criativa Brasileira:

$$\begin{aligned}
 MTB_setor_2 = & \beta_0 + \beta_1 ib(\#4).MTB_setor_1 + \beta_2 i.educ + \beta_3 genero + \beta_4 cor + \\
 & \beta_5 i.idade + \beta_6 chefe + \beta_7 ib(\#3).regiao + \beta_8 metrop + \beta_9 i.posiocup + \\
 & \beta_{10} i.horastrab + \beta_{11} i.Ano_1 + u^2 \text{ if } setor == i, or .
 \end{aligned}
 \tag{10}$$

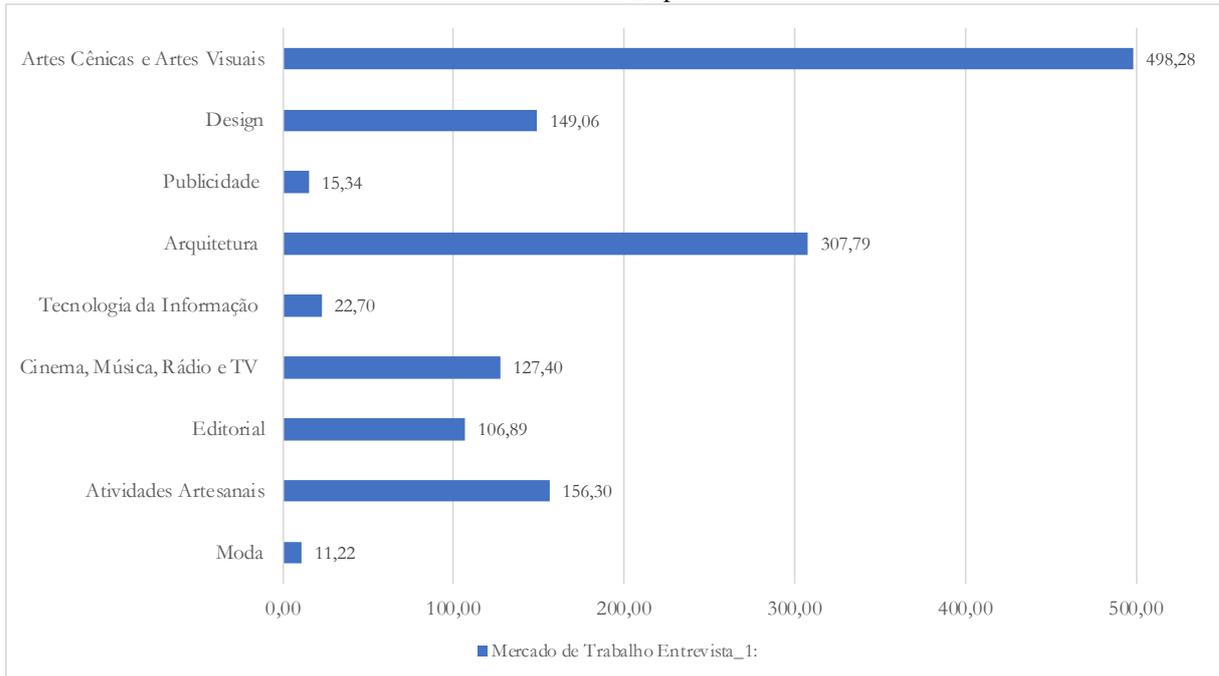
Todos os modelos são estatisticamente significantes com exceção do construído para museus e patrimônios cuja $P > Chi^2 > 0$, como mostra a Tabela 6. Pode ter acontecido devido a baixa representatividade na amostra para o setor Museus e Patrimônios, que contém apenas 92 observações durante o período analisados. Os coeficientes em geral não são significantes ao nível de 10%, analisa-se aqui as relações OR, dado que os modelos com um todo se mostram significativos.⁹

Ao analisar alguns destaques da Tabela 6, torna-se evidente que a variável Mercado de Trabalho na Entrevista 1 (mtb_1)¹⁰, desempenha um papel significativo no aumento das chances de permanecer em uma posição de ocupação criativa na segunda entrevista, independentemente do setor. O setor de Moda apresenta as menores probabilidades de que os ocupados na primeira entrevista permaneçam em uma ocupação criativa na segunda entrevista - Gráfico 4. Estes resultados corroboram as características descritivas apresentadas anteriormente, dado que o setor Moda possui uma proporção maior de ocupados não criativos.

⁹ A tabela completa com os testes, observações, coeficientes e o setor Museus e Patrimônio estão no Anexo E.

¹⁰ O indicador $_1$ ou $_2$ nas variáveis representa a qual entrevista elas pertencem.

Gráfico 4 - Razão de Chance estar no MTB_1 para os setores da Economia Criativa



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Destaca-se também no Gráfico 4, o setor Arquitetura, os indivíduos que estão em ocupações criativas na entrevista (1) têm 307 vezes mais chances de permanecer em ocupação criativa na entrevista (2), quando comparados àqueles em ocupações não criativas (categoria base).

Os resultados indicam então, que os ocupados criativos dos setores Moda e Publicidade tem maiores chances de transitar para uma ocupação não criativa na segunda entrevistas quando comparados à Artes Cênicas e Visuais e Arquitetura, por exemplo.

Os diferentes níveis educacionais têm razões de chance (OR) relacionadas, em geral percebe-se que os resultados indicam que estar no nível de educação superior está associado a maiores chances de estar em uma ocupação criativa na segunda entrevista para os setores, com exceção de atividades artesanais e design.

Tabela 6 - Razão de Chance Logit Binário para setores da Economia Criativa

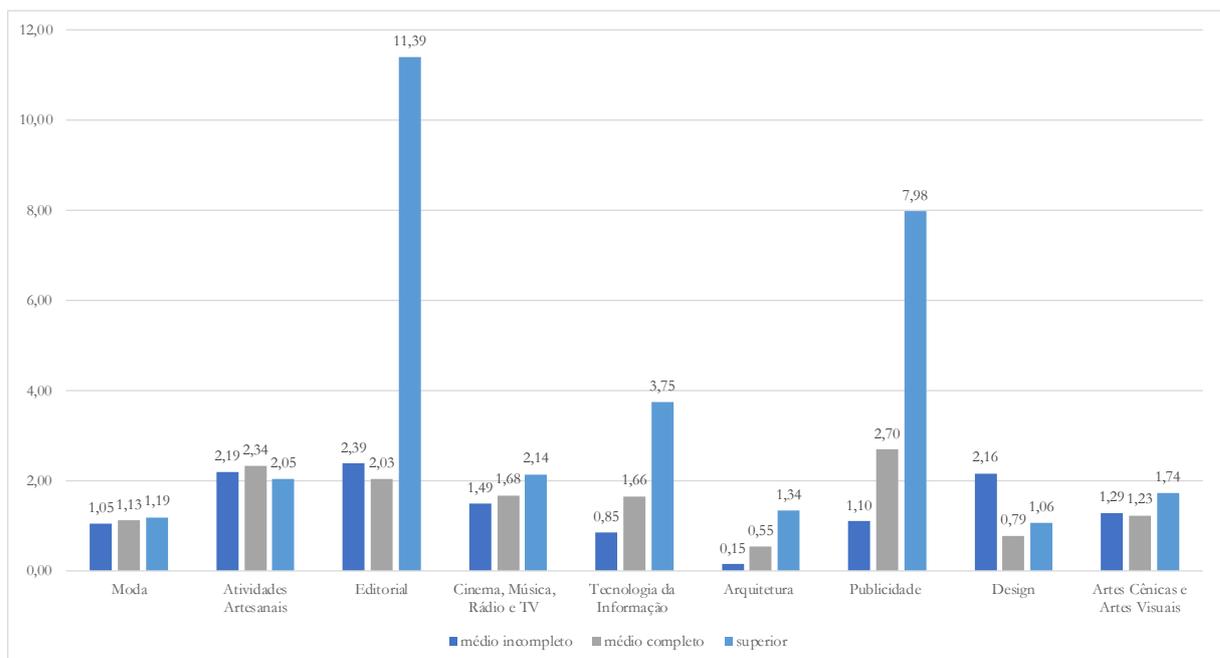
Logit Binário	Moda	Atividades Artesanais	Editorial	Cinema, Música...	TI	Arquitetura	Publicidade	Design	Artes (Cênicas ...)
Y = Trabalhadores Entrevista_2	OR	OR	OR	OR	OR	OR	OR	OR	OR
Mercado de Trabalho Entrevista_1:	11,215	156,295	106,893	127,402	22,704	307,789	15,341	149,056	498,280
Escolaridade:									
médio incompleto	1,054	2,194	2,394	1,489	0,853	0,148	1,104	2,163	1,289
médio completo	1,126	2,336	2,031	1,679	1,660	0,546	2,697	0,786	1,231
superior	1,195	2,045	11,389	2,144	3,749	1,342	7,979	1,065	1,737
Genero	0,576	0,631	2,406	1,660	1,692	0,719	1,161	1,034	2,041
Cor	0,892	0,606	0,518	0,815	1,160	2,004	1,118	0,848	1,760
Faixa idade:									
30 - 39 anos	1,060	0,732	1,625	1,568	0,994	1,820	0,858	1,025	0,427
40 - 49 anos	1,159	1,178	1,016	1,231	0,809	1,497	0,646	0,769	0,508
50 - 59 anos	1,318	1,021	2,455	1,347	1,262	2,537	0,271	0,777	0,355
60 - 70 anos	1,573	1,135	1,007	2,082	0,407	2,187	0,982	1,062	0,401
Condição domicílio	1,118	0,909	0,762	0,648	0,905	1,078	0,813	0,907	0,855
Região:									
norte	1,552	0,371	0,679	1,290	0,772	0,826	1,054	1,566	1,092
nordeste	0,952	0,946	1,877	1,426	0,813	0,902	0,625	0,658	2,272
sul	0,811	0,909	1,589	1,761	1,015	0,730	0,782	0,809	0,517
centro oeste	0,535	0,953	2,493	2,845	1,029	0,607	0,465	0,794	1,067
Área Metropolitana	1,143	0,778	0,870	0,853	0,863	0,750	0,983	1,327	1,117
Posição na ocupação:									
sem carteira	1,682	2,033	3,617	0,798	1,152	5,933	1,745	0,726	0,420
empregador	1,582	2,322	0,483	3,758	0,610	1,962	1,642	0,970	0,280
conta própria	3,841	3,756	6,599	3,966	0,730	1,805	2,479	2,993	1,287
Faixa horas trabalhadas:									
15 - 39 horas	1,034	0,778	0,298	2,653	0,956	1,216	0,897	1,186	0,759
40 - 44 horas	0,773	0,300	0,780	0,756	1,032	1,488	0,924	0,982	0,227
45 - 48 horas	0,667	0,625	1,028	1,502	0,411	2,931	1,390	2,582	0,082
49 ou mais horas	0,670	0,605	0,765	0,859	0,705	2,095	1,401	0,836	0,204
Ano:									
2013	0,943	0,556	0,519	2,405	1,302	1,045	1,348	0,879	1,713
2014	4,054	1,724	1,595	1,858	1,296	2,043	1,035	0,614	2,552
2015	2,462	0,333	2,302	5,079	1,177	0,887	0,701	0,899	3,889
2016	2,766	0,391	2,008	5,107	1,002	2,287	0,862	0,393	0,498
2017	2,635	0,296	0,527	5,338	1,365	1,865	0,828	0,559	2,589
2018	2,859	0,652	0,726	3,384	1,139	1,762	1,624	0,844	1,547
2019	3,054	0,727	3,275	2,469	1,282	1,451	1,131	0,519	0,613
2020	2,463	0,568	0,897	5,580	1,063	3,238	1,278	0,548	0,638
2021	2,558	0,727	2,445	3,266	1,533	1,853	1,250	0,619	4,154
2022	2,296	0,426	1,619	2,109	1,273	1,667	1,369	0,338	0,369
Constante	0,054	0,161	0,009	0,013	0,094	0,006	0,069	0,141	0,072

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Entre os setores as maiores chances associadas ao nível superior estão nos setores Editorial e Publicidade. Estes efeitos vão de encontro com as características da base e conforme descrito pela literatura (Machado, 2023; Ribeiro; Borges; Antigo, 2022) sobre o alto nível de escolaridade presente no setor, que pode impor barreiras de entrada e de permanência no emprego neste mercado de trabalho.

Quando comparado com aqueles indivíduos que possuem ensino fundamental incompleto os com ensino médio completo e superior tem maiores chances de permanecer em ocupações criativas. Todos os valores para estes dois níveis possuem razões de chance (OR) maiores que 1, que indica um aumento nas chances em relação à categoria base, ou seja, tem menores chances de transitar para uma ocupação não criativa, como mostra o Gráfico 5.

Gráfico 5 - Razão de Chance Nível Educacional para os setores da Economia Criativa – Referência Ensino fundamental incompleto



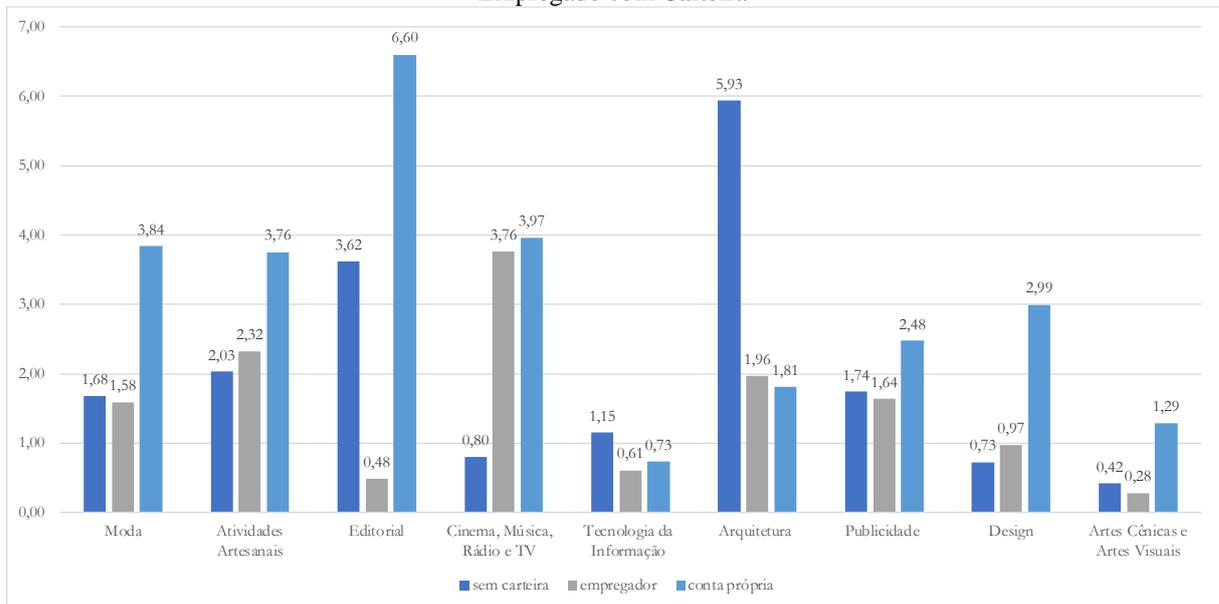
Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Quanto aos vínculos empregatícios, observa-se no Gráfico 6, os setores que apresentam mais chances de os indivíduos permanecerem em ocupação criativa são os não formais (conta própria e sem carteira), quando comparados aos trabalhadores formais (com carteira assinada). Estes resultados corroboram com as características apresentadas que reportam os setores criativos como setores com alta informalidade nos vínculos trabalhistas.

Observa-se também que para os setores Editorial, Tecnologia da Informação, Design, Artes Cênicas e Artes Visuais os indivíduos do tipo empregadores têm menos chances de

permanecer em ocupações criativas na segunda entrevista visto que os resultados da OR são menores que 1. Um destaque também para o indivíduo do tipo empregador no setor Cinema, Música, Rádio e TV, entre todos os setores, é quem tem mais possibilidades de permanecer em uma ocupação criativa quando comparados ao profissional com carteira assinada. Nas características descritivas apresentadas, esse setor está dentre os quatro que possuem um maior percentual de empregadores em ocupação criativa.

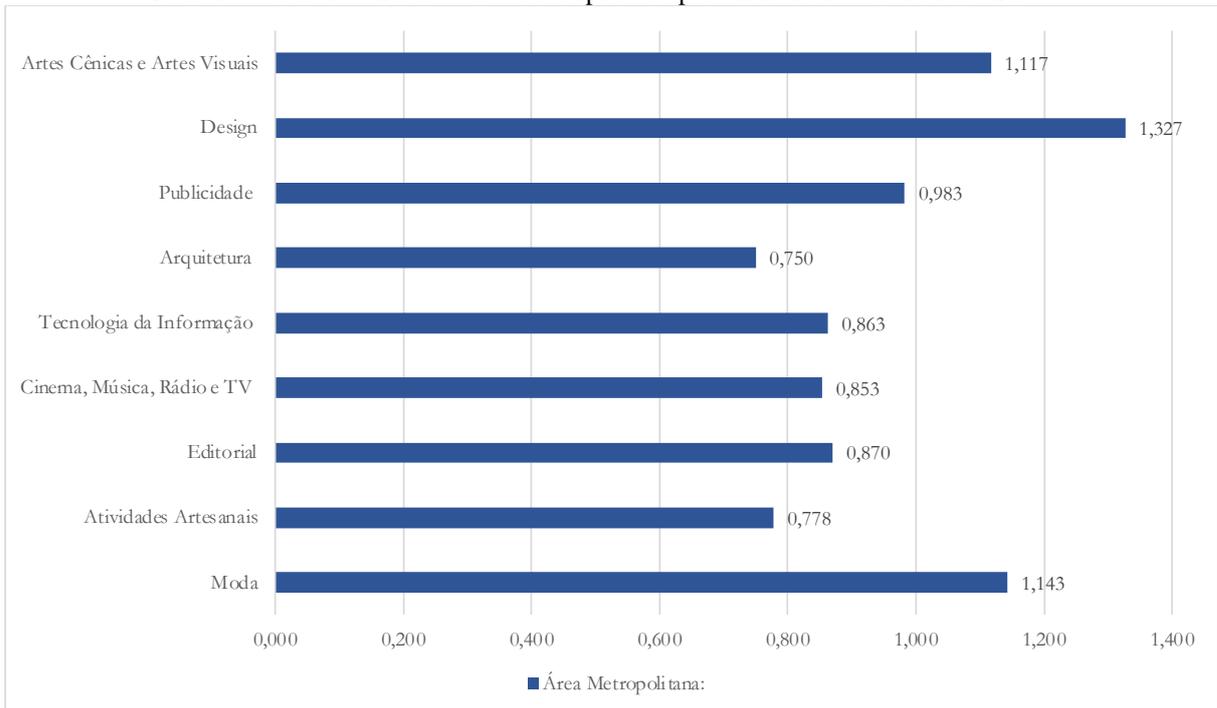
Gráfico 6 - Razão de Chance Vínculo Empregatício para os setores da Economia Criativa – Referência Empregado com Carteira



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Um resultado diferente do esperado são as razões de chance (OR) para a presença em Área Metropolitana, como mostra o Gráfico 7. Com a exceção de Artes Cênicas e Visuais, Design e Moda onde os ocupados apresentam mais chances de permanecerem em ocupações criativas na segunda entrevistas uma vez que se encontrem em áreas metropolitanas, a maioria dos setores apresentam OR menores que 1 para esta variável. Neste sentido, seus ocupados criativos têm mais chances de transitar para ocupações não criativas quando comparadas ao resto da UF. Como colocado, este resultado vai contra o apresentado nas características descritivas e na literatura empírica (Markusen; Schrock; Cameron, 2004), visto que a maioria dos ocupados criativos dos setores estão presentes nas áreas metropolitanas e era de se esperar que esta variável agregasse maiores chances dos ocupados permanecessem em atividades criativas.

Gráfico 7 - Razão de Chance Área Metropolitana para os setores da Economia Criativa

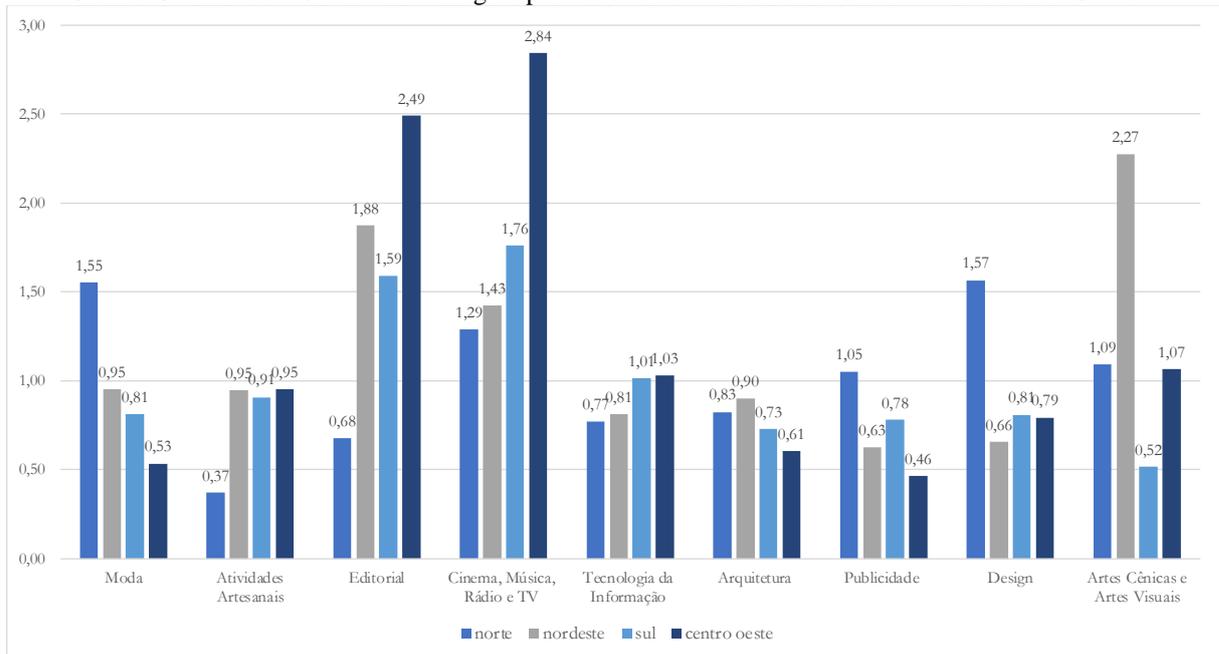


Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

O resultado para a variável região também se difere do esperado, que seria a maioria dos setores apresentarem $OR < 1$ para as regiões quando comparadas com o Sudeste, que descritivamente aparenta ser uma região de aglomeração dos ocupados que desempenham atividades criativas.

No Gráfico 8, vemos que os indivíduos em ocupações criativas na segunda entrevista no setor Moda apresentam maior chance de permanecer na ocupação na região norte, que não é uma região que costuma a ser vista como polo deste setor. As outras regiões apresentam $OR < 1$, para este setor, indicando que há menores chances dos ocupados criativos permanecerem nesta ocupação na segunda entrevista quando comparado à categoria referência Sudeste. Outros pontos de destaque as razões de chance de permanecer na ocupação na região centro-oeste comparadas a região sudeste dos setores Editorial, Cinema, Música, Rádio e TV.

Gráfico 8 - Razão de Chance Área Região para os setores da Economia Criativa – Referência Sudeste



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Os trabalhadores negros possuem mais chances de permanecerem nas ocupações criativas para os setores TI, Arquitetura, Publicidade e Artes Cênicas e Visuais quando comparado aos indivíduos brancos e à categoria base. As mulheres possuem mais chances de estarem em ocupações criativas na segunda entrevista para os setores Editorial, Cinema, Música, Rádio e TV, TI, Publicidade, Design, Artes Cênicas e Artes Visuais, quando comparados a referência Homens e a categoria base. Outros resultados podem ser encontrados na Tabela 6 e no Anexo 5 que reporta todos as razões de chance (OR) dos modelos.

Conclui-se que as variáveis que parecem ter maiores efeitos na variável binária dependente para os setores em geral é a presença na ocupação criativa na primeira entrevista, o nível de escolaridade e o vínculo empregatício do ocupado. Além disso, os resultados seguem um caminho contrário ao esperado para as variáveis: área metropolitana e região, o que pode indicar algum problema de especificação ou na representatividade da amostra. Importante lembrar, que os modelos completos e o modelo para Museus e Patrimônio estão no Anexo 5.

O Logit Binário pode se tornar não representativo, neste caso, uma vez que a amostra para alguns setores é bem menor que para outros. Como evidenciado, para o setor de museus e patrimônios por exemplo a amostra consta com apenas 92 observações e se torna não representativa e que gerou um modelo estatisticamente não significativo. Assim opta-se por

comparar também as inserções nas ocupações e setores criativos através de um modelo Logit Multinomial.

5.2 LOGIT MULTINOMIAL

O modelo Logit Multinomial apresenta uma extensão do logit de escolha binária uma vez possibilitando diferentes resultados categóricos. Assim, neste caso utilizamos dos 3 grupos apresentados nas características descritivas: (1) Ocupação Criativa e Setor Criativo; (2) Ocupação Não Criativa e Setor Criativo; (3) Ocupação Criativa e Setor Não Criativo e por último a categoria de referência (4) Ocupação e Setor Não Criativo, que é o grupo de maior ocorrência.

O modelo é estimado seguindo Wooldridge (2006) e Heij *et al.* (2004), onde deseja-se comparar a probabilidade do indivíduo de permanecer na categoria (1, 2 ou 3) na segunda entrevista da PNADC, dado as variáveis independentes escolhidas. A primeira variável é estar na mesma categoria na primeira entrevista (*mtb_1*), comparado a esta mesma probabilidade para a categoria de referência.

Ou seja, o modelo logit multinomial estima modelos $k-1$, onde a k -ésima equação é relativa ao grupo de referência. A variável dependente do modelo é *mtb_2* que representa o mercado de trabalho brasileiro, em cada categoria, na segunda entrevista. As variáveis independentes foram descritas no quadro de variáveis presente no Anexo 1, destas as que não são binárias foram transformadas em dummies categóricas. Os parâmetros são estimados através do método de máxima verossimilhança.

Estima-se quatro modelos sendo o primeiro para brasil total com todas as variáveis¹¹ inclusas. O segundo para brasil total com apenas as variáveis independentes mais significantes, obtidas no primeiro modelo. O modelo 3 segue a equação do modelo 2 e restringe a amostra para apenas os indivíduos com alta escolaridade (Ensino Médio completo ou Ensino Superior). O último modelo (4), segue o modelo 2 e restringe a amostra para apenas os ocupados cujo vínculo empregatício é conta própria.

Todos os modelos são multiplicados pelo peso populacional disponível para a base e os resultados são solicitados em Razão de Risco Relativo (RRR). Assim, podemos obter a equação de cada uma destas regressões:

¹¹ Disponível no Anexo A.

1. Brasil Total – Modelo 1

$$MTB_2 = \beta_0 + \beta_1 ib(\#4).MTB_1 + \beta_2 i.educ + \beta_3 genero + \beta_4 cor + \beta_5 i.idade + \beta_6 chefe + \beta_7 ib(\#3).regiao + \beta_8 metrop + \beta_9 urbano + \beta_{10} i.posiocup + \beta_{11} contribuicao + \beta_{12} i.horastrab + \beta_{13} i.Ano_1 + u^2, base (4) rrr \quad (11)$$

2. Brasil Total Modelo 2

$$MTB_2 = \beta_0 + \beta_1 ib(\#4).MTB_1 + \beta_2 i.educ + \beta_3 genero + \beta_4 cor + \beta_5 i.idade + \beta_6 ib(\#3).regiao + \beta_7 metrop + \beta_8 i.posiocup + \beta_9 i.Ano_1 + u^2, base (4) rrr. \quad (12)$$

3. Restrição da amostra por Educação – Modelo 3

$$MTB_2 = \beta_0 + \beta_1 ib(\#4).MTB_1 + \beta_2 genero + \beta_3 cor + \beta_4 i.idade + \beta_5 ib(\#3).regiao + \beta_6 metrop + \beta_7 i.posiocup + \beta_8 i.Ano_1 + u^2 \text{ if } educ_1 == 3 \mid educ_1 == 4, base (4) rrr. \quad (13)$$

4. Restrição da amostra por Vínculo Laboral – Modelo 4

$$MTB_2 = \beta_0 + \beta_1 ib(\#4).MTB_1 + \beta_2 i.educ + \beta_3 genero + \beta_4 cor + \beta_5 i.idade + \beta_6 ib(\#3).regiao + \beta_7 metrop + \beta_8 i.Ano_1 + u^2 \text{ if } posiocup == 4, base (4) rrr \quad (14)$$

Todos os modelos são testados pelo teste Qui-Quadrado da Razão de Verossimilhança (RV) que verifica se as equações não possuem pelo menos um dos coeficientes dos preditores da regressão que não é igual a zero. Observa-se que os modelos são estatisticamente significantes pois a probabilidade de aceitar o erro do tipo I, $P > \chi^2$, é igual a zero em todos os cenários. Além disso é importante destacar que o R quadrado nos modelos logit não tem interpretação semelhante aos encontrados nos modelos MQO¹² (OLS) e esta estatística deve ser interpretada com cautela. Todas estas informações podem ser observadas no topo da Tabela 7 para os modelos 1 e 2 e no topo do Anexo 4 para os modelos 3 e 4. Os resultados que foram omitidos podem representar: variáveis categóricas com poucas observações ou variáveis com problemas de multicolinearidade.

Os resultados expressos em Razão de Risco Relativo (RRR) indicam o risco de o resultado cair no grupo de referência para cada variável dependente. Uma RRR maior que 1 é o risco relativo do resultado estar no grupo de comparação (1, 2 ou 3) em relação a estar no

¹² Mínimos Quadrados Ordinários.

grupo de referência (4), indicando que o resultado estar no grupo de comparação é mais provável. Uma RRR menor que 1 indica que o risco relativo de estar no grupo de comparação (1, 2 ou 3) diminui à medida que a variável aumenta. Em síntese, a Razão de Risco Relativo verifica, dado as variações dos preditores, qual a chance de os indivíduos transitarem da categoria base na segunda entrevista da PNADC-T para as categorias de referência.

Os coeficientes obtidos no modelo logit multinomial são estimados em relação a categoria base (4) e seus parâmetros representam o efeito de uma mudança unitária na variável preditora em relação ao grupo de referência. Ao aplicar os 4 modelos percebe-se poucas alterações em termo de significância dos coeficientes e de alteração nas RRR. Portanto, reporta-se na Tabela 7 apenas os resultados dos modelos 1 e 2 enquanto os resultados dos modelos 3 e 4 estão dispostos no Anexo 4.

Evidente que o maior risco relativo de estar inserido na economia criativa na segunda entrevista da PNADC é a variável *mtb_1*, ou seja, estar presente na categoria 1, 2 ou 3 na primeira entrevista. Por exemplo, para o modelo 1 estar em ocupação e setor criativo na entrevista 1 apresenta 994 mais chances de estar nesta categoria na entrevista 2 em relação a estar presente em ocupações e setores não criativos. Este padrão se repete para todos os modelos nas 3 categorias e todos seus coeficientes são significativos ao nível de 1%.

A segunda variável que mais apresenta chances de o indivíduo permanecer em categorias criativas é a escolaridade, o que corrobora com o apresentado na literatura (Ribeiro; Borges; Antigo, 2022), nas características descritivas e no modelo logit binário. Nos modelos 1, 2 e 3, quanto maior o nível de escolaridade maior a chance de o indivíduo permanecer nas 3 categorias da economia criativa, quando comparado àqueles indivíduos com ensino fundamental incompleto.

Para as Ocupações e Setores Criativos os indivíduos com ensino superior completo apresentam aproximadamente 2,3 vezes mais chance de permanecer no nesta ocupação e setor na segunda entrevista. Para os ocupados não criativos em setores criativos (2) essa chance cai em relação a primeira categoria para 1,21 no modelo 1 e 1,27 no modelo 2. Por fim, para os ocupados criativos em setores não criativos (3) as chances de permanecer são as maiores sendo 3,65 e 4,19 respectivamente para os modelos 1 e 2, quando comparado aos indivíduos com fundamental incompleto. Com estas informações, percebe-se que a probabilidade de permanecer nas categorias criativas são maiores para as categorias que consideram ocupações criativas. Observa-se também que o modelo 2, no geral, apresenta razões de risco relativos um pouco maiores que o modelo 1, apesar da significância dos parâmetros mudar pouco.

Para as categorias Ocupação e Setor Criativo (1) e Ocupação não Criativa e Setor Criativo (2) nos modelos 1 e 2 o mercado de trabalho é predominantemente masculino. Já na terceira categoria, para ambos os modelos, ser mulher apresenta mais chances de estar inserida neste mercado de trabalho.

Os resultados indicam que, no geral, trabalhadores conta própria ou sem carteira de trabalho assinada apresentam maiores riscos relativos de estarem na economia criativa assim como residentes de áreas urbanas e metropolitanas, confirmando a informalidade presente na Economia Criativa e evidenciando o proposto por Markusen, Schrock e Cameron (2004) onde os grandes centros urbanos atraem os trabalhadores criativos.

Em relação à presença nas regiões, em geral as razões de risco relativo para estas são menores que 1 indicando que a presença dos indivíduos nas categorias é relativamente menor no Norte, Nordeste, Sul e Centro Oeste quando comparado ao Sudeste. Com exceção da chance de estar presente na região Sul para os Ocupados Não Criativos em Setores Criativos para ambos os modelos. As RRR para a região Sul são maiores em geral que para as outras regiões o que revelam uma maior probabilidade destes mercados de trabalho estarem presentes no Sul e Sudeste indicando uma possibilidade de aglomeração nestas regiões. Este resultado, parece ser mais coerente com o esperado e em geral, os coeficientes são significantes ao nível de 1%, diferente do apresentado pelo modelo logit binário.

As dummies temporais são mais significantes para as categorias que incluem setores criativos e é possível observar que para os anos 2015 e 2020 as chances de estarem inseridos nestas categorias em referência a categoria base reduzem o que pode indicar um efeito da crise econômica brasileira no mercado de trabalho, momentos em que os setores criativos e culturais geralmente recebem menos incentivos.

Observações: 966.864
W Chi²(34): 114564,25
P > Chi² = 0
Pseudo R²: 0,4812

Observações: 966.864
W Chi²(34): 112762,58
P > Chi² = 0
Pseudo R²: 0,4799

Logit Multinomial Log pseudolikelihood: M1 --89663753 M2 --89890069
Resultados em Razão de Chance

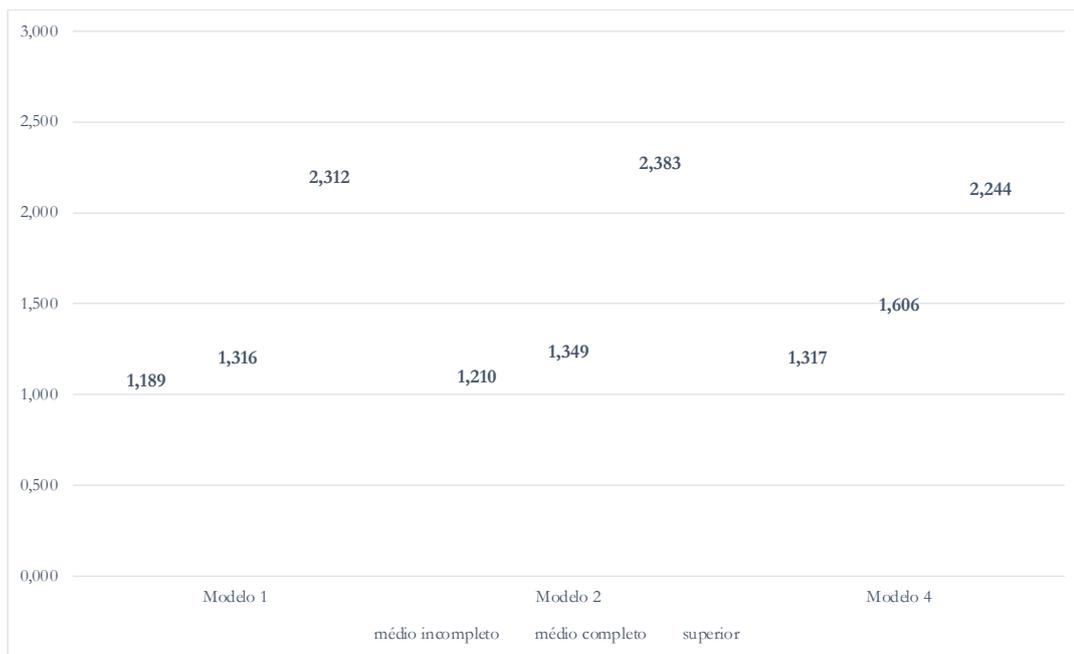
Y = Mercado de Trabalho 2	Ocupação e Setor Criativo				Ocupação Não Criativa e Setor Criativo				Ocupação Criativa e Setor Não Criativo			
	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 1		Modelo 2		Modelo 1		Modelo 2	
	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)
Mercado de Trabalho 1:												
Ocup Criativo e Setor Criativo	994,532	6,9023*** (-0,039)	1017,352	6,9250*** (-0,0389)	74,468	4,3104*** (-0,0406)	75,784	4,3279*** (-0,0404)	40,488	3,7010*** (-0,0524)	41,223	3,7190*** (-0,0523)
Ocup Não Criativo e Setor Criativo	81,268	4,3978*** (-0,044)	82,876	4,4173*** (-0,0436)	184,174	5,2159*** (-0,0254)	189,423	5,2440*** (-0,0252)	4,529	1,5105*** (-0,071)	4,622	1,5308*** (-0,0711)
Ocup Criativo e Setor Não Criativo	46,171	3,8323*** (-0,0495)	47,065	3,8515*** (-0,0495)	4,426	1,4875*** (-0,0715)	4,495	1,5029*** (-0,0715)	89,375	4,4928*** (-0,0325)	90,812	4,5088*** (-0,0325)
Escolaridade:												
médio incompleto	1,189	0,1734*** (-0,0488)	1,210	0,1903*** (-0,0483)	1,169	0,1558*** (-0,0333)	1,209	0,1902*** (-0,0331)	1,395	0,3325*** (-0,0517)	1,467	0,3832*** (-0,0515)
médio completo	1,316	0,2748*** (-0,0405)	1,349	0,2993*** (-0,0398)	1,153	0,1422*** (-0,03)	1,203	0,1849*** (-0,0294)	1,918	0,6512*** (-0,0447)	2,056	0,7207*** (-0,0444)
superior	2,312	0,8380*** (-0,0443)	2,383	0,8686*** (-0,0436)	1,218	0,1974*** (-0,0353)	1,276	0,2437*** (-0,0345)	3,858	1,3501*** (-0,0465)	4,193	1,4355*** (-0,046)
Genero	0,832	-0,1833*** (-0,029)	0,818	-0,2009*** (-0,0286)	0,832	-0,1838*** (-0,023)	0,827	-0,1895*** (-0,0227)	1,277	0,2443*** (-0,0301)	1,270	0,2388*** (-0,0292)
Cor	1,180	0,1652*** (-0,0306)	1,172	0,1586*** (-0,0306)	1,150	0,1399*** (-0,025)	1,151	0,1404*** (-0,0249)	1,158	0,1469*** (-0,0309)	1,156	0,1447*** (-0,0308)
Faixa idade:												
30 - 39 anos	0,894	-0,1122** (-0,0379)	0,885	-0,1218** (-0,0376)	0,913	-0,0911** (-0,0311)	0,908	-0,0966** (-0,0305)	0,959	-0,0417 (-0,0368)	0,971	-0,029 (-0,0354)
40 - 49 anos	0,832	-0,1835*** (-0,0425)	0,827	-0,1898*** (-0,0417)	0,892	-0,1144*** (-0,032)	0,889	-0,1177*** (-0,0313)	0,965	-0,0355 (-0,0427)	0,986	-0,014 (-0,0408)
50 - 59 anos	0,951	-0,0499 (-0,0537)	0,951	-0,0507 (-0,0539)	0,940	-0,0619 (-0,0375)	0,932	-0,0705 (-0,0368)	0,934	-0,0685 (-0,0457)	0,958	-0,0428 (-0,0434)
60 - 70 anos	0,971	-0,029 (-0,078)	1,000	-0,0004 (-0,077)	0,984	-0,0164 (-0,0663)	0,973	-0,0276 (-0,0658)	0,922	-0,0812 (-0,0794)	0,954	-0,0469 (-0,0779)
Condição domicílio	1,023	0,023 (-0,0303)	-	-	0,970	-0,0302 (-0,0238)	-	-	1,030	0,0299 (-0,03)	-	-
Região:												
norte	0,692	-0,3681*** (-0,0493)	0,697	-0,3612*** (-0,0486)	0,703	-0,3518*** (-0,0446)	0,687	-0,3748*** (-0,0443)	0,780	-0,2489*** (-0,0483)	0,757	-0,2782*** (-0,0479)
nordeste	0,916	-0,0879* (-0,0369)	0,913	-0,0916* (-0,0367)	0,997	-0,0026 (-0,0299)	0,970	-0,0301 (-0,0294)	0,823	-0,1947*** (-0,0353)	0,801	-0,2221*** (-0,0353)
sul	0,973	-0,0276 (-0,0353)	0,960	-0,0407 (-0,0352)	1,199	0,1813*** (-0,0271)	1,189	0,1729*** (-0,027)	0,955	-0,0456 (-0,0346)	0,947	-0,0542 (-0,0346)
centro oeste	0,771	-0,2601*** (-0,0438)	0,778	-0,2506*** (-0,0438)	0,925	-0,0776* (-0,0351)	0,933	-0,0688* (-0,035)	0,767	-0,2650*** (-0,0396)	0,763	-0,2709*** (-0,0396)
Área Metropolitana	1,278	0,2450*** (-0,0309)	1,323	0,2798*** (-0,0305)	1,110	0,1045*** (-0,0244)	1,151	0,1407*** (-0,0241)	1,286	0,2514*** (-0,0284)	1,330	0,2851*** (-0,0281)
Área Urbana	1,539	0,4312*** (-0,0425)	-	-	1,600	0,4697*** (-0,029)	-	-	1,952	0,6688*** (-0,0468)	-	-
Posição na ocupação:												
sem carteira	1,112	0,1065 (-0,0635)	1,248	0,2212*** (-0,051)	0,878	-0,1297** (-0,0446)	0,878	-0,1296*** (-0,038)	0,829	-0,1873*** (-0,0485)	0,821	-0,1978*** (-0,0391)
empregador	1,161	0,1497* (-0,0661)	1,194	0,1771** (-0,0646)	1,117	0,1106* (-0,0501)	1,081	0,0782 (-0,0486)	0,973	-0,0275 (-0,06)	0,961	-0,0399 (-0,0593)
conta própria	1,777	0,5748*** (-0,0446)	1,969	0,6777*** (-0,0347)	0,849	-0,1637*** (-0,0379)	0,820	-0,1986*** (-0,0274)	0,803	-0,2195*** (-0,0447)	0,794	-0,2312*** (-0,0347)
Faixa horas trabalhadas:												
15 - 39 horas	1,014	0,0137 (-0,06)	-	-	1,070	0,068 (-0,0529)	-	-	0,739	-0,3026*** (-0,0719)	-	-
40 - 44 horas	0,987	-0,0127 (-0,0582)	-	-	1,342	0,2940*** (-0,0503)	-	-	0,834	-0,1811** (-0,0701)	-	-
45 - 48 horas	0,693	-0,3669*** (-0,0707)	-	-	1,127	0,1192* (-0,0569)	-	-	0,702	-0,3533*** (-0,0777)	-	-
49 ou mais horas	0,910	-0,0945 (-0,069)	-	-	1,070	0,0677 (-0,0569)	-	-	0,772	-0,2581*** (-0,0757)	-	-
Não Contribuinte:	1,195	0,1781*** (-0,0447)	-	-	1,101	0,0964** (-0,0372)	-	-	1,025	0,025 (-0,0448)	-	-
Ano:												
2013	1,112	0,1065 (-0,0628)	1,111	0,1051 (-0,0627)	0,980	-0,0205 (-0,0436)	0,981	-0,0188 (-0,0435)	0,996	-0,0038 (-0,0567)	0,995	-0,0047 (-0,0566)
2014	1,459	0,3778*** (-0,0603)	1,453	0,3736*** (-0,0603)	0,946	-0,0553 (-0,0448)	0,952	-0,0491 (-0,0446)	1,008	0,0079 (-0,0555)	1,006	0,0057 (-0,0554)
2015	1,135	0,1268* (-0,061)	1,134	0,1256* (-0,0609)	0,895	-0,1105* (-0,0464)	0,902	-0,1029* (-0,0463)	0,989	-0,0112 (-0,0573)	0,990	-0,0106 (-0,0572)
2016	1,087	0,0835 (-0,064)	1,099	0,0948 (-0,0638)	0,777	-0,2520*** (-0,0517)	0,794	-0,2303*** (-0,0518)	0,946	-0,0557 (-0,0557)	0,955	-0,0466 (-0,0557)
2017	1,103	0,0983 (-0,0621)	1,125	0,1174 (-0,0619)	0,799	-0,2241*** (-0,0463)	0,816	-0,2027*** (-0,046)	0,920	-0,0831 (-0,0564)	0,931	-0,071 (-0,0564)
2018	1,164	0,1522* (-0,0594)	1,185	0,1698** (-0,0593)	0,818	-0,2004*** (-0,0459)	0,832	-0,1836*** (-0,0458)	0,927	-0,0754 (-0,0566)	0,938	-0,0638 (-0,0567)
2019	1,233	0,2095*** (-0,0616)	1,254	0,2261*** (-0,0617)	0,848	-0,1644*** (-0,0473)	0,863	-0,1468** (-0,047)	0,913	-0,0915 (-0,0596)	0,921	-0,0825 (-0,0596)
2020	1,158	0,1466 (-0,0806)	1,181	0,1664* (-0,0807)	0,804	-0,2181*** (-0,0585)	0,810	-0,2109*** (-0,0587)	0,876	-0,1319 (-0,0683)	0,894	-0,1126 (-0,0682)
2021	1,155	0,1439* (-0,0733)	1,171	0,1580* (-0,0734)	0,809	-0,2118*** (-0,0603)	0,828	-0,1890** (-0,06)	0,911	-0,0934 (-0,0746)	0,920	-0,0835 (-0,0745)
2022	1,110	0,1044 (-0,0745)	1,125	0,1178 (-0,0746)	0,893	-0,1130* (-0,0548)	0,915	-0,0884 (-0,0546)	0,853	-0,1593* (-0,0664)	0,866	-0,1439* (-0,0662)
Constante	0,001	-6,5905*** (-0,092)	0,002	-6,2639*** (-0,0716)	0,007	-5,0267*** (-0,0735)	0,012	-4,4418*** (-0,0515)	0,003	-5,8343*** (-0,1006)	0,004	-5,4941*** (-0,0685)

* p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Percebe-se que as variáveis escolaridade e posição na ocupação são determinantes para os modelos. Compara-se então as RRR da variável nível de educação nos modelos 1, 2 e 4 nos Gráficos por categoria 9, 10 e 11. O modelo 3 não é comparável pois restringe a amostra exatamente para os níveis de escolaridade. Como colocado, ao comparar apenas os modelos 1 e 2, os indivíduos com ensino superior tem mais chances de estar nas categorias com ocupações criativas. Quando adicionamos o modelo 4, que restringe por posição na ocupação ser conta própria, a maior chance presença indivíduos com ensino superior também acontece para os ocupados não criativos, observado no Gráfico 10. Visualmente é claro a importância do nível educacional na chance de permanência das ocupações criativas, para os 3 modelos e para as 3 categorias, quanto maior o nível educacional maior o risco relativo de estar presente nestas categorias.

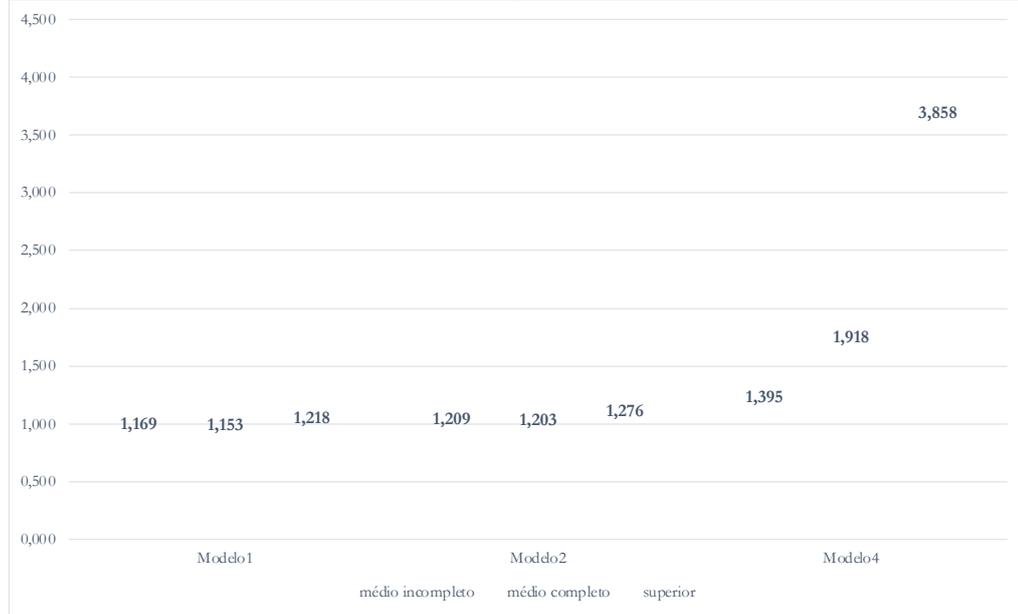
Gráfico 9 - RRR da variável educação na categoria ocupação e setor criativo (1)



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

O Gráfico 10 para o grupo 2, mostra que os modelos 1 e 2 não consideram grandes diferenças entre os 3 níveis educacionais em comparação ao fundamental incompleto na permanência dos trabalhadores na categoria, ainda que as RRR para superior seja maior. Já o modelo 4 aumenta essa diferença. Parece que os ocupados do tipo conta própria apresentam um risco relativo ainda maior, em referência a categoria base e ao empregado com carteira assinada, de permanecerem na categoria quanto maior o nível educacional.

Gráfico 10 - RRR da variável educação na categoria ocupação não criativa no setor criativo (2)



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Gráfico 11 - RRR da variável educação na categoria ocupação criativa e setor não criativo (3)



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Os modelos logit multinominais aplicados parecem ser mais estatisticamente significantes que os logit binários. Além de apresentarem uma amostra mais representativa para os agrupamentos escolhidos, os coeficientes reportados são mais significativos ao nível de 1%. Os resultados, condizem com o apresentado na revisão de literatura e com as

características descritivas desta pesquisa. As variáveis que parecem impactar mais na variável dependente em todos os modelos são as esperadas: Estar na categoria na primeira entrevista (MTB_1); Nível educacional; Posição na ocupação; Área metropolitana e Região.

Em seguida, examinamos as principais variáveis que impactam os rendimentos destes trabalhadores nas duas configurações de agrupamento.

5.3 EQUAÇÃO MINCERIANA

Deseja-se então compreender os efeitos dos fatores individuais, como o nível educacional, vínculos laborais e efeitos temporais macroeconômicos na variação dos rendimentos individuais nos diferentes agrupamentos da economia criativa apresentados. Iniciamos com a análise dos efeitos nos rendimentos para a categoria binária (ocupado criativo e ocupado não criativo) nos dez setores criativos apresentados.

A variável dependente é o salário em termos logarítmicos e a restrição da amostra é estar ocupado (criativo ou não criativo) no setor $i = 1, 2 \dots 10$, na segunda entrevista da PNADC-T. A equação aplicada para cada um dos setores é:

$$\begin{aligned} \ln_salario = & \beta_0 + \beta_1 i.setor_1 + \beta_2 i.anos_educ + \beta_3 exp + \beta_4 genero + \\ & \beta_5 cor + \beta_6 metrop + \beta_7 ib(\#3).regiao + \beta_8 i.posiocup + \beta_9 i.Ano_1 + \\ & \beta_{10} exp^2 + u^2 \text{ if } setor == i_2 \end{aligned}$$

(15)

O teste F avalia a significância conjunta das variáveis independentes no modelo de regressão. Um valor de probabilidade igual a zero sugere que o modelo é estatisticamente significativo, indicando que as variáveis independentes têm um impacto significativo na variável dependente. Todos os modelos são estatisticamente significantes com exceção do para o setor Museus e Patrimônios, que tem a $Prob > F > 0$, como mostra as Tabelas 8.1 e 8.2.

A qualidade do ajuste dos modelos pode ser avaliada usando o Root MSE (Erro Médio Quadrático), que mede a dispersão dos resíduos em relação aos valores reais. Quanto menor o valor do Root MSE, melhor o modelo se ajusta aos dados, indicando uma melhor explicação da relação entre as características dos trabalhadores e seus ganhos. O R-quadrado representa a proporção da variabilidade na variável dependente explicada pelas variáveis independentes no modelo de regressão. Estas três estatísticas de teste e o tamanho da amostra nos ajuda a

identificar a qualidade e a representatividade dos modelos aplicados. Todos os resultados e estatísticas estão reportados nas Tabelas 8.1 e 8.2.

Em termos amplos, os coeficientes das variáveis anos de escolaridade (a partir de 7 anos de estudo); experiência; gênero; cor; área metropolitana e posição na ocupação, foram significantes nos setores para as duas categorias de ocupação. O setor moda foi o que mais apresentou coeficientes significativos para as duas categorias de ocupação, acredita-se que devido ao tamanho da amostra para este setor ser mais representativa. O setor Editorial, Tecnologia da Informação, Arquitetura, Design, Publicidade e Museus e Patrimônios tiveram alguns coeficientes omitidos.

Os rendimentos, para as duas categorias de ocupação nos setores, tendem a ser maiores para indivíduos mais escolarizados, homens, brancos, em regiões metropolitanas, em posição de empregador. Em geral, o valor pico nos incrementos salariais acontecem com 16 anos de estudo para ambas as categorias de ocupação.

Para os ocupados criativos no setor Moda, que tem a maioria dos seus coeficientes significativos ao nível de 1%, a partir dos 9 anos de estudos os incrementos no salário passam aumentar significativamente a partir de 54% a mais com 9 anos de estudo até 118% a mais com 16 anos de estudo. Enquanto para os ocupados não criativos deste setor com 9 anos de escolaridade tem um aumento de 33% em seu salário e chegam a 101% a mais com 16 anos de escolaridade. Para a variável gênero, as ocupações criativas também têm um maior incremento nos rendimentos para esse setor. Os homens em ocupações criativas têm um aumento salarial de 49% enquanto os não criativos de aproximadamente 30%. Estar na área metropolitana também representa um maior efeito para os ocupados criativas do setor, 27% para criativos e 12% para os não criativos.

Quanto as variáveis regionais no setor Moda os efeitos para as regiões norte e nordeste são negativos para ambas as categorias de ocupação e 0 ou negativo para o centro oeste. Os ocupados criativos na região norte têm uma redução salarial de 27% e os não criativos ainda maior de 39%. Para a região nordeste o quadro se inverte, os ocupados não criativos (-30%) tem uma redução menos expressiva que os criativos (-47%).

Sobre o impacto da preferência pelo trabalho não formal nos rendimentos do setor Moda, os trabalhadores sem carteira e autônomos possuem uma redução salarial enquanto os trabalhadores do tipo empregador um aumento, para as duas categorias de ocupação. Para as dummies temporais, todos os coeficientes são positivos, mas não há uma convergência clara para algum período. Nota-se que os efeitos de aumento salarial são levemente menores para

os anos de 2015 e 2020 o que pode representar uma pequena queda salarial nesses períodos devido a crise e a pandemia. Para 2022, observa-se o maior valor de incremento salarial nas duas categorias de ocupação, como pode ser visualizado na Tabela 8.1.

Para Atividades Artesanais os indivíduos em ocupações criativas começam a ter incrementos salariais com apenas 4 anos de estudo enquanto os em ocupação não criativa começam a ter incrementos com 7 anos de estudo. Estes valores vão de encontro com as características deste setor, que possui uma maior parcela dos seus ocupados com ensino fundamental e médio incompleto. A partir dos 10 anos de escolaridade, os ocupados criativos em Atividades Artesanais possuem incrementos superiores àqueles dos não criativos, chegando a +175% do salário. Os trabalhadores desse setor possuem redução salarial caso estejam nas regiões norte e nordeste e sejam empregados de maneira informal.

Os ocupados criativos do setor Cinema, Música, Rádio e TV passam a ter variações positivas no salário apenas a partir dos 10 anos de estudo. Se destaca ainda mais para o setor Tecnologia da Informação (TI), onde os ocupados criativos passam a ter variações salariais positivas apenas com 16 anos de estudo. Essa descoberta corrobora com as características do setor onde mais de 80% dos ocupados criativos estão no nível de escolaridade superior, demonstrando a importação da educação especialmente para este tipo de trabalhador do setor. Ainda, os trabalhadores criativos do setor TI chegam a apresentar uma variação negativa de 168% aos 6 anos de escolaridade. Outro ponto que se destaca tanto para o setor Cinema, Música, Rádio e TV quanto para o setor Tecnologia da Informação são as variações salariais negativas para todas as regiões, que mostra presença maior dos trabalhadores pertencentes a estes setores na região Sudeste e pode indicar um ponto de aglomeração.

A variável de experiência no trabalho (exp) resulta em incrementos salariais positivos para todos os setores e tipos de ocupação.

Tabela 8.1 - Resultados Equação Minceriana para os Setores Criativos

Equação Minceriana	Observações: 16.778 P > F = 0 R ² : 0,41 Root MSE = 0,82515		Observações: 3.085 P > F = 0 R ² : 0,4925 Root MSE = 0,72082		Observações: 651 P > F = 0 R ² : 0,5225 Root MSE = 0,68406		Observações: 1.576 P > F = 0 R ² : 0,5052 Root MSE = 0,67483		Observações: 6.483 P > F = 0 R ² : 0,4519 Root MSE = 0,7143	
	Moda		Atividades Artesanais		Editorial		Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV		Tecnologia da Informação	
Y = Ln(salários)	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa
Mercado de Trabalho I:										
Ocupação Criativa	-0,2002*** (-0,0287)	-0,0719** (-0,0238)	0,0728 (-0,1043)	-0,2468** (-0,0808)	-0,2173 (-0,2586)	0,1556 (-0,1639)	0,1023 (-0,1068)	0,2775 (-0,1642)	0,0501 (-0,0633)	0,2067*** (-0,0575)
Anos de Estudo:										
1 ano	0,1527 (-0,1295)	0,087 (-0,1103)	-0,1911 (-0,3574)	-0,6112 (-0,3133)			-1,0428*** (-0,2638)	-0,0023 (-0,5201)	-1,0603*** (-0,3204)	
2 anos	0,0717 (-0,1269)	-0,0711 (-0,1285)	-0,4666 (-0,3312)	-0,4027 (-0,3351)			0,6617** (-0,2095)	0,6458 (-0,5536)	-0,6462*** (-0,1378)	
3 anos	0,0323 (-0,125)	0,0259 (-0,1041)	-0,1154 (-0,2431)	-0,3025 (-0,2755)	-0,9073** (-0,3103)		0,3037 (-0,1736)		-1,4894*** (-0,324)	
4 anos	0,3082** (-0,1089)	0,1479 (-0,1025)	0,2863 (-0,3379)	-0,0455 (-0,2118)	-0,0005 (-0,4625)		-2,7035*** (-0,1886)	0,4434 (-0,5076)	-0,5700*** (-0,1469)	
5 anos	0,3323*** (-0,0959)	0,2085* (-0,0868)	0,2359 (-0,2298)	-0,0196 (-0,2189)		-0,8263 (-0,4643)	0,0461 (-0,2102)	0,4327 (-0,5357)	-1,6423*** (-0,3243)	-0,3684 (-0,2147)
6 anos	0,4622*** (-0,0993)	0,1804* (-0,0887)	0,7928*** (-0,2234)	-0,0014 (-0,2179)	-1,3682* (-0,528)		-0,2632 (-0,2604)	0,0454 (-0,5482)	-1,3361*** (-0,3642)	-0,6349* (-0,299)
7 anos	0,5108*** (-0,1056)	0,2737** (-0,0911)	0,4853 (-0,2761)	0,1878 (-0,242)	-0,2558 (-0,5688)		-0,2095 (-0,2063)	-0,562 (-0,6129)	-1,6850*** (-0,3674)	-0,4242* (-0,1721)
8 anos	0,4668*** (-0,1095)	0,2902** (-0,0889)	0,6501** (-0,2486)	0,0386 (-0,2397)	-0,4328 (-0,5551)	-0,2011 (-0,5435)	-0,0509 (-0,2513)	0,0737 (-0,5089)	-1,4015*** (-0,3333)	-0,0691 (-0,2593)
9 anos	0,5420*** (-0,0988)	0,3305*** (-0,0858)	0,9346*** (-0,2189)	0,1125 (-0,2312)	1,2617 (-0,7107)	-0,4495 (-0,4918)	-0,0806 (-0,2032)	0,538 (-0,5048)	-0,7791* (-0,3717)	-0,0426 (-0,1287)
10 anos	0,6229*** (-0,1059)	0,3687*** (-0,0974)	1,2796*** (-0,2742)	0,1887 (-0,2401)	1,2796*** (-0,509)		-0,0594 (-0,2321)	0,4167 (-0,5676)	-0,4694 (-0,3916)	-0,1119 (-0,1548)
11 anos	0,7059*** (-0,102)	0,3363*** (-0,0894)	1,1531*** (-0,2608)	0,2874 (-0,2572)	-0,2813 (-0,5643)	-0,1882 (-0,525)	0,1509 (-0,2124)	0,5193 (-0,5499)	-0,8392* (-0,3258)	-0,1822 (-0,1523)
12 anos	0,7086*** (-0,0944)	0,4375*** (-0,0868)	1,1658*** (-0,2212)	0,2414 (-0,2278)	4,082 (-0,5302)	-0,2954 (-0,5302)	0,1215 (-0,1876)	0,826 (-0,5079)	-0,6632* (-0,3165)	0,0111 (-0,1006)
13 anos	0,7620*** (-0,1397)	0,4891*** (-0,0969)	1,4161*** (-0,2622)	0,5524* (-0,2406)	0,2492 (-0,5643)	0,0966 (-0,525)	0,3347 (-0,2124)	1,0781 (-0,5499)	0,2993* (-0,3258)	0,2993* (-0,1523)
14 anos	0,9767*** (-0,143)	0,7086*** (-0,1185)	1,7599*** (-0,2681)	0,7948** (-0,3037)	0,5437 (-0,5193)	0,4298 (-0,5396)	0,4126 (-0,2116)	1,2606* (-0,5144)	-0,3192 (-0,3205)	-0,1922 (-0,1214)
15 anos	1,0937*** (-0,1242)	0,6320*** (-0,1047)	1,3465** (-0,4643)	0,6219* (-0,261)	0,6096 (-0,5583)	0,3511 (-0,5461)	0,4586 (-0,2425)	1,3513* (-0,5298)	-0,1298 (-0,3226)	0,5294*** (-0,1232)
16 anos	1,1819*** (-0,1088)	1,0130*** (-0,1052)	1,5316*** (-0,288)	0,9634*** (-0,244)	0,9508 (-0,5271)	0,8756 (-0,5156)	0,8253*** (-0,2028)	1,6753*** (-0,5225)	0,0983 (-0,3151)	0,8775*** (-0,111)
Experiência = Idade - Anos educ - 6	0,0270*** (-0,0035)	0,0282*** (-0,002)	0,0267** (-0,0094)	0,0372*** (-0,0053)	0,0675*** (-0,0143)	0,0578*** (-0,0144)	0,0645*** (-0,0077)	0,0535*** (-0,0127)	0,0639*** (-0,0056)	0,0706*** (-0,0077)
Genero	0,4881*** (-0,0358)	0,2986*** (-0,0153)	0,8532*** (-0,0762)	0,3289*** (-0,0533)	0,035 (-0,1125)	0,2376* (-0,1029)	0,0809 (-0,0678)	0,3488*** (-0,0873)	0,1615** (-0,0509)	0,1748** (-0,0595)
Cor	0,0761** (-0,0258)	0,1113*** (-0,0155)	0,1832* (-0,0881)	0,0187 (-0,0415)	0,2492 (-0,1424)	0,1443 (-0,1004)	0,2734*** (-0,0649)	0,0514 (-0,1364)	0,1234** (-0,0389)	0,1173* (-0,0538)
Área Metropolitana	0,2683*** (-0,026)	0,1179*** (-0,0175)	0,2401** (-0,0919)	0,0147 (-0,0482)	0,5488*** (-0,1147)	-0,0394 (-0,0962)	0,5291*** (-0,064)	0,3269** (-0,1008)	0,1901*** (-0,0393)	0,1975*** (-0,0558)
Região:										
norte	-0,2719*** (-0,0455)	-0,3921*** (-0,0557)	-0,3771* (-0,1527)	-0,4528*** (-0,0861)	-0,4396** (-0,15)	-0,3914* (-0,1635)	-0,4281*** (-0,086)	-0,2039 (-0,1209)	-0,3228** (-0,1076)	-0,2736*** (-0,0796)
nordeste	-0,4737*** (-0,0319)	-0,3012*** (-0,0213)	-0,4532*** (-0,0996)	-0,3198*** (-0,0773)	-0,6695** (-0,2017)	-0,2755 (-0,1488)	-0,3545*** (-0,0916)	-0,3147** (-0,1037)	-0,4189*** (-0,0633)	-0,3704*** (-0,066)
sul	0,1626*** (-0,032)	0,1627*** (-0,0162)	0,0436 (-0,0951)	0,0643 (-0,0489)	-0,3006* (-0,1412)	-0,2545* (-0,102)	-0,1322 (-0,0702)	0,0088 (-0,1212)	-0,1716*** (-0,0418)	-0,0548 (-0,0606)
centro oeste	0,0004 (-0,0384)	-0,0492* (-0,0248)	0,2423 (-0,1404)	0,2137** (-0,0796)	-0,3201 (-0,1926)	-0,2898 (-0,3042)	-0,1873* (-0,0857)	0,0167 (-0,1369)	-0,1873* (-0,0531)	-0,0749 (-0,0705)
Posição na ocupação:										
sem carteira	-0,4189*** (-0,0358)	-0,2736*** (-0,0251)	-0,4291*** (-0,1292)	-0,2035** (-0,0721)	-0,3212* (-0,1526)	-0,4954*** (-0,1419)	-0,1086 (-0,0944)	-0,0973 (-0,2315)	-0,0846 (-0,0683)	-0,0975 (-0,1054)
empregador	0,2780*** (-0,0693)	0,4918*** (-0,0446)	0,0588 (-0,1775)	0,4378** (-0,1397)	0,0648 (-0,2395)	0,5829 (-0,4091)	0,7319*** (-0,1826)	0,9936*** (-0,3635)	0,3007*** (-0,0946)	0,6907*** (-0,1157)
conta própria	-0,6773*** (-0,0274)	-0,3241*** (-0,0246)	-0,5516*** (-0,0884)	-0,2540*** (-0,0542)	-0,3132* (-0,151)	-0,6073** (-0,2157)	-0,1923 (-0,1031)	0,1392 (-0,5199)	-0,3306*** (-0,0534)	-0,4516*** (-0,0565)
Ano:										
2013	0,0391 (-0,0795)	0,0957*** (-0,0221)	-0,1256 (-0,1405)	-0,0463 (-0,095)	0,4679* (-0,203)	0,24 (-0,1521)	-0,0189 (-0,1319)	0,1058 (-0,1601)	0,034 (-0,0801)	0,0376 (-0,1064)
2014	0,4013*** (-0,0647)	0,1920*** (-0,0247)	0,1116 (-0,1252)	0,0643 (-0,0937)	0,3846 (-0,2059)	0,1238 (-0,1257)	0,1877 (-0,1253)	0,0654 (-0,1783)	0,0654 (-0,0838)	-0,1023 (-0,1124)
2015	0,3886*** (-0,0658)	0,2692*** (-0,0251)	-0,0531 (-0,1546)	0,2239* (-0,0919)	0,1406 (-0,19)	0,1966 (-0,1906)	0,1966 (-0,1381)	0,3896* (-0,1666)	0,1624* (-0,0823)	0,1811 (-0,1266)
2016	0,5230*** (-0,0667)	0,3553*** (-0,0336)	0,1567 (-0,1351)	0,2893** (-0,0904)	0,3962 (-0,2238)	-0,0697 (-0,1669)	0,3358* (-0,1326)	0,5728** (-0,1819)	0,2499*** (-0,0785)	0,037 (-0,1257)
2017	0,4791*** (-0,0661)	0,3985*** (-0,0259)	0,0594 (-0,1817)	0,3301*** (-0,0959)	0,6726** (-0,204)	0,0808 (-0,1492)	0,2485* (-0,1187)	0,4989** (-0,186)	0,3897*** (-0,0966)	0,2144 (-0,1208)
2018	0,5332*** (-0,0679)	0,4043*** (-0,0255)	0,1332 (-0,1552)	0,3834*** (-0,0884)	0,2448 (-0,205)	-0,217 (-0,197)	0,4516*** (-0,1326)	0,4545** (-0,1681)	0,3737*** (-0,0816)	0,144 (-0,1064)
2019	0,5275*** (-0,0674)	0,4826*** (-0,0293)	-0,0509 (-0,1637)	0,2338* (-0,0918)	0,3842 (-0,2577)	-0,1104 (-0,1476)	0,4330** (-0,1328)	0,6315*** (-0,1629)	0,4072*** (-0,0805)	0,1714 (-0,098)
2020	0,4614*** (-0,0819)	0,4998*** (-0,0427)	0,0329 (-0,1664)	0,1796* (-0,0904)	0,5921 (-0,3753)	0,3647 (-0,2268)	0,4054* (-0,19)	0,5865*** (-0,1616)	0,4324*** (-0,0884)	0,2882* (-0,1257)
2021	0,5714*** (-0,0746)	0,4984*** (-0,0486)	0,4990** (-0,1647)	0,4380*** (-0,0901)	0,4971* (-0,2493)	-0,1438 (-0,2659)	0,4180*** (-0,1256)	0,91 (-0,53)	0,4425*** (-0,0855)	0,24 (-0,1239)
2022	0,6537*** (-0,0784)	0,5682*** (-0,0291)	0,3479* (-0,1598)	0,4563*** (-0,1003)	0,6422*** (-0,1846)	0,5007 (-0,362)	0,4113** (-0,1522)	0,6220*** (-0,16)	0,6703*** (-0,0832)	0,2424* (-0,1151)
Experiência ²	-0,0004*** (-0,0001)	-0,0005*** (0)	-0,0002 (-0,0002)	-0,0006*** (-0,0001)	-0,0012** (-0,0004)	-0,0008* (-0,0004)	-0,0010*** (-0,0002)	-0,0009** (-0,0003)	-0,0010*** (-0,0002)	-0,0013*** (-0,0002)
Constante	5,6332*** (-0,1171)	5,9486*** (-0,0955)	4,9506*** (-0,2561)	6,2172*** (-0,2372)	6,1253*** (-0,5405)	6,7428*** (-0,5052)	5,9997*** (-0,2431)	5,1258*** (-0,5801)	7,1317*** (-0,3314)	6,4024*** (-0,1487)

* p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Tabela 8.2 - Resultados Equação Minceriana para os Setores Criativos

Equação Minceriana	Arquitetura		Publicidade		Design		Artes Cênicas e Artes Visuais		Museus e Patrimônios	
	Observações: 4.285 P > F = 0 R ² : 0,4642 Root MSE = 0,67933	Observações: 2.216 P > F = 0 R ² : 0,4994 Root MSE = 0,68563	Observações: 3.295 P > F = 0 R ² : 0,3507 Root MSE = 0,74498	Observações: 2.832 P > F = 0 R ² : 0,336 Root MSE = 0,76763	Observações: 164 P > F = omitted R ² : 0,7185 Root MSE = 0,45162					
Y = Ln(salários)	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa	Ocupação Criativa	Ocupação Não Criativa
Mercado de Trabalho I:										
Ocupação Criativa	-0,2354 (-0,1679)	0,061 (-0,0752)	0,104 (-0,0869)	0,3357*** (-0,0844)	0,0557 (-0,0963)	-0,1214 (-0,1328)	0,0913 (-0,1222)	0,0864 (-0,1202)	2,6516	0,1911 (-0,2452)
Anos de Estudo:										
1 ano	-0,5335* (-0,2566) -0,4023 (-0,2864)	0,061 (-0,0752)	-0,5825* (-0,2327) 0,064 (-0,5989)	0,2636 (-0,6574)	-0,1658 (-0,2151)		0,5963 (-0,3659)	0,4633 (-0,8984)		
2 anos	-0,5096* (-0,2504) -0,5089 (-0,2713)		-0,4538 (-0,6557) 0,0132 (-0,6126)		-1,1098*** (-0,1613)		0,6539** (-0,2184)	-1,1025 (-0,9159)	0,6113 (-0,3287)	
3 anos	0,0194 (-0,2745) -0,2979 (-0,2507)		0,8550*** (-0,1938) -0,0828 (-0,6224)	0,2201 (-0,6042)	0,3344 (-0,3293)	0,6687** (-0,2489)	0,4291* (-0,2104)	0,4961 (-0,9717)	0,0205 (-0,6261)	
4 anos	-0,2513 (-0,2682) -0,8081*** (-0,2097)		1,4838** (-0,5396) -0,383 (-0,2664)	0,4649 (-0,6087) 0,5514 (-0,6336)	0,2266 (-0,2336)	0,5686* (-0,2303)	0,6710*** (-0,1986)	0,1727 (-0,9056)		
5 anos	-1,1597*** (-0,2303) -1,7748*** (-0,2177)		-0,285 (-0,2501) -0,1284 (-0,2748)	0,0659 (-0,6091)	0,2837* (-0,144)	0,7885** (-0,2946)	0,5102** (-0,1879)	0,2364 (-0,8933)	-0,4223 (-0,5583)	
6 anos	-0,3354 (-0,5251) -0,6452** (-0,2457)		-0,0137 (-0,2525) 0,2259 (-0,243)	0,6959 (-0,2034) 0,6518 (-0,5982)	0,3777 (-0,263)	0,7224 (-0,387)	0,7119*** (-0,1949)	0,0827 (-0,9256)		
7 anos	-0,7653** (-0,2629) -0,4896 (-0,3029)		0,5145* (-0,2512) 0,5503* (-0,2522)	-0,2918 (-0,2034) -0,0301 (-0,164)	0,7676 (-0,6202) 0,9046 (-0,6107)	0,6388*** (-0,1205) 0,6048*** (-0,1125)	0,9727*** (-0,2436) 1,2559*** (-0,277)	0,8381*** (-0,1943) 1,3410*** (-0,2294)	0,747 (-0,9139)	2,8067 (-0,5908)
8 anos	-0,5013* (-0,2201) -0,0142 (-0,2714)		0,5392* (-0,2506) 1,0073*** (-0,241)	-0,1521 (-0,1671) 0,2831 (-0,1471)	0,9128 (-0,6231) 1,3843* (-0,6017)	0,8318*** (-0,1366) 0,9337*** (-0,0967)	1,2643*** (-0,2893) 1,7551*** (-0,2)	0,9495*** (-0,1977) 1,3043*** (-0,1746)	0,8444 (-0,8984) 0,8532 (-0,8971)	0,8502 (-0,6301) 0,8875 (-0,6449)
Experiência = Idade - Anos educ - 6	0,0560*** (-0,0088)	0,0693*** (-0,0061)	0,0575*** (-0,0093)	0,0448*** (-0,0107)	0,0537*** (-0,0083)	0,0470*** (-0,0102)	0,0548*** (-0,0089)	0,0426*** (-0,0121)	0,3762	0,0524* (-0,0244)
Genero	0,1194* (-0,0553)	0,2241*** (-0,0446)	0,2648** (-0,0815)	0,2263** (-0,0771)	0,1386** (-0,0524)	0,2537*** (-0,0738)	0,2270*** (-0,079)	0,2476** (-0,0886)	3,6436	0,261 (-0,1447)
Cor	0,1346* (-0,0588)	0,1076* (-0,0465)	0,1764* (-0,0867)	0,2312** (-0,0878)	0,2471*** (-0,0605)	0,1186 (-0,0861)	0,1177* (-0,0599)	0,2297** (-0,0804)	1,1568	0,0501 (-0,1643)
Área Metropolitana	0,2285** (-0,0649)	0,2779*** (-0,0391)	0,3578*** (-0,0723)	0,1693* (-0,0797)	0,1906*** (-0,0568)	0,0666 (-0,0757)	0,1812** (-0,0555)	0,1076 (-0,0904)	-0,77	0,2182 (-0,167)
Região:										
norte	-0,3982*** (-0,0921)	-0,0529 (-0,0918)	-0,2244 (-0,1486)	-0,5211** (-0,1626)	0,0394 (-0,1889)	-0,0973 (-0,1805)	-0,3194*** (-0,0934)	-0,3959 (-0,2121)	1,3848	0,4049 (-0,2342)
nordeste	-0,1835* (-0,0886)	-0,2053*** (-0,062)	-0,2937*** (-0,0859)	-0,5467*** (-0,0922)	-0,2981*** (-0,0884)	-0,1253 (-0,1256)	-0,2975*** (-0,0683)	-0,1603 (-0,1091)	-1,0007	0,2727 (-0,1978)
sul	-0,1137 (-0,0645)	-0,0319 (-0,0473)	-0,0575 (-0,0602)	-0,0961 (-0,0966)	0,0277 (-0,0654)	-0,0253 (-0,0851)	-0,0101 (-0,077)	-0,1283 (-0,095)	-0,315	0,3866 (-0,2593)
centro oeste	0,1046 (-0,0778)	-0,0435 (-0,0706)	-0,0172 (-0,1086)	-0,2540** (-0,0957)	0,1509 (-0,0867)	0,0674 (-0,1068)	0,1344 (-0,1022)	0,0192 (-0,1272)	-0,0826	0,2182 (-0,3225)
Posição na ocupação:										
sem carteira	0,0451 (-0,1228)	-0,5148*** (-0,0576)	0,0856 (-0,1042)	-0,1841 (-0,1158)	-0,2848* (-0,1148)	-0,4569*** (-0,1266)	-0,0534 (-0,112)	-0,4902*** (-0,1289)	-0,6637	-0,3212 (-0,1611)
empregador	0,3064** (-0,1022)	0,1741* (-0,0736)	0,4994*** (-0,091)	0,5473*** (-0,1191)	0,4542*** (-0,1207)	0,3602** (-0,1549)	0,3730** (-0,1405)	0,6053*** (-0,1552)		
conta própria	-0,2254*** (-0,0647)	-0,2474*** (-0,0568)	-0,2927*** (-0,0725)	-0,2271 (-0,1218)	-0,2397** (-0,0828)	-0,2580** (-0,0892)	-0,2188* (-0,085)		-0,2204	-0,8038* (-0,395)
Ano:										
2013	0,1265 (-0,1299)	0,2666* (-0,1065)	0,0258 (-0,1318)	0,4441** (-0,1555)	0,0063 (-0,1302)	-0,1598 (-0,1383)	0,0759 (-0,1182)	-0,1339 (-0,1714)	-0,536	0,3643 (-0,308)
2014	0,3902** (-0,1312)	0,1968* (-0,0874)	0,0267 (-0,128)	0,3295* (-0,1565)	-0,0007 (-0,1225)	0,0928 (-0,15130)	0,1209 (-0,1084)	-0,1159 (-0,2067)	-2,9126	0,2086 (-0,3622)
2015	0,4807** (-0,1512)	0,2283* (-0,0938)	0,0985 (-0,1331)	0,184 (-0,1508)	0,165 (-0,1251)	0,052 (-0,1386)	0,3349** (-0,1064)	0,2708 (-0,16)	-0,5658	0,4275 (-0,4121)
2016	0,3852** (-0,1306)	0,3313** (-0,1048)	0,1017 (-0,1179)	0,6138** (-0,195)	0,1812 (-0,1265)	-0,0027 (-0,1631)	0,2022 (-0,1102)	0,2612 (-0,1523)	-0,5402	0,6846 (-0,3543)
2017	0,4262*** (-0,1122)	0,2722** (-0,0917)	0,0968 (-0,1329)	0,5014** (-0,1777)	-0,0062 (-0,1312)	0,113 (-0,1675)	0,2240* (-0,1127)	0,1469 (-0,2172)	0,4357	0,1476 (-0,407)
2018	0,4163*** (-0,1117)	0,3259*** (-0,0956)	0,1595 (-0,1199)	0,6502*** (-0,1739)	0,1405 (-0,1232)	-0,0092 (-0,1897)	0,1962 (-0,1085)	0,2145 (-0,1567)	-3,9519	0,4338 (-0,3888)
2019	0,3093* (-0,1241)	0,3365*** (-0,0969)	0,1227 (-0,1091)	0,3866* (-0,179)	0,2004 (-0,1212)	0,0463 (-0,1422)	0,2905** (-0,1084)	0,4800*** (-0,1335)	-1,5612	0,3488 (-0,313)
2020	0,6397*** (-0,1863)	0,3086** (-0,1179)	0,1876 (-0,1805)	0,5183** (-0,1604)	0,1338 (-0,1577)	-0,0174 (-0,1516)	0,2342 (-0,1323)	0,1726 (-0,1679)		0,2855 (-0,2777)
2021	0,4498*** (-0,1166)	0,2421* (-0,0998)	0,2920* (-0,1162)	0,5826*** (-0,1577)	0,0376 (-0,1259)	-0,1845 (-0,1636)	0,2812 (-0,1904)	-0,047 (-0,2195)	-0,5221	-0,4453 (-0,4453)
2022	0,5320*** (-0,1145)	0,4930*** (-0,1173)	0,4345*** (-0,1257)	0,6085*** (-0,1715)	0,2784 (-0,1528)	0,2205 (-0,1803)	0,5877*** (-0,1355)	0,2469 (-0,166)	-3,9693	0,2807 (-0,4229)
Experiência²	-0,0006** (-0,0002)	-0,0011*** (-0,0001)	-0,0010*** (-0,0003)	-0,0006* (-0,0002)	-0,0010*** (-0,0002)	-0,0007** (-0,0003)	-0,0010*** (-0,0003)	-0,0007** (-0,0003)	-0,0079	-0,0009 (-0,0005)
Constante	7,2381*** (-0,2598)	6,0592*** (-0,2021)	6,7464*** (-0,2021)	5,4937*** (-0,619)	5,9543*** (-0,169)	5,7850*** (-0,2384)	5,5606*** (-0,2369)	6,1476*** (-0,9268)	2,4601	5,5387*** (-0,5989)

* p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Entre todos os setores, Editorial e Museus e Patrimônios possuem as amostras menos representativas. Isso reflete em uma maior quantidade de coeficientes omitidos. Além deles, os setores Tecnologia da Informação, Arquitetura, Publicidade e Design também apresentam variáveis omitidas que podem, da mesma forma, representar falta de representatividade na amostra restringida ou problemas de multicolinearidade entre as variáveis.

O setor arquitetura não apresenta variações positivas nos rendimentos para os ocupados criativos no preditor escolaridade, enquanto para seus ocupados não criativos começam a receber incrementos salariais com 12 anos de estudo. As variações são negativas para todas as regiões e ocupações do setor, com exceção da região Centro Oeste para a ocupação criativa que exibe um aumento de 10%. Destaca-se também que o maior incremento salarial para as ocupações criativas no setor acontece no ano de 2020 (63%), o que pode ter sido impulsionado pelo crescimento do setor de construção civil no período 2019-2020 (IBGE, 2022). Os ocupados sem carteira assinada neste setor só tem uma redução salarial quando não estão em ocupações criativas.

Com exceção de Moda, Editorial e Arquitetura, estar em ocupação criativa na entrevista anterior aumentou o salário dos trabalhadores. Já para as ocupações não criativas todos apresentaram variação positiva do salário com exceção de Moda, Atividades Artesanais e Design.

Partimos então, para a análise da Equação Minceriana para a configuração de grupos de ocupados e setores na Economia Criativa. Lembrando que, o grupo 1 representa os ocupados criativos em setores criativos, o grupo 2 os ocupados não criativos em setores criativos e o grupo 3, ocupados criativos em setores não criativos.

A equação usada foi a mesma apresentada para a análise por diferentes setores, trocando a restrição setorial para o grupo construído. Os modelos estatisticamente significativos com amostras mais representativas em relação aos modelos setoriais. Em geral, os coeficientes são significantes ao nível de 1%. Todos os resultados estão disponíveis nas Tabelas 9.1 e 9.2.

Estar em ocupação criativa e setor criativa na primeira entrevista gera incrementos apenas para o mesmo grupo (1), para os outros gera uma redução salarial chegando a 3% para o grupo 4. Estar em qualquer tipo de ocupação ou setor criativo na primeira entrevista, produz uma variação positiva nos rendimentos do grupo (1), o que se inverte para o grupo (2) onde todas as categorias reduzem os rendimentos.

A variável experiência produz maiores incrementos para os grupos relacionados à Economia Criativa quando comparamos ao resto dos ocupados na economia brasileira. Em geral, o resultado da aplicação setorial se repete, os rendimentos tendem a ser maiores homens, brancos, residentes de áreas metropolitanas. Destacando o grupo 1, ocupados e setores criativos, que apresentam os maiores valores comparado aos outros grupos, onde os homens têm um aumento salarial de 51% e os residentes de áreas metropolitanas de 30%. Para todos os grupos pertencentes a Economia Criativa o incremento nos rendimentos devido a presença em área metropolitana é maior que para o grupo 4. Este achado demonstra para o Brasil o descrito por Markusen, Schrock e Cameron (2004) para os Estados Unidos, que mostra os trabalhadores criativos sendo atraídos pelos centros urbanos devido aos salários mais altos.

O modelo demonstra um efeito regional para os trabalhadores em ocupações e ou setores criativos. Com exceção da região sul para o grupo 2, todas as regiões apresentam um impacto negativo nos salários nos grupos da Economia Criativa, enquanto para o grupo (4) não criativo os impactos negativos são apenas para as Regiões Norte e Nordeste. A concentração das atividades em áreas altamente globalizadas, que têm uma tendência a promover e reconhecer a inovação, é traço das indústrias criativas (Markusen; Schrock; Cameron, 2004). Embora as regiões Norte e Nordeste ainda não sejam polos da economia criativa, há um potencial a ser explorado à medida que essas áreas avançam socioeconomicamente.

Em relação aos vínculos empregatícios, como esperado, os trabalhadores que não possuem vínculos formais experenciam uma redução nos rendimentos para todos os grupos. A redução para aqueles que são autônomos (conta-própria) em ocupações criativas apresentam as maiores reduções, 50% para o grupo 1 e 60% para o grupo 3. Ser empregador ocasiona em uma variação positiva para os 4 grupos.

As variações nos rendimentos explicadas pela variável anos de estudo podem ser verificadas no Gráfico 12. Para o grupo de ocupados não criativos em setores não criativos (grupo 4) quanto mais anos escolares frequentados maior é o aumento salarial sendo o pico em 16 anos de estudo com um aumento salarial referente de 149%, este grupo não apresenta variações negativas. Em contrapartida, os grupos pertencentes à Economia Criativa apresentam reduções nos salários em geral entre 4 e 3 anos de estudo.

Tabela 9.1 - Resultados Equação Minceriana para os grupos da Economia Criativa

Equação Minceriana	Observações: 24.427	Observações: 30.189	Observações: 17.376	Observações: 1.026.376
	P > F = 0	P > F = 0	P > F = 0	P > F = 0
	Adjusted R ² : 0,5514	Adjusted R ² : 0,5217	Adjusted R ² : 0,505	Adjusted R ² : 0,461
	Root MSE = 0,783	Root MSE = 0,633	Root MSE = 0,699	Root MSE = 0,692
Y = Ln(salários)	Ocupação Criativa e Setor Criativo	Ocupação Não Criativa e Setor Criativo	Ocupação Criativa e Setor Não Criativo	Ocupação e Setor Não Criativo
Mercado de Trabalho 1:				
Ocupação Criativa e Setor Criativo	0,0654** (-0,0238)	-0,0088 (-0,0241)	-0,0319 (-0,0388)	-0,0376*** (-0,0079)
Ocupação Não Criativa e Setor Criativo	0,1391*** (-0,0396)	-0,0241 (-0,0148)	0,0699 (-0,0615)	0,0382*** (-0,0061)
Ocupação Criativa e Setor Não Criativo	0,0649 (-0,0347)	-0,0275 (-0,0492)	0,0540** (-0,0168)	0,1577*** (-0,009)
Anos de Estudo:				
1 ano	-0,0961 (-0,1204)	-0,07 (-0,0752)	0,2338 (-0,16950)	0,0693*** (-0,0096)
2 anos	-0,2924* (-0,1302)	-0,1461 (-0,0863)	0,1494 (-0,1895)	0,0117 (-0,0113)
3 anos	-0,2134 (-0,1225)	-0,1017 (-0,0771)	-0,0292 (-0,1753)	0,0729*** (-0,0093)
4 anos	-0,0687 (-0,1139)	0,0228 (-0,0711)	0,0508 (-0,1386)	0,1749*** (-0,0086)
5 anos	0,0771 (-0,1014)	0,092 (-0,0608)	0,0315 (-0,1242)	0,2911*** (-0,0072)
6 anos	0,2083* (-0,1033)	0,0792 (-0,0621)	0,1353 (-0,1247)	0,3378*** (-0,0077)
7 anos	0,2554* (-0,1074)	0,1852** (-0,0656)	0,1864 (-0,1289)	0,3916*** (-0,0084)
8 anos	0,3079** (-0,1102)	0,1763** (-0,0631)	0,2187 (-0,1234)	0,4352*** (-0,0083)
9 anos	0,3352** (-0,1032)	0,2404*** (-0,0606)	0,2679* (-0,1179)	0,4951*** (-0,0073)
10 anos	0,4097*** (-0,1102)	0,2996*** (-0,0676)	0,3674** (-0,1311)	0,5292*** (-0,0087)
11 anos	0,4872*** (-0,1067)	0,3311*** (-0,0641)	0,4436*** (-0,1212)	0,5796*** (-0,0087)
12 anos	0,5905*** (-0,1023)	0,4394*** (-0,0606)	0,5142*** (-0,1164)	0,7114*** (-0,0072)
13 anos	0,7855*** (-0,1103)	0,6036*** (-0,0678)	0,6861*** (-0,1202)	0,8615*** (-0,0101)
14 anos	0,9887*** (-0,1081)	0,7895*** (-0,0674)	0,8875*** (-0,1227)	1,0057*** (-0,0098)
15 anos	1,1119*** (-0,1092)	0,8371*** (-0,0686)	0,9287*** (-0,1223)	1,0675*** (-0,0101)
16 anos	1,4581*** (-0,107)	1,3093*** (-0,0622)	1,3567*** (-0,1168)	1,4876*** (-0,008)
Experiência = Idade - Anos educ - 6	0,0463*** (-0,002)	0,0429*** (-0,0015)	0,0588*** (-0,0023)	0,0360*** (-0,0003)
Genero	0,5116*** (-0,0176)	0,3442*** (-0,0124)	0,2864*** (-0,0181)	0,3869*** (-0,0023)
Cor	0,1871*** (-0,0163)	0,1293*** (-0,0121)	0,1799*** (-0,0182)	0,1306*** (-0,0023)
Área Metropolitana	0,3007*** (-0,0189)	0,1632*** (-0,0121)	0,2383*** (-0,017)	0,1403*** (-0,0022)

* p<0.05, ** p<0.01, *** p<0.001

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Tabela 9.2 - Resultados Equação Minceriana para os grupos da Economia Criativa -continuação

Y = Ln(salários)	Ocupação Criativa e Setor Criativo	Ocupação Não Criativa e Setor Criativo	Ocupação Criativa e Setor Não Criativo	Ocupação e Setor Não Criativo
Região:				
norte	-0,3586*** (-0,0307)	-0,2802*** (-0,0248)	-0,2304*** (-0,0287)	-0,2482*** (-0,0037)
nordeste	-0,4731*** (-0,0212)	-0,3294*** (-0,0152)	-0,3931*** (-0,025)	-0,4144*** (-0,0028)
sul	-0,0296 (-0,0193)	0,0449*** (-0,0133)	-0,0579** (-0,018)	0,0534*** (-0,0026)
centro oeste	-0,0319 (-0,0238)	-0,0607*** (-0,0175)	-0,0036 (-0,0235)	0,0484*** (-0,0032)
Posição na ocupação:				
sem carteira	-0,2203*** (-0,0389)	-0,3190*** (-0,0193)	-0,3606*** (-0,034)	-0,3458*** (-0,003)
empregador	0,3353*** (-0,0355)	0,4503*** (-0,029)	0,2342*** (-0,0428)	0,4095*** (-0,0054)
conta própria	-0,5018*** (-0,0179)	-0,3115*** (-0,0156)	-0,6062*** (-0,0257)	-0,4008*** (-0,0028)
Ano:				
2013	0,0891** (-0,0341)	0,1049*** (-0,0194)	0,0720* (-0,0313)	0,0902*** (-0,0037)
2014	0,2240*** (-0,0308)	0,1828*** (-0,0198)	0,1424*** (-0,0305)	0,1721*** (-0,0038)
2015	0,2293*** (-0,0321)	0,2828*** (-0,0206)	0,2040*** (-0,0301)	0,2202*** (-0,0038)
2016	0,3261*** (-0,0319)	0,3301*** (-0,0245)	0,2672*** (-0,0306)	0,2851*** (-0,0041)
2017	0,2886*** (-0,0351)	0,3445*** (-0,0212)	0,3366*** (-0,0347)	0,3055*** (-0,004)
2018	0,3351*** (-0,0336)	0,3652*** (-0,0212)	0,3736*** (-0,0352)	0,3229*** (-0,0041)
2019	0,3703*** (-0,0318)	0,3843*** (-0,0212)	0,3990*** (-0,0356)	0,3551*** (-0,004)
2020	0,3389*** (-0,0546)	0,3962*** (-0,0329)	0,2419*** (-0,0505)	0,3495*** (-0,0065)
2021	0,4372*** (-0,0366)	0,4433*** (-0,0367)	0,4431*** (-0,0424)	0,4200*** (-0,0054)
2022	0,5728*** -0,036	0,5121*** -0,0245	0,5122*** -0,0382	0,5202*** (-0,0046)
Experiência²	-0,0008*** 0	-0,0007*** 0	-0,0009*** (-0,0001)	-0,0005*** 0
Constante	5,4971*** (-0,1104)	5,8776*** (-0,0664)	5,8003*** (-0,12)	5,6508*** (-0,0083)

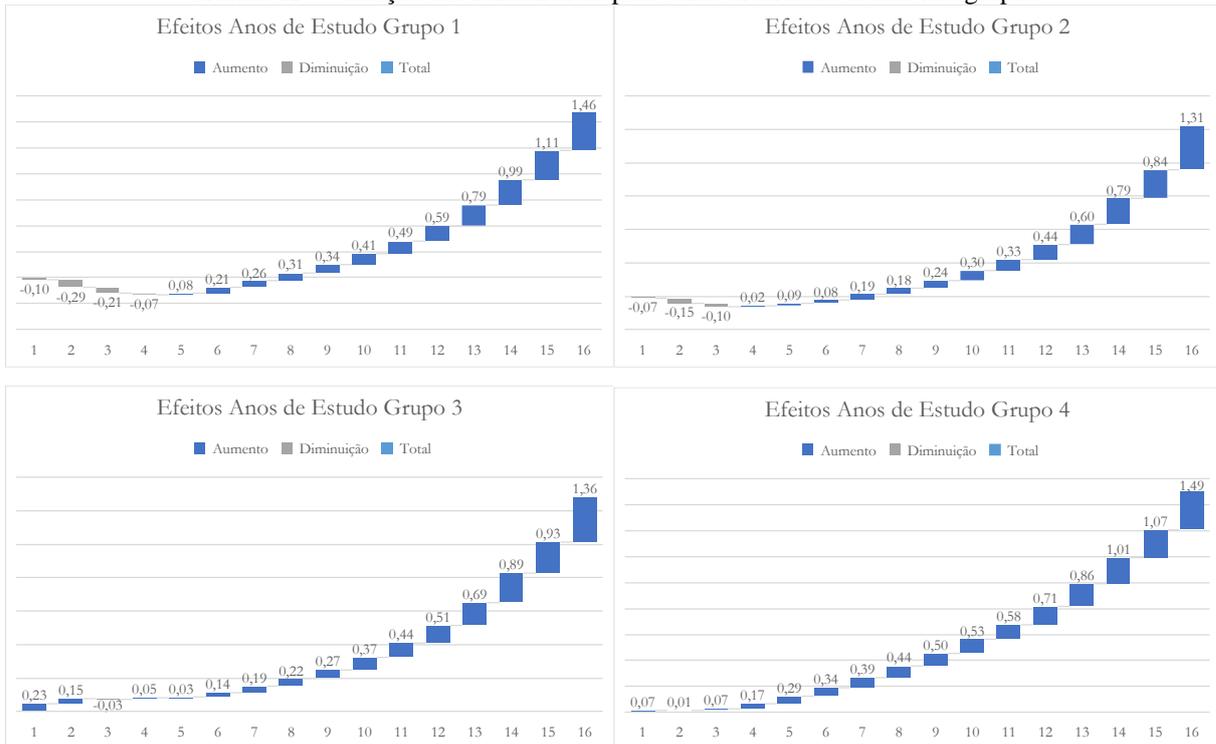
* p<0.05, ** p<0.01, *** p<0.001

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

O grupo 1 de ocupados criativos em setores criativos exibem as maiores quedas nos rendimentos, onde os indivíduos com 2 anos de estudam chegam a ganhar um salário 30%

menor. Neste grupo, dentre os pertencentes a Economia Criativa, revelam também os maiores incrementos, onde a partir dos 14 anos de estudo os aumentos ultrapassam 100%. Em geral, dentre os 3 primeiros grupos aqueles que possuem ocupados em atividades criativas (1 e 2) apresentam rendimentos consecutivamente maiores ao passar dos anos.

Gráfico 12 - Variação dos rendimentos pela variável anos de estudo nos grupos



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Os efeitos reportados para a análise por grupos parecem ser mais significativos e condizentes com a literatura para todos os modelos aplicados incluindo a Abordagem Minceriana. A título do exercício os coeficientes são significativos e as variáveis escolhidas parecem produzir efeitos representativos em todos os grupos. Vale realçar, que comparar com o resto da economia, um grupo muito heterogêneo, pode limitar a análise e um exercício, futuro e complementar, interessante é fazer essa comparação com um grupo de trabalhadores mais homogêneo e similar.

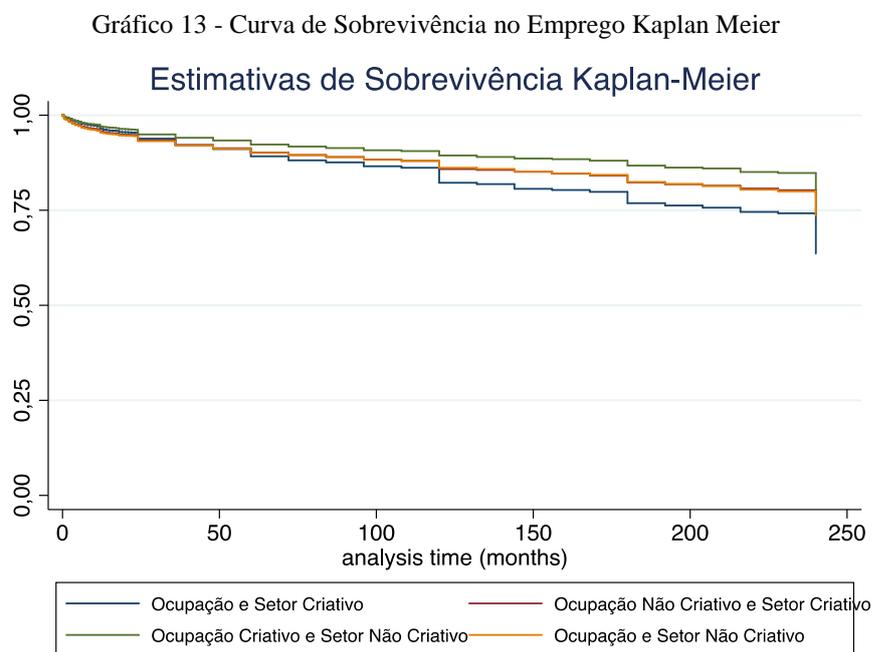
5.4 MODELO DE SOBREVIVÊNCIA KAPLAN-MEIER

As estimativas fornecidas pelo modelo de sobrevivência Kaplan-Meier nos fornecem percepções sobre a probabilidade de os indivíduos sobreviverem na ocupação analisada ao

longo do tempo. Como a configuração por grupos se mostra superior à configuração por diferentes setores da Economia Criativa, reportamos aqui apenas a primeira, a segunda está disponível no Apêndice A.

A duração máxima estimada para status ocupado usada é de 240 meses (20 anos). O eixo x representa o tempo de duração em meses e o eixo y representa o valor da função de sobrevivência estimada. Cada degrau das curvas representam o tempo em que a estimativa tem probabilidade de transição para a desocupação, ou seja 1 é 100% de probabilidade de sobrevivência no emprego e 0,5 é 50% de probabilidade, dado o tempo x.

No Gráfico 13, as estimativas da taxa de saída para os 4 grupos são reportadas. O grupo 1 de ocupados criativos em setores criativos é o que possui a menor taxa de probabilidade de permanência no emprego, ao final do tempo 25% dos ocupados tem maior risco de transitar para a desocupação. O grupo 3 de ocupados criativos em setores não criativos é o que tem a maior curva de sobrevivência. O grupo 2 e o grupo 4, ambos com ocupados não criativos, parecem seguir o mesmo percurso, indicando que o grupo 2 segue a média da economia total.



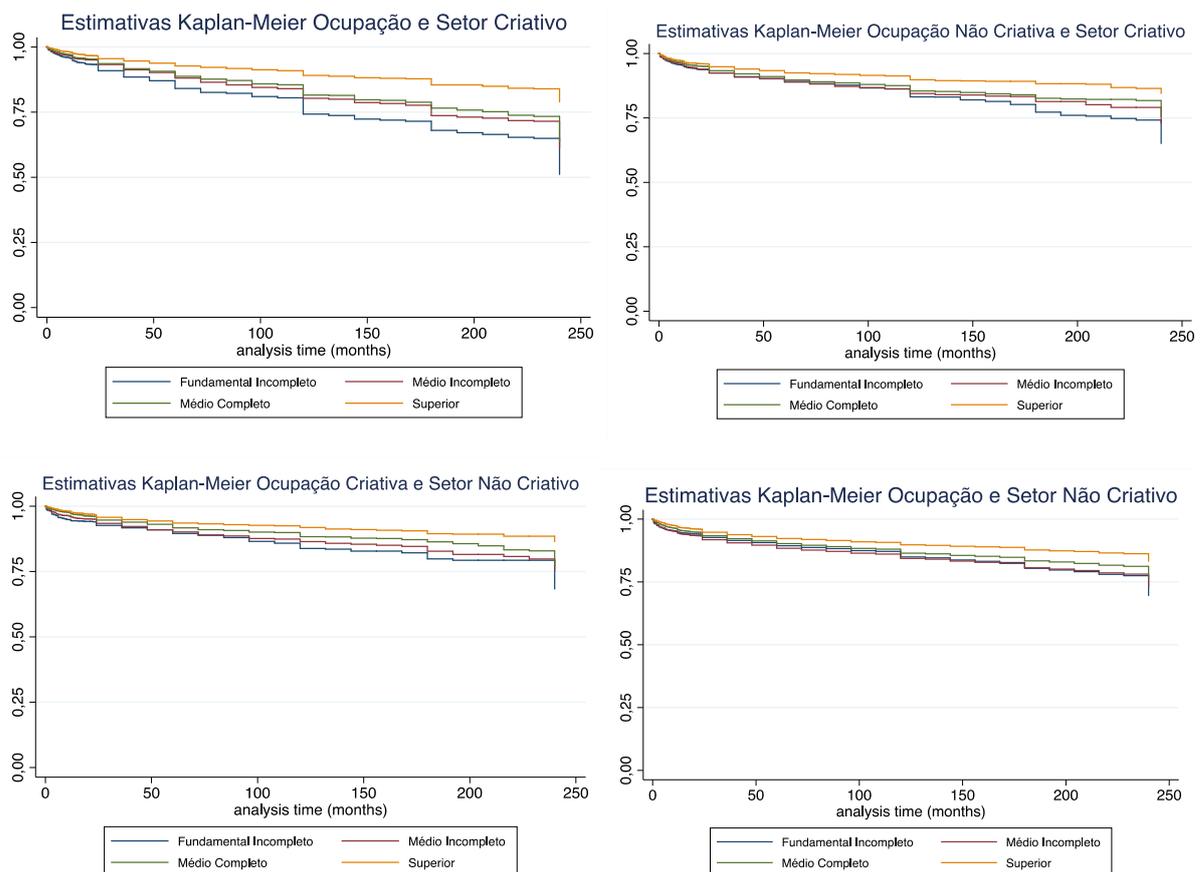
Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

A restringir a amostra por nível educacional, Gráfico 11, confirma-se a suposição que os indivíduos que atingem o nível superior têm menor probabilidade de transitar para a desocupação ao longo do tempo. É de se destacar, que no grupo de comparação 4, ocupados

não criativos em setores não criativos os trabalhadores com fundamental incompleto e médio incompleto tem praticamente a mesma taxa de permanência no emprego, enquanto para os grupos da economia criativa estas curvas tendem a se diferenciar. O grupo 1 de ocupação e setores criativos tem curvas mais separadas pelo nível educacional, confirmando o investigado pelos outros modelos que a cada alcance de um novo nível educacional, o trabalhador deste grupo aumenta seu tempo de permanência no emprego, diminuindo o risco de transição para a desocupação.

Ao final do tempo observado, aproximadamente 60% dos trabalhadores com ensino fundamental incompleto sobrevivem em sua ocupação para o grupo 1. Para os trabalhadores deste grupo com ensino superior, 80% sobrevivem.

Gráfico 11 - Curva de Sobrevivência no Emprego Kaplan Meier, por nível educacional

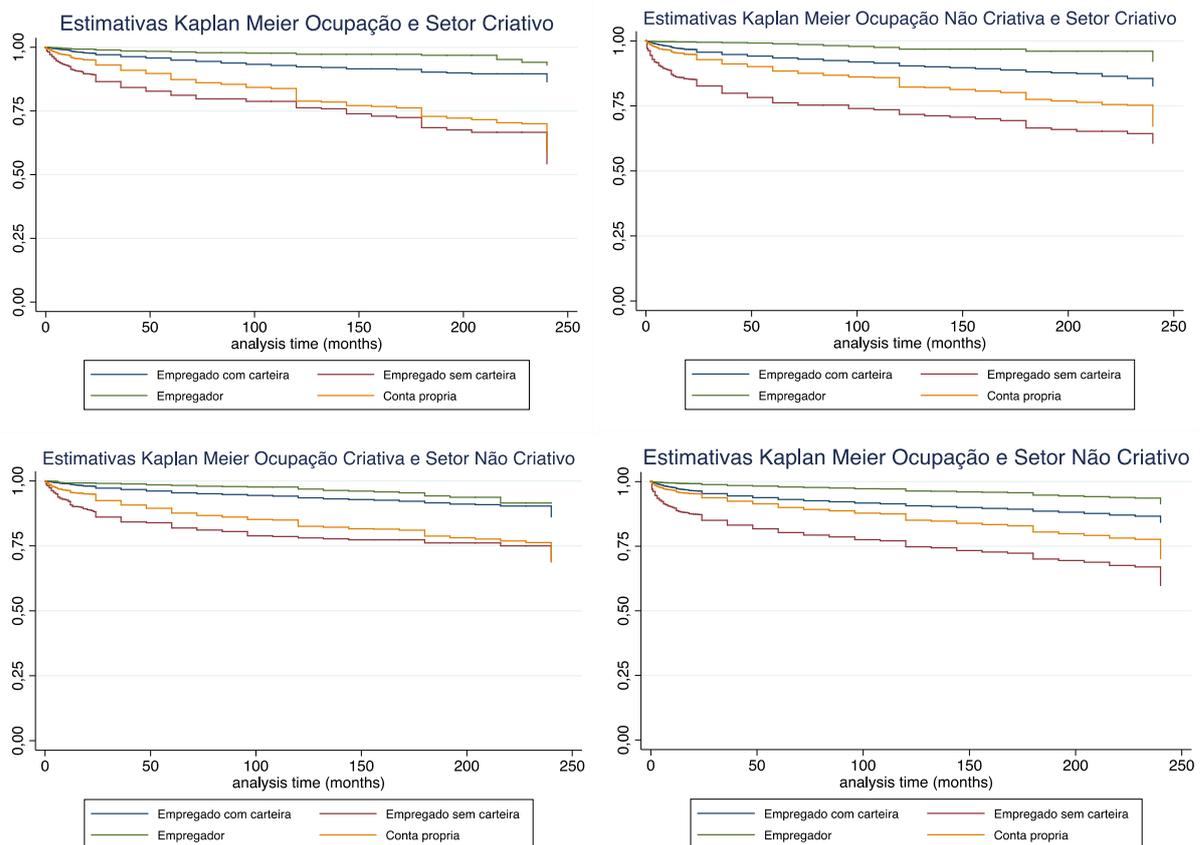


Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Em relação aos vínculos trabalhistas dos grupos, Gráfico 12, todos os grupos apresentam um descolamento das curvas de sobrevivência dos trabalhadores com vínculo informal em relação ao empregador ou vínculo formal, sendo mais expressivo para os grupos

com ocupados criativos (grupo 1 e 3). Em todos os grupos, os trabalhadores em posição de empregador têm os menores riscos de transitar para a desocupação durante o período analisado.

Gráfico 12 - Curva de Sobrevivência no Emprego Kaplan Meier, por vínculo laboral



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Em geral, as curvas corroboram com a ideia apresentada pelos modelos logit aplicados que os trabalhadores da economia criativa com alta escolaridade possuem uma maior probabilidade de permanecer no emprego por mais tempo. Quando restringimos a amostra por vínculo empregatício, os trabalhadores informais, maior porcentagem dos ocupados na economia criativa, possuem uma menor taxa de sobrevivência no emprego.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a avaliar as principais características do mercado de trabalho criativo sob uma perspectiva brasileira, com o objetivo de compreender de que maneira diferentes tipos de ocupações contribuem para o desenvolvimento da Economia Criativa. Ao adotar uma abordagem centrada nas ocupações, conseguimos discernir o impacto que os profissionais que desempenham atividades criativas exercem sobre o conjunto da economia. Como ressaltado por Babour e Markusen (2007), a perspectiva exclusivamente setorial pode perder relevância em indústrias mais especializadas. Essa estratégia de análise oferece uma visão mais precisa do papel desempenhado pelos trabalhadores criativos no contexto econômico, destacando a necessidade de considerar abordagens mais específicas em vez de generalizações.

A adoção da estratégia de Borges (2022) na construção do painel de acompanhamento dos indivíduos, foi essencial para alcançar os objetivos propostos, uma vez que os dados disponíveis pela PNADC-T não possuem identificadores. A partir do painel de acompanhamento, foi possível rastrear o indivíduo ao longo das entrevistas domiciliares para assim compreender a probabilidade de os trabalhadores da economia criativa permanecerem em ocupações criativas e as características que influenciam a transição para uma atividade não criativa.

Os resultados encontrados em todos os modelos revelam uma convergência entre os fatores mais significativos que influenciam as avaliações no mercado de trabalho criativo. Esses fatores incluem: permanecer na mesma ocupação no período anterior, alcançar níveis de escolaridade de ensino médio completo ou ensino superior, manter um vínculo trabalhista informal, residir em áreas metropolitanas e pertencer à região sudeste. Essas conclusões reforçam a importância desses elementos como impulsionadores das dinâmicas do mercado de trabalho.

As estratégias empíricas revelam que o agrupamento em diferentes setores pertencente a economia criativa é uma estratégia interessante para avaliar as peculiaridades de cada tipo de trabalhador. Porém, para o caso da base PNADC-T a amostra deixa de ser representativa para alguns setores produzindo coeficientes de baixa significância e problemas de multicolinearidade para algumas variáveis. Deste modo, a análise por grupos foi mais eficaz em todos os modelos propostos.

Alguns dos resultados obtidos por meio da análise de regressão logística binária apresentam aspectos contraditórios. Na maioria dos setores, as razões de chance inferiores a um, sugerem que os profissionais criativos têm uma probabilidade menor de permanecer em suas ocupações nas áreas metropolitanas em comparação com o restante do estado. Esse achado contraria as tendências observadas na literatura (Markusen; Schrock; Cameron, 2004; Ribeiro; Borges; Antigo, 2022). Além disso, a componente regional também apresentou uma maior chance para os ocupados criativos transitarem para a ocupação não criativa no Sudeste, que é a região com maior presença dos ocupados criativos do Brasil.

Já os modelos logit multinomial apresentaram resultados que corroboram com as características descritivas ao apresentar maiores riscos relativos dos ocupados nos três grupos pertencentes a economia criativa permanecerem em suas categorias uma vez que estejam em áreas metropolitanas, na região sudeste e possuam níveis de escolaridade alto. O multinomial revela também que os ocupados criativos em setores criativos têm maior probabilidade de permanecer em sua posição uma vez que seu vínculo trabalhista seja informal, o que não acontece para os ocupados não criativos em setores criativos e nem para os ocupados criativos em setores não criativos. A permanência no emprego está fortemente atrelada ao nível educacional e ao tipo de vínculo trabalhista, refletindo a valorização do capital humano e a instabilidade associada a contratos informais.

Os resultados para a equação minceriana e para as estimativas de sobrevivência no emprego Kaplan Meier também corroboram com as características descritivas apresentadas e apresentaram coeficientes mais significativos para o segundo tipo de agrupamento realizado. Também demonstraram que o nível educacional desempenha um papel crucial, sendo o grupo criativo mais escolarizado que a média dos trabalhadores brasileiros, com indivíduos mais educados desfrutando de maiores ganhos salariais e estabilidade no emprego, especialmente em regiões metropolitanas

As disparidades regionais também emergiram como um fator crítico, com trabalhadores em áreas metropolitanas e na região Sudeste experimentando melhores condições salariais. Isso reforça a necessidade de políticas públicas que promovam a equidade regional e o desenvolvimento econômico

Vale ressaltar, que apesar do agrupamento em quatro categorias revelar estimativas mais significativas, o quarto grupo de comparação (ocupação não criativa e setor não criativo) possui uma amostra bem maior e heterogênea que os outros três grupos, o que pode gerar uma análise desigual.

Este estudo lança luz sobre áreas pouco exploradas, indicando a necessidade de pesquisas futuras focadas na mobilidade ocupacional e na análise longitudinal da estabilidade no emprego na economia criativa. As limitações relativas à representatividade da amostra para alguns setores criativos também sugerem a necessidade de uma abordagem mais abrangente em estudos subsequentes. Um exercício futuro e complementar para a continuação desta pesquisa é reaplicar as estratégias com um grupo de comparação mais similar a amostra dos grupos da economia criativa, ou até mesmo outros tipos de agrupamento.

REFERÊNCIAS

- BARBOUR, E.; MARKUSEN, A. Regional occupational and industrial structure: does one imply the other? **International Regional Science Review**, Philadelphia, v. 30, n. 1, p. 72-90, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0160017606296727>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- BORGES, C. **Is the Brazilian labour market regressing?:** an empirical and theoretical analysis of unemployment between 2012 and 2021. 2022. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/49909>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- CAMERON, A. C.; TRIVEDI, P. **Microeconometrics: methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FLORIDA, R. **Cities and the creative class**. New York: Routledge, 2005.
- FLORIDA, R.; RODRÍGUEZ-POSE, A.; STORPER, M. Cities in a post-COVID world. **Urban Studies Journal Limited**, New York, v. 60, n. 1, p. 1509-1531, 2021. Disponível em: [10.1177/00420980211018072](https://doi.org/10.1177/00420980211018072). Acesso em: 29 ago. 2023.
- HEIAN, M. T.; LØYLAND, K.; MANGSET, P. Stability and change. **Nordisk Kulturpolitisk Tidsskrift**, Oslo, v. 15, n. 1, p. 46-76, July 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.18261/ISSN2000-8325-2012-01-04>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- HEIJ, C.; BOER, P.; FRANSES, P. H.; KLOEK, T.; DIJK, H. K. **Econometric methods with applications in business and economics**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- HESMONDHALGH, D.; PRATT, A. C. Cultural industries and cultural policy. **International Journal of Cultural Policy**, London, v. 11, n. 1, p. 1-13, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10286630500067598>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- IBGE. Ocupação cresce, mas salários caem na indústria da construção em 2020. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34112-ocupacao-cresce-mas-salarios-caem-na-industria-da-construcao-em-2020>. Acesso em: 2 ago. 2023.
- ITAÚ CULTURAL. Painel de dados do Itaú Cultural. **Observatório de Dados**, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/?_ga=2.157640570.1546417736.1673528817-483417376.1673528817. Acesso em: 2 ago. 2023.
- ITAÚ CULTURAL. Painel de dados do Itaú Cultural. **Observatório de Dados**, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/?_ga=2.157640570.1546417736.1673528817-483417376.1673528817. Acesso em: 2 ago. 2023.
- JACOBS, J. **The economy of cities**. [S.l.]: [s.n.], 1970.

KAPLAN, E. L.; MEIER, P. Nonparametric estimation from incomplete observations. **Journal of the American Statistical Association**, New York, p. 457-481, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01621459.1958.10501452>. Acesso em: 2 ago. 2023.

LAZZERETTI, L.; BOIX, R.; CAPONE, F. Do creative industries cluster? *In*: LAZZERETTI, L. **Creative industries and innovation in Europe: concepts, measures and comparative case studies**. London: Routledge, 2013.

MACHADO, A. F. **Survival in the arts occupations: the case of Brazilian state capitals**. 22. Conferência Internacional em Economia da Cultura. [S.l.], 2023.

MACHADO, A. F.; MICHEL, R. C. Economia criativa e economia colaborativa sob a égide da digitalização. *In*: MENDONÇA, R. M. L. O.; MORAES, M. F. V.; MONTEIRO, M. T. F. (org.). **Economia criativa: inovação e desenvolvimento**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. v. 1, p. 46-61.

MARKUSEN, A.; SCHROCK, G.; CAMERON, M. **The artistic dividend revisited**. Project on regional and industrial economics. Minneapolis: Humphrey Institute of Public Affairs, University of Minnesota, Mar. 2004. Disponível em: <http://faculty.econ.ucsb.edu/~lowell/191ac/readings/Supplemental%20readings/Markusen%20Artistic%20Dividend%20Revisited%202004.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2023.

MENGER, P.-M. Artistic labor markets: contingent work, excess supply and occupational risk management. *In*: HESMONDHALGH, D.; TOYNBEE, J. **Handbook of the economics of art and culture**. [S.l.]: [s.n.], v. 1, 2006. p. 765-811.

MINCER, J. **Schooling, experience, and earnings**. [S.l.]: [s.n.], 1974.

MURPHY, E. C. Workers' movement out of declining occupations in Great Britain, Germany and Switzerland. **European Sociological Review**, Oxford, v. 30, n. 6, p. 685-701, 2014.

PAGLIOTO, B. Economia criativa: mediação entre cultura e desenvolvimento. *In*: LEITÃO, C.; MACHADO, A. F. **Por um Brasil criativo: significados, desafios e perspectivas da economia criativa brasileira**. Belo Horizonte: Código, 2016.

PETROVA, L. **Spillovers and the process of cultural transformation**. Conference XIX International Conferences of Association of Cultural Economics International, Valladolid, Spain, 2016.

POTTS, J. Introduction: creative industries & innovation policy. **Innovation: management, policy & practice**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 138-147, Aug. 2009. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/32487/1/c32487.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2023.

POTTS, J.; CUNNINGHAM, S. Four models of the creative industries. **International Journal of Cultural Policy**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 233-247, 2008.

PRATT, A. C. The cultural contradictions of the creative city. **City, Culture and Society**, [s.l.], v. 2, n. 3, p. 123-130, Sept. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ccs.2011.08.002>. Acesso em: 2 ago. 2023.

RIBEIRO, S. B.; BORGES, C. G. M.; ANTIGO, M. F. Economia criativa no Brasil: uma análise dos trabalhadores entre 2012 e 2021. *In: SEMINÁRIO IBEROAMERICANO DE ECONOMIA DA CULTURA*, 3., 2022, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2022, p. 27. Disponível em: https://brsa.org.br/wp-content/uploads/wpcf7-submissions/7602/Artigo-ENABER-FINAL_comidentificacao.pdf. Acesso em: 2 ago. 2023.

THROSBY, D. The concentric circles model of the cultural industries. **Cultural Trends**, [s.l.], v. 17, n. 3, p. 147-164, 2008.

UNCTAD. **Creative economy**: a feasible development option. Creative economy report. Geneva, 2010.

UNCTAD. **Relatório de economia criativa 2010**: economia criativa uma, opção de desenvolvimento. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc, 2012.

UNESCO. **Creative cities network**. Paris, 2022. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

UNITED KINGDOM. Department for Culture, Media & Sport. **Creative industries economic estimates methodology**. London, 2016. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/media/5a8039af40f0b62302692413/CIEE_Methodology.pdf. Acesso em: 29 ago. 2023.

UNITED KINGDOM. Department for Culture, Media & Sport. **DCMS sector economic estimates methodology**. London, 1998.

WOOLDRIDGE, J. M. **Introdução à econometria**: uma abordagem moderna. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

**APÊNDICE A – TABELAS CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS
DESCRITIVAS DA ECONOMIA CRIATIVA**

Tabela 1 - População Brasileira por região
População Brasileira por Região de 2012 a 2022 (%)

Ano/Região	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Total
2012	6,92	26,11	44,27	15,52	7,18	100
2013	7,33	25,51	44,14	15,78	7,23	100
2014	7,42	25,47	44,93	15,08	7,11	100
2015	7,25	25,39	44,53	15,59	7,24	100
2016	7,6	24,77	44,74	15,54	7,36	100
2017	7,71	24,98	44,34	15,49	7,48	100
2018	7,87	24,28	45,64	14,54	7,66	100
2019	7,6	24,1	46,09	14,51	7,7	100
2020	7,91	23,44	45,35	15,04	8,26	100
2021	8,26	22,82	45,03	15,48	8,42	100
2022	8,61	24,21	43,09	15,51	8,57	100
Média	7,7	24,62	44,76	15,27	7,66	100

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Tabela 2 - População Economicamente Ativa Brasileira ao longo dos anos analisados.

População Economicamente Ativa de 2012 a 2022 (%)

Ano/PEA	Ocupados	Desocupados	Inativos	Total
2012	68,16	4,54	27,29	100
2013	68,56	4,59	26,84	100
2014	68,34	4,38	27,28	100
2015	68,2	5,74	26,06	100
2016	66,29	7,78	25,93	100
2017	65,71	8,57	25,72	100
2018	66,63	8,08	25,3	100
2019	67,41	8,04	24,55	100
2020	62,29	8,67	29,04	100
2021	64,88	8,97	26,15	100
2022	68,4	6,01	25,59	100
Média	66,8	6,93	26,28	100

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

Tabela 3 - Renda Média de 2012 a 2022 dos Ocupados Criativos ou Não por Setor da Economia Criativa
Ocupados Criativos ou Não por Setores Criativos

Setores/Ocupações	Ocupados Criativos (%)	Ocupados Não Criativos (%)	Renda Média Ocupados Criativos	Renda Média Ocupados Não Criativos	Observações
Moda	41,19	58,81	940,56	1431,11	3.110.155
Atividades Artesanais	36,23	63,77	1189,98	1683,43	483.742
Editorial	46,59	53,41	5001,83	3527,53	146.818
Cinema, Música, Rádio e TV	73,95	26,05	4327,27	2814,7	266.733
Tecnologia da Informação	66,73	33,27	4998,06	4017,73	1.300.689
Arquitetura	25,07	74,93	4328,26	4390,38	997.006
Publicidade	69,08	30,92	4163,61	2929,53	433.513
Design	59,21	40,79	2720,28	3403,79	586.573
Artes Cênicas e Artes Visuais	63,14	36,86	2259,64	2227,2	429.204
Museus e Patrimônios.	21,86	78,14	1752,41	1515,09	23.084
Total Trabalhadores em Setores Criativos:					7.777.517

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

Tabela 4 - Nível educacional dos ocupados criativos ou não por setores da Economia Criativa
Educação dos Ocupados Criativos por Setores da Economia Criativa (%)

Educação/Ocupados Criativos	Moda	Atividades Artesanais	Editorial	Cinema, Música, Rádio e TV	Tecnologia da Informação	Arquitetura	Publicidade	Design	Artes Cênicas e Artes Visuais	Museus e Patrimônios
Fundamental Incompleto	31,72	27,59	0,88	4,31	0,49	1,55	1,9	3,81	9,2	
Fundamental Completo/Médio Incc	20,22	15,93	1,05	4,67	2,6		2,39	5,88	12,6	
Médio Completo	36,77	38,68	7,96	28,37	16,46	5,86	14,75	38,05	41,42	13,79
Superior	11,28	17,8	90,11	62,65	80,46	92,59	80,96	52,26	36,79	86,21

Educação/Ocupados Não Criativos	Moda	Atividades Artesanais	Editorial	Cinema, Música, Rádio e TV	Tecnologia da Informação	Arquitetura	Publicidade	Design	Artes Cênicas e Artes Visuais	Museus e Patrimônios
Fundamental Incompleto	24,63	42,44	9,35	12,16	3,30	5,29	16,58	1,87	6,85	8,95
Fundamental Completo/Médio Incompleto	23,06	20,67	4,59	5,39	9,61	4,51	11,16	3,83	11,24	5,32
Médio Completo	41,19	26,91	35,05	34,59	36,67	19,15	25,63	34,49	42,85	34,64
Superior	11,12	9,98	51,01	47,86	50,43	71,05	46,64	59,81	39,07	51,09

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

Tabela 5 - Características Gerais das Ocupações Criativas por Setores

Características das Ocupações Criativas por Setores da Economia Criativa

Características/ Setores	Moda	Atividades Artesanais	Editorial	Cinema, Música, Rádio e TV	Tecnologia da Informação	Arquitetura	Publicidade	Design	Artes Cênicas e Artes Visuais	Museus e Patrimônios.
Norte	6,82	6,58	1,28	3,66	1,74	2,76	2,12	4,79	4,27	2,39
Nordeste	29,86	25,32	4,92	16,64	7,39	10,11	8,42	14,91	25,77	29,52
Sudeste	38,66	45,91	63,94	62,44	65,65	65,36	66,48	58,65	52,15	50,74
Sul	17,43	16,25	24,67	10,08	18,55	14,98	17,17	16,78	11,36	14,2
Centro Oeste	7,23	5,95	5,19	7,18	6,68	6,79	5,81	4,87	6,45	3,16
Mulheres	88,16	53,98	33,35	20,56	18,34	45,23	40,11	44,73	25,29	62,37
Pretos/Pardos/O utros	54,1	50,88	23,8	33,92	32,29	20,48	25,66	37,3	50,83	49,26
Área Metropolitana	59,63	65,91	70,31	63,73	70,36	58,18	67,05	53,87	59,5	58,14
Área Urbana	90,42	85,78	98,36	98,91	99,24	99,03	99,31	98,48	97,5	100
Contribuinte Previdência	41,88	28,94	83,94	80,53	85,64	72,85	77,14	53,02	38,75	63,27
Empregado com Carteira	19,43	13,01	55,84	58,5	66,3	23,59	38,13	14,25	8,73	42,85
Empregado sem Carteira	9,52	8,69	11,32	12,79	9,65	20,4	15,24	7,71	14,34	57,15
Empregador	2,33	3,8	3,14	6,56	5,8	11,23	8,34	6,35	4,35	-
Conta-própria	68,72	74,51	29,69	22,15	18,24	44,78	38,29	71,69	72,58	-

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

Tabela 6 - Características Gerais das Ocupações Não Criativas por Setores

Características das Ocupações Não Criativas por Setores da Economia Criativa

Características/ Setores	Moda	Atividades Artesanais	Editorial	Cinema, Música, Rádio e TV	Tecnologia da Informação	Arquitetura	Publicidade	Design	Artes Cênicas e Artes Visuais	Museus e Patrimônios.
Norte	1,91	9,35	3,28	3,61	4,87	3,91	3,15	2,95	5,49	12,75
Nordeste	21,47	16,75	12,53	16,72	13,57	11,63	11,15	12,77	20,13	32,65
Sudeste	41,6	36,37	67,61	58,19	60,81	59,8	54,8	53,03	56,12	43,83
Sul	27,77	33	12,84	17,76	13,54	17,99	20,82	20,36	12,68	8,42
Centro Oeste	7,26	4,53	3,74	3,72	7,21	6,68	10,08	10,89	5,58	2,34
Mulheres	66,86	14,18	41,26	45,48	27,13	32,17	37,52	45,06	42,73	55,16
Pretos/Pardos/O utros	44,43	50,01	37,17	40,73	42,55	35,64	42,95	36,86	47,28	56,17
Área Metropolitana	32,67	25,82	71,68	61,04	66,87	62,69	65,29	52	70,24	66,53
Área Urbana	93,52	86,24	99,54	97,36	98	97,79	97,82	97,64	96,5	96,03
Contribuinte Previdência	72,15	63,62	90,21	90,08	75,9	80,29	67,28	76,53	63,72	65,27
Empregado com Carteira	59,93	51,43	83,76	81,33	50,54	54,23	49,86	44,78	32,54	49,28
Empregado sem Carteira	13,17	13,06	6,75	9,92	7,03	12,73	18,67	13,43	20,11	48,05
Empregador	4,78	5,21	2,49	4,02	11,77	7,93	6,22	10,88	8,81	-
Conta-própria	22,13	30,31	7	4,74	30,66	25,11	25,24	30,92	38,54	2,68

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE. Média entre os anos 2012 e 2022.

Tabela 7 - Características dos Ocupados na Economia Criativa 2012 a 2022 (%), por grupos
Características Economia Criativa (%)

Ocupação Criativa no Setor Criativo	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	Média
Norte	3,54	4,31	4,35	3,89	4,93	4,86	5,35	4,45	3,36	4,76	5,31	4,52
Nordeste	18,89	17,55	17,97	18,63	18,95	19,23	18,39	19,61	16,35	15,07	14,42	17,65
Sudeste	53,87	55,69	55,62	54,4	53,17	52,07	53,03	53,56	53,76	56,14	57,27	54,42
Sul	17,24	16,69	15,43	16,41	16,48	16,24	16,66	15,84	19,34	18,04	16,59	16,81
Centro Oeste	6,46	5,75	6,64	6,67	6,47	7,6	6,57	6,54	7,2	5,99	6,41	6,6
Mulheres	44,73	41,67	52,98	52,87	51,96	52,06	52,83	53,89	51,28	51,05	48,34	50,84
Pretos/Pardos/Outros	34,24	35,88	36,16	38,52	41,56	40,45	43,51	45,58	37,03	37	40,22	39,5
Área Metropolitana	54,87	56,22	52,63	53,58	54,94	56	53,29	57,92	55	60,52	52,74	55,33
Área Urbana	94,3	94,37	95,25	94,38	94,68	95,27	94,86	95,41	96,38	96,65	96,22	95,35
Contribuinte Previdência	55,32	58,88	58,96	57,45	56,36	54,19	53,45	53,88	58,86	59,26	60,59	57,03
Empregado com Carteira	37,12	38,49	36,1	32,81	30,74	28,21	27,81	27,96	30,79	29,19	29,93	31,17
Empregado sem Carteira	11,23	9,61	9,54	8,44	10,34	9,89	8,8	9,43	12,13	11,07	10,14	10,03
Empregador	4,69	5,89	5,25	5,26	4,7	4,46	4,97	5,38	4,33	3,85	4,04	4,76
Conta-própria	46,96	46,01	49,12	53,49	54,22	57,44	58,43	57,23	52,75	55,89	55,89	54,04
Ocupação Não Criativa no Setor Criativo												
Norte	2,94	3,69	4,46	3,24	3,3	3,87	3,3	4,02	3,44	4,27	3,2	3,62
Nordeste	19,72	18,96	18,82	19,58	16,79	17,38	16,87	14,47	16,1	16,99	16,91	17,6
Sudeste	47,63	48,91	49,7	47,66	49,05	48,01	49,48	53,01	48,2	46,24	46	48,59
Sul	21,95	21,87	20,81	23,34	24,3	24,19	22,07	20,91	24,41	25,05	25,36	23
Centro Oeste	7,76	6,57	6,21	6,19	6,56	6,54	8,27	7,58	7,85	7,44	8,52	7,18
Mulheres	59,64	58,98	49,84	44,44	46,73	47,41	46,7	44,73	41,26	46,71	44,21	48,48
Pretos/Pardos/Outros	39,5	40,75	42,4	42,71	41,13	39,92	43,83	44,79	45,53	44,75	42,87	42,5
Área Metropolitana	44,46	45,66	47,62	46,29	45,4	44,26	48,59	46,8	45,58	45,33	40,76	45,57
Área Urbana	94,93	94,36	94,34	93,1	94,74	95,23	95,21	95,43	96,46	95,79	94,42	94,83
Contribuinte Previdência	64,46	67,15	71,96	75,05	74,01	72,92	74,27	70,17	73,5	71,17	71,88	71,47
Empregado com Carteira	51,16	52,21	57,33	59,02	57,26	53,71	53,91	53	54,91	50,34	52,59	54,25
Empregado sem Carteira	14,21	13,42	13,92	13	13,38	13,02	14,4	15,05	11,17	14,7	15,54	13,83
Empregador	5,43	4,97	5,21	7,41	6,09	7,23	6,89	6,73	6,5	7,23	6,18	6,31
Conta-própria	29,19	29,41	23,54	20,57	23,26	26,03	24,79	25,23	27,42	27,73	25,69	25,61
Ocupação Criativa no Setor Não Criativo												
Norte	3,63	5,2	4,57	4,12	4,39	4,1	3,76	3,54	3,5	3,49	6,27	4,24
Nordeste	15,25	14,05	15,24	13,74	12,75	14,06	12,98	12,93	11,41	10,8	11,49	13,11
Sudeste	58,5	55,25	55,17	56,51	57,38	56,34	59,31	61,05	64,38	60,09	59,1	58,45
Sul	16,32	18,15	16,98	19,85	17,92	18,35	16,2	15,98	15,07	19,33	15,84	17,31
Centro Oeste	6,3	7,35	8,04	5,78	7,56	7,16	7,74	6,51	5,65	6,29	7,3	6,89
Mulheres	33,01	37,86	32,79	34,54	34,18	35,98	34,12	33,99	33,46	38,79	35,28	34,93
Pretos/Pardos/Outros	35,63	36,83	33,7	33,16	35,34	34,74	38,28	37,5	37,45	36,39	37,48	36,05
Área Metropolitana	55,21	52,38	54,68	54,13	58,07	58,75	60,03	58,26	57,61	65,54	59,87	57,79
Área Urbana	97,19	97,48	97,26	96,96	97,82	97,14	97,29	97,95	98,61	98,16	97,87	97,62
Contribuinte Previdência	78,6	81,34	81,43	81,42	80,2	81,77	80,29	78,62	81,1	79,13	77,57	80,16
Empregado com Carteira	63,67	65,36	66,26	63,09	63,11	63,91	63,07	58,78	63,56	62,91	58,29	62,83
Empregado sem Carteira	12,78	11,02	12,91	10,63	10,41	12,22	12,41	13,12	12,27	11,31	15,07	12,19
Empregador	8,28	8,14	6,45	7,37	7,85	6,8	6,74	7,54	7,42	3,69	6,06	6,9
Conta-própria	15,27	15,48	14,38	18,9	18,63	17,08	17,78	20,56	16,75	22,09	20,59	18,08

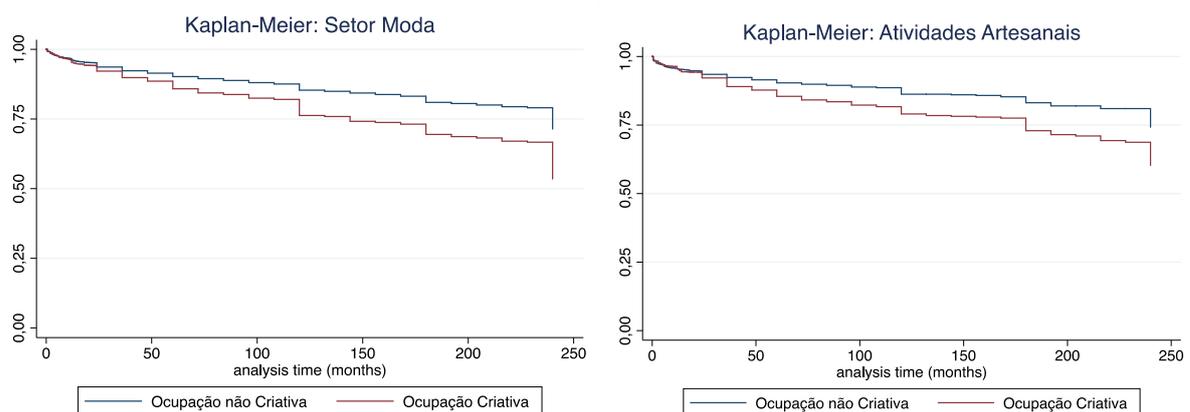
Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

APÊNDICE B – CURVAS KAPLAN-MEIER PARA OS SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA

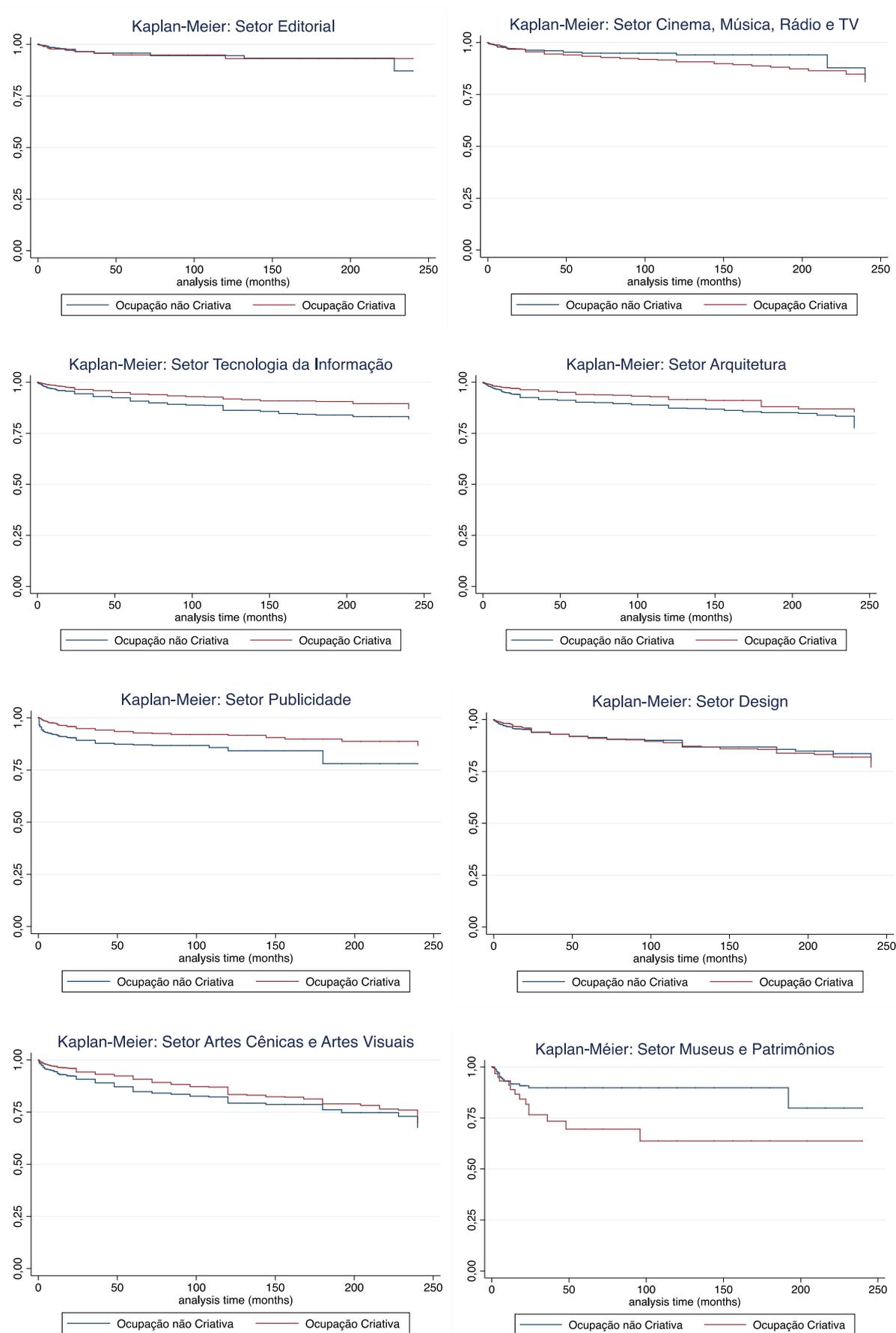
As curvas de sobrevivência no emprego Kaplan Meier para a divisão por setores da economia criativa parecem em geral não apresentar grande divergências entre os setores. Em geral, os indivíduos que desempenham atividades criativas tendem a ter uma maior probabilidade de permanecer no emprego ao longo do tempo, 240 meses, do que os trabalhadores que não exercem atividades criativas, para os setores Tecnologia da Informação, Arquitetura, Publicidade e Artes Cênicas e Artes Visuais. Para os setores Editorial e Design as curvas parecem coincidir e nos outros os ocupados em atividades criativas parecem ter maior probabilidade de sobreviver no emprego ao longo do período analisado.

Para o setor Moda, na metade do tempo 75% dos ocupados criativos da amostra tem maior probabilidade de permanecer no emprego, enquanto 85% dos seus ocupados não criativos tem menores riscos de transitar para a desocupação.

O setor de Museus e Patrimônios, apesar de apresentar curvas bem descoladas, é o que tem menor ocorrência de eventos (transição para a desocupação) ao longo do tempo, o que pode representar o problema da representatividade da amostra. Assim como para os ocupados não criativos do setor Cinema, Música, Rádio e Tv, que também apresentam pouquíssimos eventos ao longo dos 240 meses.



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

ANEXO A – QUADRO 1: VARIÁVEIS EXPLICATIVAS DA PNADC/T

Variáveis explicativas PNADC/T

Variáveis explicativas	Variável no Modelo	Descrição das variáveis
Sexo	genero	Variável dummy, igual a 1 se o indivíduo for do sexo masculino e 0 se o indivíduo for do sexo feminino
Cor	cor	Variável dummy, igual a 1 se o indivíduo se declarar branco e a 0 se o indivíduo se declarar preto ou pardo
Condição no domicílio	condom	Variável dummy, igual a 1 se o indivíduo for chefe do domicílio e a 0 se o indivíduo possuir outra condição.
Dummies de idade	idade	Quatro variáveis dummies (referência indivíduos com idade entre 18 e 29 anos) 18 a 29 anos 30 a 39 anos 40 a 49 anos 50 a 59 anos
Escolaridade	educ	Quatro variáveis dummies, referência indivíduos com Ensino Fundamental Incompleto Fundamental incompleto Fundamental completo/Médio incompleto Médio completo/Superior incompleto Superior completo
Anos de Estudo	anos_educ	Variável categórica: 1 a 16 anos de estudo
Posição na ocupação	posiocup	Quatro variáveis dummies, referência empregados com carteira de trabalho assinada Empregado com carteira de trabalho assinada Empregado sem carteira de trabalho assinada Conta própria Empregador
Faixa de horas trabalhadas	horastrab	Cinco variáveis dummies, referência jornada de trabalho de até 14 h semanais Até 14h 15 a 39h 40 a 44h 45 a 48h 49 ou mais
Contribuição com a previdência social	contribuicao	Variável dummy, igual a 1 se o indivíduo contribui com a previdência e a 0 caso contrário
Região	regiao	Cinco variáveis dummies, referência Sudeste Sudeste Norte Nordeste Sul Centro-Oeste
Área	urbano	Variável dummy, igual a 1 se o indivíduo reside em área urbana e a 0 se reside em área rural
Área metropolitana	metrop	Variável dummy, igual a 1 se o indivíduo reside em capital ou região metropolitana e a 0 se reside no restante da UF
Experiência Profissional	exp	$exp = idade - anos_educ - 6$
Variáveis de remuneração		VD4016 a VD4020
Ano (2012 a 2021)	Ano_1	Dez variáveis dummies temporais (referência o ano de 2012)

Fonte: Elaboração própria a partir do dicionário da PNADC/T

ANEXO B – SETORES CRIATIVOS SEPARADOS POR CÓDIGO CNAE 2.0

Setores Criativos e Códigos CNAE 2.0 Associados		
Código CNAE e Descrição		Setor
13002	Fabricação de artigos de joalheria, bijuteria e semelhantes	
14001	Confecção de artigos do vestuário e acessórios, exceto sob medida	Moda
14002	Confecção, sob medida, de artigos do vestuário	
13001	Preparação de fibras, fiação e tecelagem	
16002	Fabricação de produtos de madeira, cortiça e material trançado, exceto móveis	Atividades Artesanais
32001	Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário	
58000	Edição e Edição integrada à impressão	Editorial
59000	Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão, gravação de som e de música	Cinema, Música, Fotografia, Rádio e TV
60001	Atividades de rádio	
60002	Atividades de televisão	
62000	Atividades dos serviços de tecnologia da informação	Tecnologia da Informação
63000	Atividades de prestação de serviços de informação	
95010	Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação	
71000	Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas; Testes e análises técnicas	Arquitetura
73010	Publicidade	Publicidade e Serviços Empresariais
74000	Outras atividades profissionais, científicas e técnicas não especificadas anteriormente	Design
90000	Atividades artísticas, criativas e de espetáculos	Artes Cênicas e Artes Visuais
91000	Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental	Museus e Patrimônio

Fonte: Elaboração própria a partir da tabela CNAE 2.0

ANEXO C – OCUPAÇÕES CRIATIVAS SEPARADAS PELA CBO

Ocupações criativas e grupos ocupacionais na variável Trabalhadores Criativos		
Código	Descrição	Categoria
1221	Dirigentes de vendas e comercialização	Publicidade
1222	Dirigentes de publicidade e relações públicas	
2431	Profissionais da publicidade e da comercialização	
2432	Profissionais de relações públicas	
2161	Arquitetos de edificações	Arquitetura
2162	Arquitetos paisagistas	
2164	Urbanistas e engenheiros de trânsito	
3118	Desenhistas e projetistas técnicos	
7312	Confeccionadores e afinadores de instrumentos musicais	Atividades
7313	Joalheiros e lapidadores de gemas, artesãos de metais preciosos e semipreciosos	
7317	Artesãos de pedra, madeira, vime, e materiais semelhantes	Artesanais
7318	Artesãos de tecidos, couros e materiais semelhantes	
7319	Artesãos não classificados anteriormente	
7534	Tapeceiros, colcheiros e afins	
2166	Desenhistas gráficos e de multimídia	Design
3432	Desenhistas e decoradores de interiores de interiores	
7316	Redatores de cartazes, pintores decorativos e gravadores	
2163	Desenhistas de produtos e vestuário	Moda
7531	Alfaiates, modistas, chapeleiros e peleteiros	
7532	Trabalhadores qualificados da preparação da confecção de roupas	
7533	Costureiros, bordadeiros e afins	
1431	Gerentes de centros esportivos, de diversão e culturais	Filme, Música, TV, Vídeo, Rádio
2654	Diretores de cinema, de teatro e afins	
3431	Fotógrafos	
3521	Técnicos de radiodifusão e gravação audiovisual	
2656	Locutores de rádio, televisão e outros meios de comunicação	
2354	Outros professores de música	
2652	Músicos, cantores e compositores	
1330	Dirigentes de serviços de tecnologia da informação e comunicações	
2356	Instrutores em tecnologias da informação	
2511	Analistas de Sistemas	
2512	Desenvolvedores de programas e aplicativos (software)	
2513	Desenvolvedores de páginas de internet (web) e multimídia	
2514	Programadores de aplicações	
2519	Desenvolvedores e analistas de programas e aplicativos (software) e multimídia não classificados anteriormente	
2521	Desenhistas e administradores de base de dados	
2522	Administradores de sistemas	
2523	Profissionais em rede de computadores	
2529	Especialistas em base de dados e em redes de computadores não classificados anteriormente	
3511	Técnicos em operações de tecnologia da informação e das comunicações	
3512	Técnicos em assistência ao usuário de tecnologia da informação e das comunicações	
3513	Técnicos de redes e sistemas de computadores	
3514	Técnicos da web	
2641	Escritores	Editorial
2642	Jornalistas	
2643	Tradutores, intérpretes e linguistas	
2621	Arquivologistas e curadores de museus	Museus, galerias e bibliotecas
2622	Bibliotecários, documentaristas e afins	
3433	Técnicos em galerias de arte, museus e bibliotecas	Música, Artes Cênicas e Artes Visuais
2355	Outros professores de artes	
2651	Artistas plásticos	
2653	Bailarinos e coreógrafos	
2655	Atores	
2659	Artistas criativos e interpretativos não classificados anteriormente	
3435	Outros profissionais de nível médio em atividades culturais e artísticas	
5241	Modelos de moda, arte e publicidade	

Fonte: Elaboração própria a partir da tabela Classificação de Ocupações Brasileira.

ANEXO D – RESULTADOS LOGIT MUNTINOMIAL MODELO 3 E MODELO 4

Logit Multinomial		Modelo 3				Modelo 4				Modelo 4			
		Log pseudolikelihood: M3 -67570641 M4 -25922959		Resultados em Razão de Chance		Observações: 508.034 W Chi²(34): 72696,55 P > Chi² = 0 Pseudo R²: 0,46		Observações: 322.191 W Chi²(34): 39103,53 P > Chi² = 0 Pseudo R²: 0,4981					
Y = Mercado de Trabalho 2	Ocupação e Setor Criativo				Ocupação Não Criativa e Setor Criativo				Ocupação Criativa e Setor Não Criativo				
	Modelo 3		Modelo 4		Modelo 3		Modelo 4		Modelo 3		Modelo 4		
	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	RRR	Coef. (t)	
Mercado de Trabalho 1:													
Ocup Criativo e Setor Criativo	953,845	6,8605*** (-0,0467)	509,320	6,2331*** (-0,0503)	56,778	4,0391*** (-0,0507)	52,323	3,9574*** (-0,0623)	42,207	3,7426*** (-0,0581)	34,158	3,5310*** (-0,0911)	
Ocup Não Criativo e Setor Criativo	63,892	4,1572*** (-0,0563)	59,925	4,0931*** (-0,0641)	150,675	5,0151*** (-0,0321)	181,471	5,2011*** (-0,0477)	4,239	1,4444*** (-0,0795)	6,864	1,9263*** (-0,1267)	
Ocup Criativo e Setor Não Criativo	46,160	3,8321*** (-0,0551)	43,089	3,7633*** (-0,0864)	3,935	1,3700*** (-0,0807)	5,631	1,7282*** (-0,1369)	88,547	4,4835*** (-0,0353)	123,810	4,8187*** (-0,0707)	
Escolaridade:													
médio incompleto	-	-	1,317	0,2751*** (-0,0627)	-	-	1,300	0,2625*** (-0,0589)	-	-	1,562	0,4458*** (-0,0849)	
médio completo	-	-	1,606	0,4737*** (-0,0507)	-	-	1,432	0,3591*** (-0,0508)	-	-	1,968	0,6768*** (-0,0753)	
superior	-	-	2,244	0,8083*** (-0,0595)	-	-	1,558	0,4435*** (-0,0642)	-	-	3,121	1,1380*** (-0,0882)	
Genero	1,102	0,0968** (-0,0344)	0,570	-0,5621*** (-0,0425)	1,018	0,0174 (-0,0288)	0,801	-0,2216*** (-0,0418)	1,348	0,2989*** (-0,0323)	1,033	0,0321 (-0,0644)	
Cor	1,288	0,2528*** (-0,0367)	1,097	0,0929* (-0,0446)	1,123	0,1157*** (-0,0312)	1,070	0,0672 (-0,0449)	1,318	0,2759*** (-0,0339)	1,031	0,0303 (-0,0635)	
Faixa idade:													
30 - 39 anos	0,895	-0,1112** (-0,0417)	0,877	-0,1311 (-0,067)	0,880	-0,1279*** (-0,0364)	0,940	-0,0619 (-0,0643)	1,005	0,0054 (-0,038)	0,901	-0,104 (-0,0918)	
40 - 49 anos	0,775	-0,2554*** (-0,0489)	0,873	-0,1363* (-0,068)	0,860	-0,1513*** (-0,039)	0,940	-0,0623 (-0,0648)	0,960	-0,041 (-0,0462)	0,949	-0,0523 (-0,0967)	
50 - 59 anos	0,868	-0,1418* (-0,069)	1,050	0,049 (-0,0699)	0,917	-0,0865 (-0,0495)	1,044	0,0432 (-0,0688)	0,919	-0,0848 (-0,0504)	0,929	-0,074 (-0,0997)	
60 - 70 anos	0,849	-0,1636 (-0,1169)	1,135	0,1269 (-0,0853)	0,918	-0,0852 (-0,0964)	1,226	0,2042* (-0,0927)	0,892	-0,1142 (-0,0992)	0,950	-0,0514 (-0,1257)	
Condição domicílio													
Região:													
norte	0,586	-0,5340*** (-0,0614)	0,746	-0,2928*** (-0,0635)	0,603	-0,5055*** (-0,0579)	0,824	-0,1941** (-0,0661)	0,716	-0,3343*** (-0,0549)	0,652	-0,4271*** (-0,1072)	
nordeste	0,770	-0,2613*** (-0,0464)	0,874	-0,1343** (-0,0506)	0,972	-0,0288 (-0,0377)	1,019	0,0184 (-0,056)	0,748	-0,2908*** (-0,0407)	0,753	-0,2831*** (-0,071)	
sul	0,951	-0,0503 (-0,0411)	0,941	-0,0609 (-0,0542)	1,161	0,1490*** (-0,0332)	1,158	0,1468** (-0,0553)	0,908	-0,0963* (-0,038)	0,848	-0,1647* (-0,0729)	
centro oeste	0,786	-0,2408*** (-0,0511)	0,794	-0,2301*** (-0,0651)	0,904	-0,1013* (-0,044)	1,202	0,1837** (-0,0614)	0,771	-0,2595*** (-0,0438)	0,710	-0,3421*** (-0,0847)	
Área Metropolitana	1,479	0,3911*** (-0,0359)	1,186	0,1707*** (-0,0428)	1,203	0,1846*** (-0,0293)	1,163	0,1508*** (-0,0428)	1,476	0,3892*** (-0,0313)	1,341	0,2938*** (-0,0603)	
Área Urbana													
Posição na ocupação:													
sem carteira	1,173	0,1595* (-0,0784)	-	-	0,911	-0,0934 (-0,0563)	-	-	0,873	-0,1357* (-0,0541)	-	-	
empregador	1,171	0,1578* (-0,0737)	-	-	1,176	0,1619** (-0,0563)	-	-	0,930	-0,0721 (-0,0668)	-	-	
conta própria	1,754	0,5621*** (-0,0523)	-	-	0,915	-0,089 (-0,0465)	-	-	0,729	-0,3158*** (-0,051)	-	-	
Faixa horas trabalhadas:													
15 - 39 horas	1,093	0,0885 (-0,0763)	1,004	0,0039 (-0,0721)	1,067	0,0651 (-0,0696)	1,183	0,1683* (-0,0767)	0,764	-0,2689** (-0,0851)	0,774	-0,2560** (-0,0918)	
40 - 44 horas	1,079	0,0758 (-0,0733)	0,837	-0,1783* (-0,0763)	1,326	0,2821*** (-0,0666)	1,345	0,2962*** (-0,0776)	0,858	-0,1536 (-0,0829)	0,768	-0,2642** (-0,0949)	
45 - 48 horas	0,702	-0,3534*** (-0,089)	0,660	-0,4162*** (-0,094)	1,112	0,106 (-0,0748)	1,291	0,2551** (-0,0976)	0,640	-0,4468*** (-0,0924)	0,696	-0,3625** (-0,122)	
49 ou mais horas	1,031	0,0304 (-0,0863)	0,821	-0,1976* (-0,0809)	1,094	0,0897 (-0,075)	1,178	0,1635* (-0,082)	0,784	-0,2432** (-0,0886)	0,677	-0,3905*** (-0,1019)	
Não Contribuinte:													
1,095	0,0905 (-0,0549)	1,095	0,0906 (-0,0467)	1,089	0,0854 (-0,0471)	1,014	0,014 (-0,047)	0,934	-0,0679 (-0,0515)	0,901	-0,1047 (-0,0658)		
Ano:													
2013	1,098	0,0937 (-0,0784)	1,223	0,2011* (-0,0967)	0,933	-0,0697 (-0,0589)	0,999	-0,0007 (-0,0734)	1,027	0,0264 (-0,0656)	0,809	-0,2115 (-0,1246)	
2014	1,294	0,2580*** (-0,0758)	1,834	0,6066*** (-0,0948)	0,945	-0,0567 (-0,0588)	0,749	-0,2895*** (-0,0809)	1,059	0,0577 (-0,0636)	0,809	-0,2121 (-0,1235)	
2015	1,019	0,0193 (-0,0756)	1,480	0,3918*** (-0,0926)	0,853	-0,1594** (-0,06)	0,754	-0,2823*** (-0,0832)	1,006	0,0058 (-0,0653)	0,970	-0,0304 (-0,119)	
2016	0,997	-0,0035 (-0,079)	1,388	0,3275*** (-0,0976)	0,776	-0,2531*** (-0,0683)	0,678	-0,3889*** (-0,0835)	1,005	0,0055 (-0,0634)	0,815	-0,204 (-0,1233)	
2017	1,027	0,0269 (-0,0762)	1,424	0,3533*** (-0,092)	0,786	-0,2403*** (-0,0594)	0,792	-0,2331** (-0,0812)	0,990	-0,01 (-0,0635)	0,778	-0,2506* (-0,1207)	
2018	1,086	0,0821 (-0,0722)	1,495	0,4020*** (-0,0894)	0,805	-0,2175*** (-0,0583)	0,755	-0,2806*** (-0,0823)	1,004	0,004 (-0,0637)	0,781	-0,2467* (-0,1156)	
2019	1,135	0,1262 (-0,0745)	1,443	0,3664*** (-0,0937)	0,874	-0,1350* (-0,0592)	0,723	-0,3244*** (-0,0823)	0,994	-0,0058 (-0,0656)	0,787	-0,2 (-0,13)	
2020	1,155	0,1444 (-0,0955)	1,297	0,2599* (-0,1052)	0,790	-0,2353** (-0,0721)	0,674	-0,3943*** (-0,1076)	1,009	0,0092 (-0,0754)	0,710	-0,3424* (-0,1641)	
2021	1,136	0,1273 (-0,0856)	1,360	0,3077** (-0,1085)	0,787	-0,2396** (-0,0763)	0,697	-0,3615*** (-0,0977)	1,028	0,0272 (-0,0839)	0,766	-0,2667 (-0,1412)	
2022	1,123	0,1159 (-0,0875)	1,241	0,2161 (-0,1135)	0,872	-0,1368* (-0,0679)	0,653	-0,4268*** (-0,0984)	0,938	-0,0643 (-0,0725)	0,871	-0,1379 (-0,1328)	
Constante	0,003	-5,7895*** (-0,1013)	0,006	-5,1747*** (-0,1241)	0,012	-4,4250*** (-0,0849)	0,008	-4,8489*** (-0,1171)	0,013	-4,3560*** (-0,1042)	0,007	-4,9797*** (-0,1612)	

* p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

ANEXO E – RESULTADOS LOGIT BINÁRIO PARA TODOS OS SETORES

Logit Binário	Observações: 22.189		Observações: 2.053		Observações: 527		Observações: 1.354		Observações: 5.085	
	Wald Chi²(33): 4333,82		Wald Chi²(33): 493,83		Wald Chi²(33): 215,66		Wald Chi²(33): 419,57		Wald Chi²(33): 953,83	
	P > Chi² = 0		P > Chi² = 0		P > Chi² = 0		P > Chi² = 0		P > Chi² = 0	
	Pseudo R²: 0,3974		Pseudo R²: 0,6772		Pseudo R²: 0,6099		Pseudo R²: 0,5786		Pseudo R²: 0,3824	
	Moda		Atividades Artesanais		Editorial		Cinema, Música, Rádio e TV		Tecnologia da Informação	
Y = Trabalhadores Entrevista_2	OR	Coef. (t)	OR	Coef. (t)	OR	Coef. (t)	OR	Coef. (t)	OR	Coef. (t)
Mercado de Trabalho Entrevista_1:	11,215	2,4172*** (-0,054)	156,295	5,0517*** (-0,2715)	106,893	4,6718*** (-0,3934)	127,402	4,8473*** (-0,303)	22,704	3,1226*** (-0,1177)
Escolaridade:										
médio incompleto	1,054	0,0526 (-0,0757)	2,194	0,7856* (-0,3591)	2,394	0,8731 (-0,9756)	1,489	0,3984 (-0,6433)	0,853	-0,1591 (-0,4491)
médio completo	1,126	0,1189 (-0,0682)	2,336	0,8485** (-0,2974)	2,031	0,7086 (-0,8348)	1,679	0,5184 (-0,5244)	1,660	0,507 (-0,3433)
superior	1,195	0,1778 (-0,1067)	2,045	0,7155 (-0,5063)	11,389	2,4326** (-0,8542)	2,144	0,7628 (-0,5883)	3,749	1,3216*** (-0,3372)
Genero:	0,576	-0,5512*** (-0,0788)	0,631	-0,4603 (-0,3607)	2,406	0,8779* (-0,4042)	1,660	0,507 (-0,2688)	1,692	0,5260*** (-0,1524)
Cor:	0,892	-0,1143 (-0,0588)	0,606	-0,5008 (-0,3019)	0,518	-0,6587 (-0,4703)	0,815	-0,2044 (-0,2942)	1,160	0,1486 (-0,1266)
Faixa idade:										
30 - 39 anos	1,060	0,0579 (-0,0807)	0,732	-0,3115 (-0,4205)	1,625	0,4857 (-0,4768)	1,568	0,45 (-0,3255)	0,994	-0,0059 (-0,1397)
40 - 49 anos	1,159	0,1477 (-0,0828)	1,178	0,164 (-0,4265)	1,016	0,0157 (-0,4707)	1,231	0,2076 (-0,3678)	0,809	-0,2116 (-0,1709)
50 - 59 anos	1,318	0,2762** (-0,0955)	1,021	0,0205 (-0,4235)	2,455	0,8982 (-0,6284)	1,347	0,2981 (-0,4434)	1,262	0,2329 (-0,2089)
60 - 70 anos	1,573	0,4528*** (-0,1223)	1,135	0,1262 (-0,7151)	1,007	0,0066 (-1,0148)	2,082	0,7333 (-1,0443)	0,407	-0,8979 (-0,6223)
Condição domicílio:	1,118	0,1115* (-0,0536)	0,909	-0,0953 (-0,2645)	0,762	-0,2712 (-0,3914)	0,648	-0,4338 (-0,3051)	0,905	-0,0996 (-0,1198)
Região:										
norte	1,552	0,4398*** (-0,115)	0,371	-0,9907** (-0,3501)	0,679	-0,3875 (-0,8149)	1,290	0,2545 (-0,3593)	0,772	-0,259 (-0,2761)
nordeste	0,952	-0,0494 (-0,0731)	0,946	-0,0554 (-0,32)	1,877	0,6295 (-0,5478)	1,426	0,3546 (-0,3126)	0,813	-0,2065 (-0,1685)
sul	0,811	-0,2095** (-0,0669)	0,909	-0,0957 (-0,3358)	1,589	0,4628 (-0,5263)	1,761	0,5656 (-0,3933)	1,015	0,0146 (-0,1416)
centro oeste	0,535	-0,6258*** (-0,0862)	0,953	-0,0484 (-0,7303)	2,493	0,9134 (-0,5886)	2,845	1,0455* (-0,5135)	1,029	0,0284 (-0,183)
Área Metropolitana:	1,143	0,1334* (-0,0597)	0,778	-0,2512 (-0,3682)	0,870	-0,1394 (-0,4127)	0,853	-0,1586 (-0,2832)	0,863	-0,1479 (-0,1232)
Posição na ocupação:										
sem carteira	1,682	0,5197*** (-0,0894)	2,033	0,7098 (-0,4032)	3,617	1,2857* (-0,5195)	0,798	-0,2255 (-0,3693)	1,152	0,1416 (-0,1795)
empregador	1,582	0,4587** (-0,1621)	2,322	0,8425 (-0,5772)	0,483	-0,7284 (-1,0568)	3,758	1,324 (-0,92)	0,610	-0,4941* (-0,2291)
conta própria	3,841	1,3458*** (-0,0722)	3,756	1,3233*** (-0,3898)	6,599	1,8870* (-0,7358)	3,966	1,3777** (-0,4646)	0,730	-0,3141* (-0,1562)
Faixa horas trabalhadas:										
15 - 39 horas	1,034	0,0338 (-0,0891)	0,778	-0,2516 (-0,4822)	0,298	-1,2092* (-0,5179)	2,653	0,9756 (-0,5889)	0,956	-0,0449 (-0,3258)
40 - 44 horas	0,773	-0,2570** (-0,0881)	0,300	-1,2027* (-0,4677)	0,780	-0,2485 (-0,479)	0,756	-0,2797 (-0,5814)	1,032	0,0319 (-0,31)
45 - 48 horas	0,667	-0,4052** (-0,137)	0,625	-0,4706 (-0,5691)	1,028	0,0275 (-0,8299)	1,502	0,4069 (-0,6749)	0,411	-0,8899* (-0,3687)
49 ou mais horas	0,670	-0,4011*** (-0,1068)	0,605	-0,502 (-0,6297)	0,765	-0,2677 (-0,8021)	0,859	-0,1519 (-0,6467)	0,705	-0,3502 (-0,3271)
Ano:										
2013	0,943	-0,0583 (-0,1198)	0,556	-0,5865 (-0,6612)	0,519	-0,6558 (-0,7028)	2,405	0,8777 (-0,6326)	1,302	0,2643 (-0,2852)
2014	4,054	1,3998*** (-0,1121)	1,724	0,5447 (-0,7143)	1,595	0,4671 (-0,6501)	1,858	0,6197 (-0,5879)	1,296	0,2593 (-0,2951)
2015	2,462	0,9010*** (-0,1138)	0,333	-1,1004 (-0,714)	2,302	0,8336 (-0,6016)	5,079	1,6252** (-0,619)	1,177	0,1634 (-0,2995)
2016	2,766	1,0173*** (-0,121)	0,391	-0,94 (-0,9114)	2,008	0,6971 (-0,6222)	5,107	1,6305** (-0,5651)	1,002	0,0018 (-0,2804)
2017	2,635	0,9690*** (-0,1209)	0,296	-1,216 (-0,8646)	0,527	-0,6407 (-1,0562)	5,338	1,6748** (-0,5467)	1,365	0,3111 (-0,271)
2018	2,859	1,0504*** (-0,1165)	0,652	-0,4283 (-0,6691)	0,726	-0,3197 (-0,9939)	3,384	1,2190* (-0,5261)	1,139	0,1305 (-0,2629)
2019	3,054	1,1163*** (-0,1158)	0,727	-0,319 (-0,7691)	3,275	1,1862 (-0,9109)	2,469	0,9038 (-0,5133)	1,282	0,2484 (-0,2561)
2020	2,463	0,9013*** (-0,1622)	0,568	-0,5662 (-0,6915)	0,897	-0,1088 (-0,5867)	5,580	1,7192** (-0,5644)	1,063	0,0613 (-0,2902)
2021	2,558	0,9394*** (-0,1303)	0,727	-0,3188 (-0,6994)	2,445	0,8941 (-0,5924)	3,266	1,1837 (-0,6448)	1,533	0,4274 (-0,2594)
2022	2,296	0,8310*** (-0,1374)	0,426	-0,8538 (-0,711)	1,619	0,4819 (-0,7556)	2,109	0,7462 (-0,7759)	1,273	0,2412 (-0,2813)
Constante:	0,054	-2,9117*** (-0,1579)	0,161	-1,8290* (-0,7888)	0,009	-4,6624*** (-1,2628)	0,013	-4,3691*** (-1,0989)	0,094	-2,3603*** (-0,5171)

* p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Fonte: Elaboração própria baseado nos dados da PNADC/T disponíveis pelo IBGE.

